



# PUC RIO

VILMA RANGEL

A PSICOTERAPIA DE GRUPO  
COM FUNDAMENTAÇÃO PSICANALÍTICA  
- UM ROSTO CARIOCA-

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

RIO DE JANEIRO, MARÇO DE 1996

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA  
DO RIO DE JANEIRO

Rua Marquês de São Vicente, 225 - Gávea  
CEP 22453-900 Rio de Janeiro RJ Brasil  
<http://www.puc-rio.br>

N.Chamada: 150 / R196p / TESE UC

Título: A psicoterapia de grupo com fundamentaçã



0 0 9 5 7 8 4  
Ex. 1-CENTRAL 2114

**Vilma Rangel**

**A PSICOTERAPIA DE GRUPO  
COM FUNDAMENTAÇÃO PSICANALÍTICA  
— UM ROSTO CARIOCA —**



**Dissertação apresentada ao  
Departamento de Psicologia da  
PUC/RJ, como parte dos  
requisitos para obtenção do título  
de mestre em Psicologia**

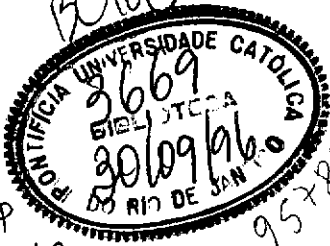
**Orientadora: Esther Maria Magalhães Arantes**

**Departamento de Psicologia  
Pontifícia Universidade Católica**

**Rio de Janeiro, março de 1996**

Beld

150  
R196p  
TESEUC



95784

## **Agradecimentos**

- *à Prof. Esther Maria Magalhães Arantes, por sua orientação e paciência.*
- *a Felipe e Emilio, pela incondicional solidariedade.*
- *ao Silvano, pelo companheirismo e capacidade de espera .*
- *a todos os entrevistados que gentilmente ofertaram horas de seu trabalho ou lazer, para oferecer depoimentos que, na verdade, compuseram essa dissertação.*
- *às instituições e aos amigos, que viabilizaram o material de trabalho.*
- *a Ana Vinhas, grande auxiliar na revisão de todo este trabalho.*
- *ao CAPES, pela bolsa concedida durante todo o período do curso, sem a qual não teria conseguido viabilizar a pesquisa.*
- *à SILVANA VAZ , imagem viva nos grupos por onde passou .*

## RESUMO

A partir dos anos 50, a Psicoterapia de Grupo com fundamentação psicanalítica se inicia no Rio de Janeiro, transformando-se, na década seguinte em objeto da prática clínica de uma parcela significativa de psicanalistas.

Após um crescimento progressivo por mais de duas décadas, atuando junto a uma clientela privilegiada formada basicamente de psicólogos, estudantes universitários e intelectuais da zona sul da cidade, constata-se o rápido declínio dessa modalidade terapêutica.

Esse trabalho visa descrever os fatores que colaboraram para essa diferença de intensidade do uso do dispositivo grupo com fundamentação psicanalítica, utilizando-se, para tal, de dados bibliográficos e de entrevistas com 26 pessoas entre profissionais da área "psi" e clientes.

Nossa hipótese é de que esta forma terapêutica atendeu a uma demanda de expansão da psicanálise, num momento em que a rigidez e a ortodoxia das sociedades psicanalíticas ligadas à IPA, restringiam seu alcance, tanto como terapêutica como quanto profissão a uma pequena parcela da classe média em ascensão.

Mesmo sendo vivida como um "prêmio de consolação" por aqueles que não tinham acesso às análises individuais, a psicoterapia de grupo ajudou a obturar uma crítica de que a psicanálise seria uma prática elitista.

Uma vez acomodada a demanda da classe média pela psicanálise, o grupo retorna ao seu lugar de prática "menor" e menos "nobre", no contexto das psicoterapias psicanalíticas, resultando, como consequência dessa utilização equivocada, uma incapacidade de produção de um ideário teórico capaz de oferecer consistência a essa oportunidade terapêutica.

## SUMMARY

Psychoanalytical based Group Psychotherapy began in the 50s in Rio de Janeiro and became a means of practice for a significant number of psychoanalysts in the following decade. However, after two decades of steady growth, dealing with privileged clients who were mainly psychologists, university students and intellectuals from the wealthy south zone of the city, a rapid decrease of this type of therapy was registered.. The aim of this work is to describe the facts that contributed to the intensity difference of the use of psychoanalytical based group psychotherapy. In order to do so, bibliographic data was used, and 26 people, including professionals from the psychoanalytical field and clients were interviewed.

Our theory is that this kind of therapy met the demand of an expanding psychoanalysis need of small part of an upwardly mobile middle class. During that period, when the rigidity and orthodoxy of the psychoanalytical societies connected to the IPA (International Psychoanalytical Association), restricted the use of psychoanalysis for therapy as well as a profession.

Although it was looked on as a consolation prize for those who did not have access to individual analysis, psychoanalytical based group psychotherapy was used to rebuke the criticism that psychoanalysis was an elite practice.

Once the middle class' psychoanalytic needs had been met, the group therapy method went back to its place as a "minor or less noble practice", in a psychotherapy psychoanalytical context, as a consequence of this misuse of the group therapy, which is due to the incapacity to produce a plausible theory to offer substance to this therapeutic opportunity.

## ÍNDICE

	<i>página</i>
<b>INTRODUÇÃO</b>	01
<b>1. Formulando uma questão vivida</b>	
<b>2. ... um jeito mais livre de pensar...</b>	05
<b>3. ... desmembrando os objetivos</b>	10
<b>4. O caminho pelos discursos</b>	11
◊ <i>Escritos</i>	11
◊ <i>Falados...</i>	14
<b>5. Os capítulos</b>	16
<b>CAPÍTULO I — O QUE FOI FAZER PSICOTERAPIA DE GRUPO COM FUNDAMENTAÇÃO PSICANALÍTICA</b>	
<b>I.1 — Algumas imagens do caleidoscópio</b>	19
<b>1950...As Instituições de Psicanálise</b>	19
<b>1958... O Instituto de Psiquiatria da Universidade do Brasil — IPUB</b>	22
<b>• As sociedades de psicoterapia de grupo</b>	24
⇒ <i>SPAG E RIO — Sociedade de Psicoterapia Analítica de Grupo do Estado do Rio</i>	25
⇒ <i>SPAG-RJ — Sociedade de Psicoterapia Analítica de Grupo do Rio de Janeiro</i>	29
⇒ <i>Associação Brasileira de Psicoterapia Analítica de Grupo - ABPAG</i>	33



<b>1960... as comunidades terapêuticas</b>	<b>34</b>
<b>A categoria profissional dos psicólogos</b>	<b>36</b>
<b>O Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro</b>	<b>37</b>
<b>Grupoterapia nos consultórios</b>	<b>38</b>
<b>1970... O IOP... A APPIA</b>	<b>40</b>
<b>Os psicanalistas argentinos</b>	<b>43</b>
<b>A Clínica Social de Psicanálise</b>	<b>46</b>
<b>O movimento lacaniano</b>	<b>49</b>
<b>As crises das sociedades ligadas à IPA</b>	<b>50</b>
<b>O CESAC</b>	<b>52</b>
<b>Projetos de legalização</b>	<b>53</b>
<b>O Instituto de Medicina Psicológica — IMP</b>	<b>54</b>
<b>O IBRAPSI</b>	<b>55</b>
<b>A Clínica-Escola Terra</b>	<b>57</b>
<b>I.2 Uma Gramática Política como Pano de Fundo</b>	<b>59</b>
<b>50... 60</b>	<b>60</b>
<b>70...</b>	<b>64</b>
<b>1980</b>	<b>68</b>
<b>CAPÍTULO II — UM REGISTRO DO MOVIMENTO DA PSICOTERAPIA ANALÍTICA DE GRUPO NO RIO DE JANEIRO ATRAVÉS DA VOZ DE SEUS PROTAGONISTAS</b>	<b>72</b>
<b>... um ponto de vista</b>	<b>73</b>
<b>II.1 — Faz-se uma demanda</b>	<b>73</b>
<b>II.2 — Desfaz-se uma demanda</b>	<b>108</b>

<b>CAPÍTULO III — O PROCESSO DE OBJETIVAÇÃO E SUBJETIVAÇÃO</b>	<b>143</b>
<b>Nossas questões iniciais...</b>	<b>143</b>
<b>A iniciação teórica e seu uso...</b>	<b>143</b>
• <b>Influências recebidas</b>	<b>147</b>
⇒ <i>nossos mestres argentinos...</i>	<b>147</b>
⇒ <i>o que veio de Berlim...</i>	<b>151</b>
<b>Os campos iniciais da psicoterapia de grupo no Rio</b>	<b>156</b>
<b>O perfil dos terapeutas de grupo...</b>	<b>160</b>
<b>A psicoterapia de grupo vira bem de consumo</b>	<b>163</b>
<b>Os grupos como instrumento de difusão da psicanálise...</b>	<b>169</b>
<b>As sociedades de grupo na década de 70...</b>	<b>174</b>
<b>As escolas lacanianas e os grupos...</b>	<b>178</b>
<b>O atendimento às demandas começa a dispersar...</b>	<b>180</b>
<b>A PROPÓSITO DE CONCLUIR</b>	<b>182</b>
<b>RELAÇÃO DOS ENTREVISTADOS</b>	<b>187</b>
<b>BIBLIOGRAFIA</b>	<b>188</b>
<b>ANEXO I</b>	

## INTRODUÇÃO

*... "parece-me que existem, na sociedade, ou pelo menos, em nossas sociedades, vários outros lugares onde a verdade se forma, onde um certo número de regras de jogo são definidas — regras de jogo a partir das quais vemos nascer certas formas de subjetividade, certos domínios de objeto, certos tipos de saber — e por conseguinte podemos, a partir daí, fazer uma história externa, exterior da verdade..."<sup>1</sup>*

### 1. Formulando uma questão vivida

Dentre os acontecimentos que marcaram o nosso percurso como psicoterapeuta com formação psicanalítica, um deles, em especial, muito nos intrigou: o rápido descenso ocorrido com as grupoterapias de fundamentação psicanalítica, pouco depois de uma década em que aconteceu com grande intensidade.

Tendo iniciado a clínica no ano de 1970, com desejos de trabalhos que se adequassem às nossas preocupações sociais, fomos estimulados a trabalhar com grupos, o que, na época, muito entusiasmava aos profissionais das áreas humanas e sociais, particularmente os da clínica psicológica.

O modelo de trabalho grupal marcou, não somente a nós, mas a muitos terapeutas dessa época, pela valorização dada às estratégias grupais como uma das possibilidades mais "ricas" de trabalho. Se os objetivos fossem a discussão de casos, orientação de projetos de trabalho, estudo teórico, supervisão clínica,

---

<sup>1</sup> Michel Foucault. *A Verdade e as Formas Jurídicas*, Série Letras e Artes, 06/74, 1991, pg 8.

reflexão etc, quase sempre era sugerido que o aproveitamento seria muito maior se acontecessem em grupos. Era o período da primazia dos grupos sobre as atividades individuais, período em que se desenvolveram as Comunidades Terapêuticas, período do "boom" das análises de grupo, e que marcou muito nosso início de trabalho, imprimindo uma ótica que, apesar de sofrer mudanças com o tempo, seguiu conosco durante muitos anos. Uma grande tendência ao "reunismo", nos empurrava às práticas grupais.

Antes de entrarmos nas questões da pesquisa propriamente ditas, gostaríamos de assinalar que consideramos que o privilégio conferido a determinado modelo de trabalho por qualquer profissional, é determinado por fatores pessoais contextualizados numa situação histórica.

Tratando-se dos profissionais das psicoterapias, é o conjunto de suas vivências pessoais, das relações estabelecidas com seus terapeutas, das relações desenvolvidas com seus supervisores, mestres e grupos de formação, que vai conferir marcas transferenciais que vão dar uma configuração à postura de trabalho e, conseqüentemente, a uma escolha de modelo de trabalho. Uma marcação libidinal, sem dúvida, participa na determinação do privilégio concedido a um determinado modelo de trabalho pelo psicanalista. A configuração da nossa relação com o modelo de trabalho grupal, passa por todos esses canais, de relações pessoais e, principalmente histórico.

Nossa experiência como analisanda de grupo e as articulações desta com o processo de institucionalização que marcou nosso reconhecimento como analista, fizeram parte de um momento particular das psicoterapias de grupo. Nosso percurso acompanhou, e ajudou a formar, num processo dialético, um tempo em que os psicanalistas olharam para os dispositivos grupais com olhos de constituí-los como um determinado lugar de saber, por alguma razão.

O que levaria, não um ou dois, mas um grande número de profissionais a desenvolver determinado saber em determinado momento? O que configuraria esse determinante histórico?

Sabemos que a formação de determinado saber não é ingênua ou descomprometida do processo histórico e político, seja no que diz respeito à sua emergência, seja no que diz respeito aos efeitos causados.

No caso dessas psicoterapias, foi um grupo de psicanalistas ligado às sociedades de psicanálise, instituições essas bastante ortodoxas em relação aos parâmetros e critérios da análise individual, que se empenhou em desenvolver as psicoterapias de grupo com uma fundamentação psicanalítica. Esse grupo chegou mesmo a formar — a partir das sociedades que preparavam os profissionais para serem psicanalistas da técnica individual — sociedades que preparavam profissionais para a técnica grupal, a despeito da não conformidade com as premissas básicas da técnica utilizada nas sociedades psicanalíticas de origem.

As décadas de 60 e 70 são as de maior expressão dos trabalhos grupais, ganhando impulso teórico com a vinda de um grupo de psicanalistas argentinos ao Brasil. Publicações de outros países vieram também fundamentar esta forma de abordagem terapêutica e este mercado de trabalho foi rapidamente sendo ocupado pelos psicanalistas-médicos e, posteriormente, pelos psicólogos.

Foi o momento áureo do movimento grupalista, e se manteve muito ativo até a década de 80. A seguir, percebeu-se, mesmo dentro das próprias sociedades que se dispunham a estudar grupos, que o cenário havia mudado. No final dos anos 80 os psicanalistas não se interessavam tanto pela utilização deste dispositivo; o próprio cliente que antes, chegava aos consultórios pedindo análise de grupo, já não o fazia; os estudantes se queixavam da fraca produção teórica e

de grupo, já não o fazia; os estudantes se queixavam da fraca produção teórica e ficava cada dia mais difícil acontecerem as grupoterapias, pelo menos no âmbito das sociedades que possuíam como fundamentação teórica a psicanálise.

Este trabalho pretende fazer um registro histórico, tendo como objetivo principal a articulação entre as psicoterapias de grupo e a psicanálise, que teve seu momento de expressão maior nas décadas de 60 e 70, e que depois esmaeceu no horizonte das psicoterapias. Esse período foi também o do "boom" da psicanálise no Rio de Janeiro, e talvez no Brasil, mas isso, não só não invalida, como talvez reforce a importância da escolha do novo dispositivo — o grupo, como fato relevante.

No primeiro período, os grupos terapêuticos de base psicanalítica chegaram a ganhar um caráter de moda no cenário "psi". Mas, nas décadas seguintes, essas práticas, deixaram de ter a mesma importância.

Hoje, constata-se o pouco interesse dos psicanalistas e clientes pelas terapias de grupo de base analítica, existindo poucos grupos deste tipo em funcionamento.

Assim, nossas indagações se referem ao que possa ter se passado no cenário brasileiro em relação ao atendimento grupal psicanalítico nesses dois períodos, tomando como recorte o Rio de Janeiro. Não ignorando que, em outros estados, algo semelhante tenha se passado mas, considerando que foi exclusivamente no Rio de Janeiro que nossa vivência se deu, o que vem facilitar não só a coleta, como a percepção dos fatos. Além disso, parece ter sido o Rio, o lugar de maior concentração do movimento grupalista brasileiro.

## 2. ... um jeito mais livre de pensar

Este trabalho não privilegia a teoria, apesar de fazer uso dela, principalmente no que diz respeito ao modo de pensar a pesquisa e no modo de conduzi-la. Incluímos diversos autores em nossa forma de pensar, de maneira pouco ortodoxa. Não nos prendemos às teorias como amarras, mas sim como recursos de liberdade de pensar e lançamos mão de conceitos, cada vez que nos permitam abrir mais nossos pensamentos. As práticas são priorizadas neste trabalho, considerando-se também a estreita articulação entre os saberes e o extra-discursivo. As noções de "prática" e "discurso" serão aqui utilizadas no sentido colocado por Michel Foucault .

Fizemos uso de vários trabalhos de Foucault, por considerar que seu jeito de pensar o saber é um jeito, com o qual nos identificamos.

*"...toda teoria é provisória, acidental, dependente de um estado de desenvolvimento da pesquisa, que aceita seus limites, seu inacabado, sua parcialidade, formulando conceitos que clarificam dados, organizando-os, explicitando suas inter-relações desenvolvendo implicações mas que em seguida são revistos, reformulados, substituídos a partir de novo material trabalhado." <sup>2</sup>*

Segundo Foucault, para se conhecer a constituição de um determinado domínio de saber, é preciso analisar as condições de formação e modificação das relações do sujeito que conhece, para com o objeto conhecido.

Foucault assegura que novos domínios de saber são engendrados pelas práticas sociais, que podem chegar a fazer aparecer novos objetos, novos conceitos, e até novos sujeitos de conhecimento. Para ele, algumas práticas sociais submetidas a uma análise histórica, nos mostram a emergência de novas formas de pensamento, novas formas de subjetividade. Novas formas de

---

<sup>2</sup> Roberto Machado - Introdução - **Por uma Genealogia do Poder**, in Michel Foucault - **Microfísica do Poder**, pg XI

constituição do sujeito do conhecimento portanto, emergem ao mesmo tempo em que se desenvolvem essas práticas.

*"A hipótese que gostaria de propor é que, no fundo há duas histórias de verdade. A primeira é uma espécie de história interna da verdade, a história de uma verdade que se corrige a partir de seus próprios princípios de regulação: é a história da verdade tal como se faz na, ou a partir da história das ciências. Por outro lado, parece-me que existem na sociedade ou pelo menos em nossas sociedades, vários outros lugares onde a verdade se forma, onde um certo número de regras de jogo são definidas - regras de jogo a partir das quais vemos nascer certas formas de subjetividade, certos domínios de objeto, certos tipos de saber — e por conseguinte, podemos, a partir daí, fazer uma história externa, exterior, da verdade."*<sup>3</sup>

Considera que só uma história crítica do pensamento daria conta da análise destas condições, definindo como "pensamento" o ato que põe um sujeito e um objeto, diante de todas suas várias possibilidades de relação.

Para Foucault, a melhor forma de se fazer uma historiografia sobre determinado saber é analisar os modos de subjetivação e de objetivação em que se colocaram o sujeito do conhecimento e o objeto a ser conhecido, que fez com que emergisse determinada forma de saber. Ou seja:

*"... o que o sujeito deve ser, sob quais condições deve estar, que status deve ter, que posição ocupa na realidade ou no imaginário, para que se torne um sujeito legitimado a algum tipo de compreensão...*

*... sob quais condições alguma coisa pode se tornar um objeto para um possível conhecimento, como isto tem sido problematizado como um objeto a ser conhecido, para quais métodos a análise foi susceptível e quais aspectos dessa alguma coisa foram considerados pertinentes."*<sup>4</sup>

Como, para Foucault, sujeito e objeto não são independentes, tão pouco o são as condições de subjetivação e objetivação. Seu desenvolvimento é mútuo

<sup>3</sup> Foucault, *A Verdade e as Formas Jurídicas*, série letras e artes 06/74; 4ª edição- PUC/RJ, 1979, pg8.

<sup>4</sup> Foucault, *Auto Biografia*, verbete de Maurice Florence, Dictionaire des Philosophies, Paris, PUF, 1984, vol. 1, pp 941-944.



e suas ligações são recíprocas, tendo origem naquilo que chama "jogos de verdade".

Este trabalho pretende ser uma forma de estudar uma história, que Foucault chamaria de exterior da verdade. É exatamente um pensar sobre a maneira em que nossa sociedade configurou certo tipo de subjetividade, a maneira que instituiu essa forma de saber — grupoterapia psicanalítica — como um saber que definiu novas formas de convivência. Um saber que definiu uma nova relação entre os psicoterapeutas e seus clientes, criou uma nova demanda social e determinou um jeito de pensar com tal poder que contrariando as instituições da época, inseriu nova prática na sociedade carioca, abrindo um mercado de trabalho bastante profícuo, num determinado período de tempo.

Nos inspirando, então, em suas análises, tentaremos pensar, neste trabalho, o espaço em que se articularam a psicanálise e a grupoterapia, enfocando os processos de subjetivação e objetivação, que permitiram transformar "grupos de pessoas" em objeto de saber de psicanalistas.

Outro autor que muito nos ajudou foi Paul Veyne, historiador, especialmente quando nos esclarece, na linguagem foucaultiana, as questões relacionadas ao conceito de *discurso* e ao de *prática*.

Fizemos uso do discurso dos psicanalistas que participaram destes períodos e, muito nos ajudou a compreensão de que não bastaria ler esses discursos de uma maneira desatenta. Uma observação atenta do discurso nos revela coisas que as palavras enganam. As palavras nos levam a crer em objetos naturais, enquanto as coisas não passam de correlato das práticas correspondentes, nos ensina Paul Veyne.

O discurso seria o que é realmente dito, sem que os locutores o saibam: as coisas ditas seriam acanhadas, limitadas por uma gramática imprópria. O

discurso, ou sua gramática oculta não são o implícito; não estão contidos no que é dito ou no seu efeito, tem uma gramática casual e não uma gramática lógica, coerente, perfeita... Nos diz que são os acasos da história, saliências e reentrâncias das práticas vizinhas e de suas transformações que fazem com que a gramática política de uma época, consista em uma determinada prática.

Para Foucault, é necessário compreender que as coisas não passam de objetivação de práticas determinadas e que a consciência não percebe. A prática é explicada pelo próprio fazer.

Neste sentido, seria um engano tomar o objeto grupo, objeto da prática, por um objeto natural, bem conhecido. Segundo Paul Veyne...

*... "tudo gira em volta desse paradoxo, que é a tese central de Foucault, e a mais original:... o que é feito, o objeto, se explica pelo que foi o fazer em cada momento da história; enganamo-nos quando pensamos que o fazer, a prática, se explica a partir do que é feito." <sup>5</sup>*

Que práticas teriam, então ocorrido; o que foi o fazer que resultou nesta associação do dispositivo grupo à fundamentação psicanalítica, no Rio de Janeiro?

Precisamos considerar agora, as questões relacionadas à nossa implicação com a situação pesquisada. O conceito de análise da implicação pertence ao domínio da sócio-análise e diz da análise feita dos vínculos estabelecidos com as instituições em jogo.

Nosso papel é de ser, ao mesmo tempo participantes dessa história e de poder viver, hoje, um distanciamento que não nos impeça de pensar sobre ela.

---

<sup>5</sup> Paul Veyne. Foucault revoluciona a história, Como se escreve a História- Cadernos da UnB, 1930, pg 164.

Nosso esforço é no sentido de compreender que a subjetividade que ajudamos a formar ontem não é a que estamos inseridos hoje...

Alguns autores nos auxiliam neste pensar, mas é ainda Foucault que começa a nos ajudar. Um princípio metodológico foucaultiano consiste em que , a análise do domínio de saber considera a implicação do sujeito que analisa. Esta, pelo menos, é uma compreensão que fazemos daquilo que diz, quando sugere que, se dirija às práticas como sendo o domínio da análise, levando sempre o estudo em termos do que "nós fazemos".<sup>6</sup>

Analisar a forma como aqueles que procuram pensar e manejar os objetos, se instituindo como sujeito capazes, até de modificar o real, requer um caminho que, inevitavelmente, passa pela análise do poder constituído nestas práticas, assim como pela análise da subjetivação que constitui o sujeito analisador. Foucault promove suas análises, partindo da variedade de modos que o sujeito tem de fazer as coisas, e acredita que esses dados trazem a compreensão da constituição do sujeito e do objeto.

Acredita que, ao se começar a fazer uma análise deste tipo, ao se deparar com os modos de subjetivação e objetivação relativos às práticas do conhecimento, se começa a compreender o papel importante das relações de poder, aí envolvidas. Promover a genealogia de um determinado saber, significa promover uma análise histórica, em que a questão do poder é vista como instrumento de análise capaz de explicar a produção de tal saber.

*"Não há saber neutro, todo saber é político"...*  
*"Todo saber assegura o exercício de um poder"<sup>7</sup>*

---

<sup>6</sup> Foucault. *Verbete do Dictionnaire des Philosophies* - Maurice Florence- Paris, vol 1- pp 941,944.

<sup>7</sup> Roberto Machado. Introdução do livro - *Microfísica do Poder*, M. Foucault- Por uma Genealogia do Poder, pp XXI, XXII.

Torna-se importante, também, estudar os processos e técnicas que são usados nos diferentes contextos institucionais modelando os indivíduos e modificando suas maneiras de conduzirem a si próprios. Foucault não se limita aos níveis do discurso para dar conta dos saberes, se utiliza dos espaços institucionais, como prática, se atendo à relação entre o controle exercido por estes e a produção de saber.

Neste sentido, estes são dois dos principais pontos de análise de nosso trabalho: o discurso das instituições que congregavam estes saberes pesquisados, sem perder de vista nossas implicações como sujeito deste pensar.

### **3. ...desmembrando os objetivos**

Procurando historicizar a grupoterapia com referencial psicanalítico, tentamos responder a algumas questões iniciais, que uma genealogia entre a articulação dos saberes levanta. Quais sejam:

- ⇒ Que posição a psicanálise ocupa ou ocupou na realidade ou no imaginário, para se tornar, através do psicanalista, legitimada a esse tipo de compreensão (grupo com fundamentação psicanalítica)?
- ⇒ Sob que condições os grupos terapêuticos se tornaram objetos para a compreensão dos psicanalistas?
- ⇒ Que aspectos desse grupamento foram considerados pertinentes, ou seja, qual o modo de objetivação do grupo como saber pretendido?
- ⇒ Que domínio se estabeleceu antes e se estabelece agora na articulação desses dois recursos ?
- ⇒ O que emerge desta articulação ?
- ⇒ Quais as condições dessa emergência ?

⇒

⇒ Quais os principais efeitos dessa articulação ?

⇒ Sob qual a priori histórico esta experiência foi constituída?

⇒ O que mudou para que o produto dessa articulação deixasse de ser interessante? Ou seja, por que o dispositivo grupo deixou de ser tão interessante para os psicanalistas e clientes ?

A idéia geral não era responder a estas questões obrigatoriamente, mas a tentativa de resolvê-las serviu, sem dúvida, como norteamento para que nós pudéssemos nos aproximar das duas maiores e primárias questões que eram :

- Quais os processos de *objetivação* e *subjetivação* que permitiram transformar "grupo" em saber psicanalítico?
- E, partindo da idéia de que esse dispositivo não tem o mesmo valor nas décadas de 1960 e 1970 do que nas décadas seguintes, o que teria promovido essa mudança ?

#### **4. O caminho pelos discursos**

◊ *Escritos...*

Alguns autores já se aproximaram deste tema através de genealogias do movimento "psi", histórias sobre o movimento psicanalítico, ou temas correlatos da psicologia. Esses estudos foram utilizados como um primeiro passo em direção à nossa busca, tentando colher, recortar e atualizar, na medida do possível, a contextualização em que se deu a articulação da psicanálise com a psicoterapia de grupo no Rio de Janeiro.

Depois de um conhecimento mais detalhado de cada um desses trabalhos, percebemos que tínhamos objetivos e objetos diferentes mas que, sem

dúvida alguma, estes trabalhos seriam de grande ajuda em nossas questões, bem como nossa pesquisa traria aspectos novos e diferentes.

De início nos defrontamos com a tese de Cecília Coimbra que, de uma maneira brilhante, discorre sobre as práticas psi nos anos 70 no Brasil. Com a utilização dos recursos da análise institucional, a autora sugere um repensar sobre estas práticas, atenta à que demandas estas práticas atendem ou atenderam e, em qual contexto histórico se deram, além de nos lembrar o quanto somos, enquanto "psi", comprometidos com a produção de muitas subjetividades. Se utilizando de Guatarri, a autora se questiona até que ponto as práticas "psi" criam ou fortalecem territórios singulares ou reproduzem/produzindo modelos. E, se pergunta, em que momentos encontraríamos rupturas que nos permitissem afirmar algo de novo e criativo. Esta é uma de suas questões básicas.

Nossa questão em relação às grupoterapias pode também e, em algum momento será com certeza, conduzida no sentido de responder se sua eclosão foi a abertura de um espaço novo, ou uma repetição de aproveitamento de espaços conhecidos, de subjetividade produzida por circunstâncias de época.

Apostando que uma gramática política participa na formação da subjetividade, utilizamos muito dados levantados por Cecília Coimbra do contexto político em que se inseriu esse percurso.

A dissertação de Ana Cristina Costa de Figueiredo, nos coloca frente a seus pensamentos sobre a difusão da psicanálise no Rio de Janeiro num período extremamente importante para o nosso trabalho, 1970 a 1983. Em sua introdução, a autora, entre outros pontos, levanta um que será de extrema pertinência para nós:

*... "o discurso psicanalítico tem demonstrado um alto grau de flexibilidade e abrangência que lhe confere certo direito de*

*articular-se a outros discursos e práticas sociais, ora se apropriando deles, ora sendo apropriado”.*<sup>8</sup>

A dissertação de César Ibrahim, nos auxiliou com detalhamentos de um dos emergentes mais importantes do movimento das grupoterapias articuladas com a psicanálise — a Clínica Social de Psicanálise.

Torna-se difícil explicitar o quanto nos foram úteis os trabalhos de Heliana Conde, Lúcia Osório e de outros colegas. Com o conhecimento adquirido nesse material e em contato com uma bibliografia que nos serviu de apoio, partimos para um trabalho de campo.

O trabalho de campo foi todo o tempo entrelaçado com leituras de artigos que íamos buscar, por sugestões dos entrevistados, ou com leituras de livros que iam surgindo como possibilidade de complemento das idéias.

Além desse material, outros foram colhidos nas instituições que concentravam o saber psicanalítico nas referidas décadas, seja naquelas que no período, representaram o discurso oficial da psicanálise, seja nas instituições que oferecem formação em psicoterapia de grupo.

Documentos de inauguração da primeira sociedade de formação de grupo, arquivos da Clínica Social de Psicanálise, anais de congressos, estatutos e programas antigos e atuais, foram alguns dos programas que tivemos acesso.

Como já foi dito no começo, Foucault foi nossa diretriz, no que diz respeito a esclarecer nosso jeito de pensar, esclarecer nosso jeito de olhar para os saberes, e nosso jeito de utilizá-los e recorreremos a Paul Veyne como complemento das idéias foucaultianas...

---

<sup>8</sup> Ana Cristina Figueiredo. Estratégias de Difusão do Movimento Psicanalítico no Rio de Janeiro, 1970/1983, Dissertação de mestrado, 11/84 -PUC/RJ, pg 15.

Com todos esses atravessamentos teóricos partimos ao campo para nossas entrevistas e coleta de dados institucionais.

◊ *Falados...*

Finalmente, com o objetivo de pensar o modo de subjetivação dos psicanalistas que atravessaram os dois momentos marcados por nós: décadas de 60 - 70 e década de 80 em diante, trabalhamos com material de entrevistas diretas com profissionais que funcionaram como terapeutas de grupo com fundamentação psicanalítica nos períodos referidos, além de duas outras pessoas que passaram pelo processo analítico de grupo nesses períodos. No total, fizemos vinte e seis entrevistas.

O material das entrevistas utilizado por nós, é de nossa inteira responsabilidade, apesar de seus autores terem conhecimento de sua utilização.

Algumas partes deste trabalho foram muito interessantes de serem feitas mas, com certeza foi o momento das entrevistas o que mais sentimentos provocou e de diversas maneiras.

Depois de haver enviado cartas personalizadas aos que desejávamos entrevistar, obtivemos alguns tipos de resposta mas, em geral, respostas entusiasmadas de terapeutas ou clientes que gostaram muito de falar de suas experiências com grupos. Além disso, demonstraram a satisfação de perceber que alguém se interessa em pensar sobre algo que foi tão importante na vida dos terapeutas, da psicanálise, e da clientela nas décadas especialmente de 60 e 70, no Rio.

Os terapeutas em geral faziam um panorama geral do movimento grupalista, traçando seu movimento pessoal junto ao movimento maior, seu caminho percorrido, e levantavam as questões que consideravam responsáveis



tanto pelo "boom" da grupoterapia, quanto pela diminuição da escolha deste dispositivo. Em geral cada terapeuta conferia uma importância maior a um determinado aspecto, o que nos possibilitou uma análise muito ampla da questão.

Os entrevistados foram selecionados por serem psicanalistas que tivessem passado pela experiência de grupos nessas décadas. Optamos por começar por aqueles que tiveram maior número de grupos e posteriormente por aqueles que tivessem uma produção teórica importante. Com isso, fizemos uma relação de entrevistados iniciais e que nos ajudariam a levantar as principais categorias que serviram como ponto de partida para as outras.

A cada nova entrevista, o entrevistado trazia um ponto diferente. Foi muito enriquecedor constatar a quantidade de aspectos que cabiam no espaço de reflexão dos protagonistas desse movimento.

Apenas um deles se negou, apesar de ter aceito por carta e ter sido muito gentil ao telefone. Por ocasião da entrevista, em seu consultório, num sábado, não respondeu às perguntas, tentando interpretar psicanaliticamente toda fala que nós arriscávamos, com exceção de uma frase que nos dirigiu ao final, em que disse que nós lhe devíamos 150 Reais, equivalentes ao preço da consulta.

Optamos por não utilizar os dados dessa entrevista, por se tratar de pessoa bastante idosa, mas consideramos que, mesmo havendo algo nessa direção, sua arrogância de psicanalista ortodoxo das décadas de 50, 60, ainda hoje nos parece preservada. Seu nome será resguardado, em respeito à sua idade e ao horário que nos concedeu.

A maior parte dos entrevistados fala sobre o período de trabalho com grupos, como uma época áurea de seu percurso profissional e lamentando o momento atual de seu esmorecimento. Outros consideraram, mais

distanciadamente, o momento atual da psicanálise de grupo como um momento esperado, uma vez que este tipo de terapia foi muito idealizado mas que não correspondeu às expectativas, que pareciam ter um perfil messiânico. Poucos desses profissionais entrevistados, preservam algum projeto em relação a grupos.

No decorrer das entrevistas, optamos por incluir analisandos e escolhemos alguns interessados em depor sobre o assunto e que trouxeram grande contribuição, funcionando como contraponto dentro da subjetividade dos protagonistas desse movimento.

Os entrevistados foram comunicados do uso dos dados e poucos foram os que fizeram alguma modificação, quando lhes enviamos a cópia para revisão. Apenas um fez uma modificação estrutural, mas a maior parte fez apenas acertos de versão da linguagem oral para a linguagem escrita.

## **5. Os capítulos**

A divisão dos capítulos da dissertação foi acontecendo na medida em que fomos olhando para o montante de dados colhidos e percebemos que em blocos, possuíam características que diziam de nossos objetivos frente à dissertação.

Introduzir era necessário, para que pudéssemos situar o leitor não só quanto ao conteúdo da dissertação, mas quanto ao escopo teórico utilizado pelo nosso jeito de pensar. O pensar sem muitas amarras, ainda assim, precisa ser definido como tal.

Nossos objetivos, por outro lado, pareceriam um lugar comum, já que em todos os simpósios, mesas, reuniões científicas ou papos informais, a pergunta:

"O que aconteceu com a psicoterapia de grupo com fundamentação psicanalítica?" — é sempre feita. E sempre se arriscam respostas.

Os objetivos tiveram que ficar bem definidos e esmiuçados segundo a ótica foucaultiana, para que pudesse ser identificado o aprofundamento da pesquisa, numa pergunta tão cotidiana.

Pensar nossas implicações e o modo como estas poderiam interferir na dissertação, foi fundamental e, para tal, tivemos que buscar respaldo nos autores já citados, bem como tivemos que empreender esforços pessoais no sentido de manter um distanciamento adequado.

O registro do reconhecimento a todos os autores das dissertações que pudemos utilizar também, se fez imperativo na introdução, como a todos aqueles que se dispuseram a oferecer duas horas de um dia de trabalho ou de lazer, para colaborar com nossa dissertação.

O primeiro capítulo, denominamos ***O que foi o fazer Psicoterapia de Grupo com Fundamentação Psicanalítica***, e relacionamos alguns movimentos que surgiram, nas mesmas décadas, no Rio. Consideramos que, movidos pela mesma efervescência, esses movimentos testemunharam, participaram, se inter-relacionaram, provocaram sem uma conotação de causa e efeito, num mesmo espaço e tempo, o movimento da psicoterapia de grupo com fundamentação analítica.

Para descrever esses movimentos utilizamos o subtítulo: **algumas imagens do caleidoscópio.**

No entanto, ao falar sobre eles, sentimos necessidade de descrever em que contexto aconteceram, a qual gramática política estavam relacionados. Para isso, utilizamos o subtítulo: **o pano de fundo.**

Chamamos o segundo capítulo de ***Um registro do Movimento da Psicoterapia de Grupo no Rio de Janeiro, na voz de seus protagonistas.***

Nele estão concentrados os fatos, sentimentos e impressões que consideramos mais relevantes daquelas pessoas que tinham em comum a psicoterapia analítica de grupo. Conhecer o panorama subjetivo deste grupo era nosso principal objetivo. Neste capítulo todas as falas estão referenciadas no final, e tentamos fazer um caleidoscópio de tudo o que colhemos nas entrevistas que fizemos.

Chamamos a primeira parte deste capítulo de **faz-se uma demanda** e a segunda de **desfaz-se uma demanda**, por razões que tentaremos esclarecer nos comentários finais.

Os comentários finais, chamamos de **O processo de objetivação e subjetivação** e nele tentaremos comentar sobre o que colhemos em nossa pesquisa.

Todo o tempo, utilizamos várias expressões que na verdade queriam dizer a mesma coisa. São elas: grupoterapia psicanalítica, psicoterapia psicanalítica de grupo, psicoterapia de grupo com fundamentação analítica, grupoterapia com fundamentação analítica, e talvez algum outro que nos escape. Todos esses termos falam do uso do dispositivo grupo, com fins terapêuticos, utilizando-se a fundamentação psicanalítica.

A razão dessa poli nomeação define bem a dificuldade existente todo tempo, que se teve em dizer, com clareza, dessa técnica utilizada. A dificuldade de definir a técnica, seu arcabouço teórico próprio, limites e indicações, talvez tenha sido a razão do uso de tantos nomes ...a falta de um nome próprio.

Finalmente, relacionamos no final, todas as fontes de consulta, sejam escritas ou orais que tivemos o prazer de utilizar.

## CAPÍTULO I

### O QUE FOI O FAZER PSICOTERAPIA DE GRUPO COM FUNDAMENTAÇÃO PSICANALÍTICA

*... "o que é feito, o objeto, se explica pelo que foi o fazer em cada momento da história..."<sup>1</sup>*

E o que foi o fazer grupoterapia com fundamentação psicanalítica no Rio de Janeiro desde a década de 50, até a década de 90?

Como num caleidoscópio, vários elementos formam imagens que nos revelam instituições, discursos e práticas contemporâneos à articulação da psicanálise com o grupo.

Vamos destacar algumas dessas imagens, que, a nosso ver, mais se articularam com o fazer psicoterapia de grupo com fundamentação analítica.

Posteriormente, tentaremos descrever o contexto em que se deu esse fazer, com aquilo que estamos chamando uma gramática política, que teria funcionado como pano de fundo dessas imagens.

#### **I.1. ALGUMAS IMAGENS DO CALEIDOSCÓPIO**

##### **1950... As instituições de psicanálise**

O movimento psicanalítico no Rio se inicia, desde o final da guerra em 1947, mas só vai assegurar sua legitimação, com a fundação, na década de 50,

---

<sup>1</sup> Paul Marie Veyne. Foucault Revoluciona a História - Como se Escreve a História, Cadernos da UnB, 1930, pg 164.

por um grupo de médicos, do Instituto Brasileiro de Psicanálise. Esse Instituto, mais tarde, é o que vai se tornar a Sociedade Brasileira de Psicanálise.

Em 1959, ele é reconhecido pela "International Psychoanalytical Association", IPA, instituição que foi criada para controlar o cumprimento da terapêutica nos moldes criados por Freud.

Mas desde 1950, por uma crise no Instituto Brasileiro de Psicanálise, surgiu um outro grupo, que formou nova organização, o Centro de Estudos Psicanalíticos, que foi reconhecido um pouco antes, pela Sociedade Internacional, em 1955. Kemper é quem vai dirigir este Centro, que mais tarde, passa a ser a Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro.

Ainda em 53, surge um terceiro grupo, o Instituto de Medicina Psicológica, liderado por Iracy Doyle, psiquiatra formada nos EUA. Diferentemente das outras sociedades que procuraram filiação à IPA e que tinham a influência européia em seus psicanalistas formadores iniciais, esta possuía uma orientação com influência da escola culturalista americana.

*"...Do ponto de vista de Iracy Doyle, a neurose passou a ser apresentada segundo uma conceituação sócio-psicológica, e a psicanálise deveria procurar difundir-se no ambiente, servindo-se da colaboração da Antropologia, da Sociologia, da Pedagogia, do Serviço Social, da Psiquiatria, da Medicina e da Neurofisiologia, num esforço de integração que pudesse permitir melhor compreender o homem, a vida humana e seus problemas, com toda a complexidade que lhes é inerente. Entretanto, após a morte de Iracy Doyle, vários de seus discípulos procuraram formação psicanalítica em sociedades filiadas à Internacional..."*

*Seguindo a receita da "International", o Instituto filiou-se ao "William Alanson White Institute" e desenvolve uma atividade cultural até certo ponto isolada, embora aceite a colaboração de analistas de outras correntes..."<sup>2</sup>*

---

<sup>2</sup> Wilson Chebabi. Artigo "O Retorno à Clínica", do livro "Psicanálise em Crise" em janeiro de 1974.

É então na segunda metade da década de 50, que se iniciam as primeiras formações psicanalíticas no Rio de Janeiro, reconhecendo aqueles que, por formação, se tornaram os primeiros psicanalistas cariocas.

Assim, a psicanálise no Rio começa a “tomar conta do mercado psi”, representada basicamente pelas sociedades ligadas à internacional, já que o Instituto de Medicina Psicológica (IMP) tinha, nessa época, uma estrutura ainda incipiente. A psicanálise começa a reinar como “o novo saber”, seguindo, com rigidez, os preceitos da IPA. Essas sociedades crescem, com reservas somente para os médicos e com outras exigências colocadas pela IPA. Essas exigências eram de tal sorte que culminavam por só abrir possibilidades para aqueles que possuíssem boa situação econômica e grande disponibilidade de tempo, já que condicionavam a formação analítica a um tratamento pessoal, de preço bastante elevado e de, num mínimo de 4 vezes por semana, além de uma parte de estudos teóricos posteriores que só poderiam ser iniciados depois de um longo tempo de tratamento.

Os outros segmentos da comunidade “psi”, logo nos primeiros anos de repercussão da psicanálise e, diante destas condições para formação, começam a se incomodar e a se mexer.

Este cerceamento causado pelas exigências das sociedades “instituídas oficialmente”, não impede ou, até favorece a que, os próprios psicanalistas ligados à elas, partam para possibilidades que burlem essas exigências. Entre os principais movimentos nesse sentido se encontram não só o fato desses mesmos psicanalistas irem abrindo espaço para os psicólogos através de cursos, supervisões e, principalmente análise pessoal, como o fato de se permitirem, dentro das próprias sociedades, inovar a prática psicanalítica com o uso de

novas técnicas, entre elas as grupoterapias, contrariando a prática clássica individualizada..

### 1958... o Instituto de Psiquiatria da Universidade do Brasil — IPUB

Existem algumas referências por parte dos entrevistados sobre a psicoterapia de grupo na década de 50, quando ela começa a se esboçar. Além das informações recebidas nas entrevistas, encontramos também, um artigo do Dr. Chebabi, com um histórico desse início: <sup>3</sup>

*“Até 1951 nada se publicou ou se realizou com grupos terapêuticos entre nós dentro dos critérios científicos, se deixarmos de lado a praxiterapia e outras tentativas de tratamentos coletivos. O primeiro trabalho apresentado esse ano foi o de Alcyon Baer Bahia como nota prévia e comunicado à Sociedade Brasileira de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal.*

*Em 1954, D. Zimmerman começou a trabalhar com grupos em Porto Alegre dando toda ênfase ao “aqui e agora” da situação do grupo como um todo do qual cada paciente é porta-voz. Sua experiência se cristalizou num trabalho publicado em 1957. Zimmerman foi logo seguido em Porto Alegre por Cyro Martins e Ernesto La Porta que organizou pela primeira vez um grupo de psicóticos, no Hospital São Pedro.*

*Em 1956, M.P. de Almeida Prado no Rio de Janeiro organizou um grupo de alunas de enfermagem para o ensino vivido da dinâmica mental e Lígia Amaral em São Paulo começou a trabalhar com grupo de alunos no Serviço de Higiene Mental escolar.*

*Finalmente, nos primeiros meses de 1958, Walderedo I. de Oliveira reuniu um grupo de psiquiatras interessados e começou a se dedicar ao estudo da técnica de grupo, orientado sobretudo pelo trabalho dos autores argentinos, no Serviço Nacional de Doenças Mentais, no Rio de Janeiro. Isto aconteceu exatamente na época em que sentíamos claramente a oportunidade do emprego da psicoterapia de grupo no Ambulatório do Instituto de Psiquiatria da Universidade do Brasil e procurávamos um meio de penetrar em sua técnica e em sua teoria. Fomos convidados a participar dessa investigação e tivemos a oportunidade de funcionar como observadores durante um ano de um grupo misto de neuróticos com o aludido analista.*

<sup>3</sup> Wilson de Lira Chebabi. Sobre o emprego da terapêutica em psiquiatria. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, 1959



*Logo, esse trabalho despertou o interesse de outros analistas e psiquiatras e em pouco tempo era fundada a "Sociedade Brasileira de Psicoterapia de Grupo" que reuniu vários psicanalistas e psiquiatras em formação analítica voltados para esse tipo de trabalho. Em fins do mesmo ano, a sociedade já era reconhecida e filiada à "American Group Psychotherapy Association".*

*Em meados de 1958, ao assumir a Cátedra de Clínica Psiquiátrica da Faculdade Nacional de Medicina da Universidade do Brasil, o Prof. José Leme e Lopes criou um Setor de Psicanálise para a investigação da dinâmica dos grupos e de esquizofrenia, convidando o Dr. Walderedo I. de Oliveira para chefiá-la. Este se cercou de diversos colaboradores entre os quais o Dr. Ernesto La Porta que em 1959 começou a trabalhar com um grupo de esquizofrênicos." <sup>4</sup>*

Nossa entrevista com Dr. Ernesto La Porta, nos deu acesso aos dados que poderiam complementar o trabalho descrito anteriormente:

*"Quando eu cheguei no Rio, (vindo do Rio Grande do Sul), em 58, ninguém estava fazendo grupo... o Bahia, em 54, fez uma experiência e depois abandonou...eu comecei, então a fazer no Instituto de Psiquiatria e depois fui procurado para atender a um grupo de estudantes de medicina e de médicos que freqüentavam a Santa Casa, num trabalho com o Danilo Perestello (que havia chegado de sua formação na Argentina em 1949)...*

*Eles estudavam, faziam cursos, conferências e aulas semanais em medicina psicossomática. Então ele achou que aquele pessoal que ouvia as conferências sobre medicina psicossomática, tinha que ter uma noção, uma experiência de psicoterapia, para entender melhor o que ele dizia... outras pessoas começaram a me procurar... e dali a pouco, eu já estava com o segundo grupo." (\*10)*

O Rio Grande do Sul, talvez pela sua proximidade com a Argentina, dá início à psicoterapia de grupo no Brasil. A influência argentina é marcante através de um grupo de profissionais que lá foram fazer sua formação psicanalítica. Os psicanalistas argentinos, por sua vez, foram buscar influência nos trabalhos e estudos diretos com Bion em Londres, e já tinham sua sociedade organizada em 1954. Neste ano, os argentinos desse grupo, compareceram ao Primeiro

---

<sup>4</sup> Wilson de Lira Chebabi, *Jornal Brasileiro de Psiquiatria, Sobre o Emprego da Terapêutica em Psiquiatria* 1959.

Congresso Internacional de Psicoterapia de Grupo e sua sociedade (Asociación Argentina de Psicología y Psicoterapia de Grupo) foi reconhecida pela "American Group Psychotherapy Association."

### **As sociedades de psicoterapia de grupo**

No período em que se deu aquilo que estamos chamando de "boom" da psicoterapia de grupo com fundamentação analítica, surgem, entre outros movimentos, instituições que vão concentrar a formação dos profissionais interessados nesta técnica.

No Brasil, para quatro sociedades de formação de psicanálise individual, duas em São Paulo e duas no Rio, foram criadas quatro sociedades de grupo. No Rio, de cada uma das duas Sociedades de Psicanálise, saem alguns analistas que vão formar as sociedades de grupo: Sociedade de Psicoterapia Analítica de Grupo do Estado do Rio, com influência da corrente de Melanie Klein, oriunda da Argentina e a Sociedade de Psicoterapia Analítica de Grupo RJ, que teve influência freudiana através de seu fundador Werner Kemper.

*"...a década de 50 se caracterizava por um movimento psicanalítico bipolar (como vivia a Sociedade Psicanalítica Britânica) entre as postulações francamente aceitas de Melanie Klein e as de Anna Freud, líder enfraquecida por sua filiação, que gerava grande idealização, reforçada tardiamente pela correspondência Freud - Fliess ...Assim, a América Latina recebia a influência revolucionária de Klein e a contrapartida de um "retorno a Freud", muitas vezes vista como reacionária e retrógrada."*<sup>6</sup>

---

<sup>5</sup> José de Matos. História da Psicoterapia Analítica de Grupo, aula inaugural na SPAG E Rio 20/09/93.

⇒ SPAG E RIO — Sociedade de Psicoterapia Analítica de Grupo do Estado do Rio

Em 19 de junho de 1958 funda-se a Sociedade Brasileira de Psicoterapia de Grupo, no Rio.

Em 09 de dezembro de 1958, acontece a sessão inaugural dessa sociedade que passou a se chamar Sociedade de Psicoterapia Analítica de Grupo da Guanabara em 1969 e do Estado do Rio de Janeiro em 1974 — a primeira sociedade carioca.

A Sociedade, inicialmente, possuía vinte e seis membros, todos personalidades significativas no meio “psi”, mas nem todos praticantes da psicoterapia de grupo como terapeutas. Eram pessoas interessadas no estudo dos grupos humanos.

Dr. Alcyon Baer Bahia, escreveu para o evento o trabalho intitulado: “Esquema para uma Teoria da Psicoterapia de Grupo”. Na apresentação deste trabalho, Dr. Bahia se refere a um primeiro trabalho seu, escrito em 1954, onde iniciou sua experiência com grupos.<sup>6</sup> Alguns escrúpulos iniciais quanto ao uso da psicanálise nos grupos são retratados nos dois primeiros parágrafos deste trabalho:

*“Da época em que divulgamos nosso estudo “Experiências Psicanalíticas em Terapia de Grupo” aos dias de hoje, são decorridos já quatro anos. Sem dúvida, um lapso de tempo bastante razoável. Mas ainda assim bem escasso para julgar da eficiência prática de um método de tratamento tão complexo, e, mais ainda para discernir com precisão, no claro-escuro das primeiras aquisições, até que ponto são válidos os dados teóricos em que pretende fundamentar-se”*

*“O fato de havermos sido os primeiros a realizar, no país, um trabalho sistemático de verificação de aplicabilidade dos métodos psicanalíticos a um grupo humano, com finalidades terapêuticas, não deixa por certo de causar orgulho. Mas por outra parte não podemos deixar de sorrir, ao olhar para trás, ante*

<sup>6</sup> Alcyon Baer Bahia. “Experiências Psicanalíticas em Terapia de Grupo” in Medicina Cirurgia e Farmácia. N° 220, 1954 pags. 333 e 350.

*o excesso de cautela de que então nos cercamos, na pressuposição temerosa, hoje verificada ingênua, de poder desvirtuar, na aventura, as linhas mestras da técnica de investigação e tratamento criada por Freud. A imensa quantidade de publicações, nacionais e estrangeiras, sobre técnica psicanalítica aplicada a grupos, o interesse crescente por este novo tipo de pesquisa, que com propriedade se poderia chamar de "Investigação Terapêutica" e "the last but not least", o espírito progressivamente coletivista do processo social dos tempos modernos, se encarregaram de aplacar nossos escrúpulos e de desfazer dúvidas por completo ultrapassadas pela realidade dos fatos materiais."*

Este trabalho, bem como outros do início da grupoterapia se encontram na Biblioteca da Universidade do Brasil e faziam parte do Jornal Brasileiro de Psiquiatria editado pelo Instituto de Psiquiatria, órgão da unidade universitária, destinado à publicação e divulgação de suas atividades científicas, culturais e médico-sociais, da época.

Os trabalhos aí publicados são oriundos de uma série de conferências feitas pelo grupo de psicanalistas do Instituto de Psiquiatria que, desde 58, já iniciava seus trabalhos com grupos com fins terapêuticos, bem como pensava as questões da psicanálise nos grupos.

Dr. Osvaldo Santos participou deste início, como médico-residente do Instituto de Psiquiatria:

*"O início é o seguinte: todo mundo que passou pelo Instituto de Psiquiatria como acadêmico de medicina na Nacional, sofreu a influência direta da psicanálise. Walderedo, Chebabi e La Porta, todas essas pessoas faziam um núcleo de psicanálise dentro do Instituto de Psiquiatria com o consentimento da cátedra, que era o Leme Lopes, que apesar de ser um psiquiatra ortodoxo, era uma pessoa aberta, hoje a gente percebe que ele era aberto..."*

*...A gente não tinha terminado a faculdade ainda ...a gente participava de um grupo terapêutico de base analítica, em que o Walderedo era o terapeuta, e o Chebabi era o observador. Começamos aí, a entender a psicanálise de grupo. O trabalho em grupo era anterior à psicanálise para nós.*

*...Walderedo vinha da escola argentina trazendo as novidades kleinianas e o centro de estudos do Instituto era assim extremamente famoso, pois albergava uma porção de discussões e líderes ideológicos, onde se colocava em dia a questão da psicanálise, da reflexologia, da psiquiatria de um modo geral e da psicanálise. E era assim, cotidianamente, com aquela influência. Se falava em psicanálise, de manhã de tarde e de noite...*

*Aí, a gente começa a utilizar os recursos que tinha com a terapia e também depois com o grupo de estudos, o grupo de estudos tinha uma liderança muito forte, aonde predominava a influência dos psicanalistas." (\*19)*

Muito embora o estudo analítico dos grupos humanos e sua decorrente terapia tenha começado no Brasil com Alcyon Bahia, em 1951, no Serviço Nacional de Doenças Mentais (S.N.D.M.), foi no âmbito universitário que se iniciou sua institucionalização, sob a liderança de Walderedo de Oliveira, na chefia do Departamento de Pesquisas Psicanalíticas do Instituto de Psiquiatria da então Universidade do Brasil. Walderedo, porém, possuía uma visão humanista social que fez com que propusesse, não apenas o trabalho terapêutico grupal como objetivo, mas toda uma investigação dos grupos humanos em seu relacionamento com a sociedade em geral, buscando aportes na antropologia e em outras ciências. Esse objetivo, na prática desvirtuou-se, limitando-se apenas ao trabalho clínico, o trabalho da sociedade, excetuando-se alguns poucos, sobre a interpretação psicanalítica grupal de obras literárias ou teatrais.

Em 1969, seguindo recomendação do II Congresso de Psicoterapia de Grupo, a sociedade muda seu nome para Sociedade de Psicoterapia Analítica de Grupo, e novos estatutos são aprovados.

A sociedade passa por vários problemas de local físico que vão marcar o seu percurso. Num primeiro momento, aproximadamente 10 anos, em que a sociedade funcionou no Instituto de Psiquiatria, ela se expande, no sentido da

difusão e do estabelecimento da, então, nova modalidade terapêutica, e os grupos em instituições terapêuticas se proliferaram.

*"...A interpretação individualizada no grupo, inicialmente considerada uma aberração técnica, foi sendo aceita desde que consciente do contexto grupal transferencial (Mello Fº 1974). Estas discussões caracterizam um período crítico institucional, permeado pela crise de identidade do terapeuta entre a fidelidade à psicanálise (técnica individual) e a especificidade da grupo análise (técnica grupal). Neste percurso, muitos analistas optaram pela segurança institucional oferecida pelas sociedades psicanalíticas, mais antigas e melhor estruturadas. Outros fatores contribuíram para a já referida crise ."*<sup>7</sup>

No segundo momento, o movimento é num sentido contrário; procurava-se a consolidação da nova terapêutica, e as reuniões passaram a ser privativas aos terapeutas de grupo, tornando-se inacessível aos leigos. Nesta fase, a sede da sociedade era na Vila Pinheiros, uma instituição particular e, a proliferação dos grupos se dá nas clínicas privadas.

Com a extinção da Vila Pinheiros em 1977, volta a ser sede das reuniões o Instituto de Psiquiatria, porém, não mais como instituição instalada, articulada com a Universidade. Desta vez é a falta de sede e de recursos que faz com que a sociedade fique aguardando melhor futuro no prédio do Instituto.

Em 1979, seguindo o impulso do "boom", realiza-se o primeiro Congresso de Grupo, aberto a todos os profissionais de saúde mental, organizado por Carlos Castellar, presidente da ABPAG. Lança-se o Jornal Gradiva e grandes mudanças acontecem no movimento de grupo no Rio, com grandes reformulações.

---

<sup>7</sup> José de Matos, História da Psicoterapia Analítica de Grupo, Aula inaugural da SPAG E Rio em 20/09/93).

Em 80, o presidente Júlio de Mello Filho, formou a Comissão de Reformulação Estatutária que promoveu muitas mudanças, sendo a de maior importância, a abertura para médicos e psicólogos na sociedade.

Na presidência posterior, de Jaime Bisker, é que se conquistou a nova sede e o direito de voz e voto nas assembléias aos candidatos à formação, além da possibilidade de ocupar alguns dos cargos da diretoria da sociedade.

Atualmente a Sociedade possui um programa de curso que se dedica mais intensamente ao estudo de grupos.

⇒ *SPAG- RJ — A Sociedade de Psicoterapia Analítica de Grupo do Rio de Janeiro*

O presidente da Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro, Dr. Kemper, que havia dirigido a Clínica de Berlim, criada na década de 20, era um entusiasta do trabalho grupal.

Já na segunda turma de formação da Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro, começou a organizar um grupo com psicanalistas que se interessassem pelo trabalho com grupos.

Pouco depois disso, foi aberto, um departamento na sociedade para que se inscrevessem as pessoas que não pudessem pagar o preço do tratamento individual. Como a demanda fosse muito grande, os candidatos à formação resolveram grupá-los e unir esta experiência à experiência adquirida no grupo de formação.

Todos aqueles que quisessem trabalhar com grupos, bastavam, simplesmente, se inscrever na própria sociedade. Iam, então, se formando os grupos. Aqueles que tivessem mais experiência, os da segunda turma, conduziam o grupo. Cada grupo tinha um observador, aluno da terceira turma e o

observador, depois de descrever o que se passava no grupo, participava de uma discussão, onde recebia formação prática de grupoterapia com fundamentação psicanalítica. Depois de uns três anos, o observador recebia um grupo, para funcionar como terapeuta. Cabia a Kemper a supervisão.

Foi feita grande divulgação e em 60, haviam inúmeras pessoas listadas para fazer tratamento em grupo, pela Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro. Segundo informações recebidas em entrevistas, o trabalho cresceu de tal maneira, que , foi necessário separar em duas sociedades: a de individual e a de grupo.

*"...foi uma coisa natural, devido ao próprio crescimento. Chegou-se a um ponto tal na sociedade, quando se criou a 4ª e a 5ª turma, que era um movimento tremendo ...só grupo, grupo... Então houve a necessidade de separação..." (\*1)*

Oriunda desse grupo, então, surge a Sociedade de Grupoterapia Analítica do Rio de Janeiro, sociedade mais vinculada à SPRJ (Sociedade de Psicanálise do Rio de Janeiro).

Nesta sociedade haviam grandes e crescentes divergências, que levaram à formação de dois subgrupos. Um era simpatizante da linha de Katrin Kemper e o outro, incluía os que haviam trocado a SBPRJ pela SPRJ.

Então, em 24 de outubro de 1973, a Sociedade de Grupoterapia do Rio de Janeiro foi dissolvida.

Foi decidida a fundação de uma nova sociedade, que, sob a liderança do Dr. Leão Cabernite, Dirceu Santa Rosa, Antônio Dutra Jr., Ernesto La Porta e outros foi organizada com o nome de Sociedade de Psicoterapia Analítica de Grupo do Rio de Janeiro, com sede na rua Paulo Barreto.



Em 83, esta sociedade chegou a ter 200 membros. De início, a sociedade também não aceitava o ingresso de psicólogos, mas na reforma do seu estatuto em 76/77, passou-se a aceitá-los.

A Sociedade ocupou muito do seu tempo tentando definir sua ideologia entre sociedade de grupo ou sociedade de psicanálise. Seu conteúdo programático foi quase todo dedicado ao estudo da psicanálise, havendo um ou outro período em que se estudou um pouco mais de grupos. Sua clínica social teve seu momento de boa produção, junto com o “boom” geral da psicanálise; mas, de uma maneira geral não conseguiu atender bem nem ao aspecto de abrangência social, nem ao aspecto de fornecer material clínico para pesquisa. Priorizou, como quase todas as outras, a questão estatutária da formação dos terapeutas, ainda assim, com bastante dificuldade.

Hoje, a sociedade se definiu como Sociedade de Psicanálise Gradiva e seu programa abrange o pensamento freudiano, reservando talvez uma pequena parte de seu conteúdo ao estudo de grupos.

Paralelo ao movimento das SPAGs, as sociedades psicanalíticas ditas “oficiais” continuaram todo o tempo a tentar manter um mercado de trabalho reservado para seus associados. Em 1973 as sociedades de formação individual, que já não aceitavam psicólogos para formação, passaram a recomendar a seus membros que não aceitassem psicólogos para se analisar, pois havia o perigo de que viessem a querer exercer a função de psicanalistas. Esta atitude, longe de inibi-los, estimulou-os à formação de grupos de estudo, à busca de supervisores psicanalistas e, aumentando, em muito, a procura das SPAGs.

⇒ *A Associação Brasileira de Psicoterapia Analítica de Grupo — ABPAG*

Em 63, foi fundada uma associação que deveria congrega as quatro sociedades existentes no Brasil, a Associação Brasileira de Psicoterapia de Grupo. Seria uma instituição que teria a finalidade de criar condições para o desenvolvimento da especialidade no Brasil. O relatório da diretoria do V Congresso Brasileiro de Psicoterapia Analítica de Grupo, em 1983, cita a ABPAG como um exemplo de como as SPAGs foram moldadas segundo os padrões da IPA. Considera que sua função nunca passou de ser política e repressora. A qualquer tentativa de abertura, diz o relatório, tinha-se um estatuto coercitivo impedindo o arejamento. Se refere a ela como uma entidade fantasma, que só serve para assustar os incautos. Este relatório denuncia a condição obsoleta da entidade e diz da necessidade urgente de reformular os conceitos do que deve ser uma instituição voltada para o estudo da psicanálise, seja para a formação de psicoterapeutas, seja para qualquer outra finalidade ou aplicação. Pede a dissolução da ABPAG e propõe uma nova instituição não normativa ou coercitiva. Propõe a formação de um conselho das entidades já existentes com a finalidade de promover intercâmbio científico, troca de experiência de ensino, e produção científica e que sirva como "conselheira" de outros grupos e instituições, que desejem estudar e formar psicoterapeutas de grupo de orientação psicanalítica. Tal conselho não teria hierarquias nem poderes normativos mas, tão somente, ser um órgão consultivo.

A partir de então a ABPAG fez reformulações e seu plano geral para o trabalho de 93/94 diz mais de uma administração funcional e efetiva e diz de um desejo de estímulo do desenvolvimento da criatividade e da

espontaneidade nas sociedades componentes, tornando-a mais atraente para novas adesões e contribuições.

### **Os congressos**

As discussões sobre o trabalho junto aos grupos, com fundamentação psicanalítica, conseqüentemente, começaram a ganhar terreno e espaço nas instituições e, posteriormente nos consultórios particulares, acompanhando também os congressos organizados para discutir a psicanálise em sua forma tradicional, individual. Como a IPA não permitisse a apresentação de artigos sobre grupo em seus congressos, organizavam-se congressos paralelos que apresentavam os trabalhos sobre grupoterapia. Mas, todo o tempo, apesar de um grupo de psicanalistas resistir sempre à que grupoterapia fosse psicanálise, os dispositivos caminhavam em paralelo. No mesmo evento, por exemplo em 1960, em que se deu a criação do Comitê Coordenador das Organizações Psicanalíticas da América Latina (COPAL), se realizou o segundo Congresso Latino Americano de Psicoterapia de Grupo.

Neste congresso, realizado em Santiago do Chile, em janeiro de 60, estiveram presentes psicanalistas do Rio de Janeiro e que apresentaram trabalhos escritos sobre grupoterapia. Foram referidos nas entrevistas, como presentes o Dr. Walderedo, a Dra. Galina Schneider e o Dr. La Porta, entre outros.

Os Congressos Brasileiros de Psicoterapia de Grupo, foram outros testemunhos do aumento da demanda desta técnica. Desde o início da psicoterapia de grupo até hoje, já aconteceram 12 encontros entre congressos e jornadas. A Associação Brasileira de Psicoterapia Analítica de Grupo nos enviou a relação desses eventos:

- I Jornada Brasileira de Psicoterapia de Grupo - 1961, R.J.
- II Jornada Brasileira de Psicoterapia de Grupo - 1963, S.P.
- III Jornada Brasileira de Psicoterapia de Grupo - 1965, R.J.
- I Congresso Brasileiro de Psicoterapia Analítica de Grupo - 1968, P. Alegre.
- II Congresso Brasileiro de Psicoterapia Analítica de Grupo -1969 (\*)
- III Congresso Brasileiro (\*)
- IV Congresso Brasileiro - 1979 (\*)
- V Congresso Brasileiro de Psicoterapia Analítica de Grupo - 1983, RJ
- Encontro Nacional de Grupoterapia - 1985, Caxambu
- VI Congresso Brasileiro de Psicoterapia Analítica de Grupo - 1986, R J
- VII Congresso Brasileiro de Psicoterapia Analítica de Grupo - 1988, Caxambu
- VIII Congresso Brasileiro de Psicoterapia Analítica de Grupo -1994, A. dos Reis

Dos eventos com (\*) não conseguimos outros dados, já que os arquivos se encontram desfalcados, por perdas e incêndio.

Calcula-se que cerca de 800 trabalhos sobre grupo foram publicados ou apresentados em congressos nas décadas de 50 e 60 na América do Sul. Verifica-se também que há uma certa repetição de temas, ligados à situações práticas da grupoterapia, como: reação dos grupos frente à entrada de novo cliente, ou ansiedades persecutórias em um grupo em iniciação etc.

### **1960... As comunidades terapêuticas**

É, logo a seguir das experiências de grupo no Instituto de Psiquiatria, que vão se formar as primeiras "Comunidades Terapêuticas", modelo de trabalho que em muito impulsionou a grupoterapia com fundamentação psicanalítica.

As comunidades terapêuticas surgem, nos anos 60, como uma reação à psiquiatria tradicional, visando uma reforma da instituição hospitalar. Baseando-se nos trabalhos de Maxwell Jones, a Comunidade Terapêutica introduziu uma ideologia humanitária de democratização das relações médico-paciente.

A implantação de comunidades terapêuticas no Brasil foi um passo extremamente importante na direção do processo de profissionalização dos psicólogos da área clínica e no estreitamento de sua vinculação à psicanálise. No Rio de Janeiro, foram os psicanalistas que estiveram à frente das Comunidades Terapêuticas, oferecendo estágios para os psicólogos, que recebiam todos os subsídios psicanalíticos para sua atuação, onde se incluíam supervisões, estudos de casos e a participação intensa nos grupos operativos que lá se desenvolviam.

A primeira comunidade terapêutica que surgiu no Rio de Janeiro, por volta de 1968, foi no Hospital Odilon Galloti, na seção Olavo Rocha, sob a supervisão do Dr. Osvaldo dos Santos e Wilson Simplício.

Em 1969, surge a Comunidade Terapêutica do Hospital Pinel, sob a supervisão de dois psicanalistas ligados às sociedades "oficiais": Dr. Eustáquio Portella Nunes e Roberto Quilelli.

Em 1970, surgiram outras, como por exemplo: o Sanatório da Glória, coordenado por psicanalistas ligados à SPRJ, a seção de psiquiatria do Hospital das Clínicas da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, a Vila Pinheiros e a Pensão Margarida, dirigidas pela Dra. Carmem Dameto.

O movimento de comunidades terapêuticas desenvolve em muito o pensar sobre grupos, já que o trabalho nessas instituições era todo baseado em discussões em grupo, não só a nível terapêutico para os clientes, mas a nível de grupos operativos para todo o corpo técnico-hospitalar, visando a organização da instituição hospitalar. É introduzida nesse trabalho a figura do auxiliar

psiquiátrico, que cumpre funções de acompanhante qualificado dos clientes, além das funções de terapeuta ocupacional. Este profissional, em geral era escolhido entre os estudantes de psicologia, que passavam a ver na nova função, uma possibilidade de entrar em contato com a experiência clínica, e alguns estudantes de medicina que já haviam optado pela carreira de psiquiatra.

A ideologia do movimento de comunidades terapêuticas sugere todo o tempo a importância do trabalho com grupos, bem como a análise pessoal dos profissionais que ali se dispõem a trabalhar. Foi um movimento que, apesar de ter origem diferente da grupoterapia que se expandia no Rio nessa década, contribui, em muito para a movimentação em torno da compreensão do trabalho com grupos, além de estimular a demanda de análise pessoal que crescia muito.

### **A categoria profissional de psicólogos**

O surgimento da categoria profissional de psicólogo se configurou como um movimento forte e funcionou como um dos fatores de aumento de demanda de tratamento psicanalítico. O psicólogo foi um dos agentes que muito participou da movimentação da grupoterapia de fundamentação psicanalítica. Seja como cliente, seja como trabalhador da área clínica, foi figura marcante nesse movimento.

Os anos 60 são marcados pela afiliva busca desses profissionais, por se colocarem no mercado de trabalho clínico. Os psicólogos, até então, só haviam conseguido espaço junto ao trabalho clínico com crianças e adolescentes, e a regulamentação de sua função constava de: diagnóstico psicológico, orientação e seleção profissional, além de orientação psicopedagógica.

Depois de um processo de cheio de percalços, fica precariamente oficializada a possibilidade de prática clínica do psicólogo, com a inclusão na legislação do item — solução de problemas de ajustamento.

Em 1962, com a oficialização da categoria profissional de psicólogos, cresce o número de profissionais que trabalham em clínica. Em 1968, com a reforma universitária, e o incentivo ao ensino privado, surgem novas escolas de nível superior e os cursos de psicologia aumentam, chegando hoje a somar, no Rio de Janeiro, um número de 10 cursos.

Na década de 60, apesar dessas mudanças, o psicólogo ainda ocupava o lugar do estudante, do estagiário e o do analisando. Só nas décadas seguintes é que ele vai concorrer com o médico no domínio do mercado “psi” e particularmente da psicanálise.

Nas décadas de 60 e 70, houveram algumas concentrações de psicanalistas que, organizados em diversos tipos de grupos, tinham como meta o aumento desse mercado para o psicólogo, sendo que, várias delas, com o propósito de expandir a grupoterapia com fundamentação psicanalítica.

### **O Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro**

Alguns psicanalistas ligados às sociedades que se consideravam “oficiais”, rompiam com estas para poder constituir outras sociedades com configurações diferentes.

O Círculo, do mesmo modo que o IMP, foi uma instituição que tentou marcar uma diferença da “verdadeira” psicanálise e promover outro tipo de formação. Foram, no entanto, instituições que não receberam o prestígio e poder que foi conferido às sociedades ligadas à IPA, segundo Cecília Coimbra. O

Círculo é fundado em 69 por Kattrin Kemper e seus discípulos após a sua saída da SPRJ.

Desde o início aceita médicos e psicólogos e faz parte da Federação Internacional dos Círculos de Psicologia Profunda. É fundado em 1969, entre seus membros havia pessoas que se interessavam pelo trabalho com grupos, mas a sociedade como instituição não tinha em seus objetivos esse tipo de estudo. Apesar disso, várias pessoas do Círculo participaram, no ano de 73, da fundação da Clínica Social de Psicanálise, um dos maiores movimentos em termos de grupoterapia com fundamentação psicanalítica no Rio.

*"Kattrin tinha rompido com a Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro e levou consigo um grupo com quem ela fez o Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro... Kattrin lança, então, a idéia de grupo enquanto psicanálise e não enquanto psicoterapia... para ela, a psicanálise tanto podia ser exercida individualmente, quanto em grupo." (\* 12 )*

Apesar de marcar uma diferença com a psicanálise "verdadeira" e de alguns de seus participantes já vislumbrarem a possibilidade do trabalho em grupos, a história interna do Círculo traz situações que denunciam estar também impregnado da ortodoxia e intolerância reinantes nas sociedades "oficiais", nos mostra Cecília. A própria filiação a uma Internacional "demonstraria, segundo ela, uma necessidade de prestígio internacional tão presentes no mundo 'psi' e na sociedade em geral.

### **A grupoterapia nos consultórios**

Todo o tempo foi questionado, tanto pelos psicanalistas que não faziam grupo como pelos que faziam, se seria possível a grupoterapia ser considerada



psicanálise ou não. Os embates sobre se grupoterapia era passível de ser incluída na psicanálise, influenciavam a clientela dos consultórios particulares.

Além de questões ideológicas, a questão econômica fazia parte importante da avaliação do tipo de análise a ser realizada.

Num clima de ambivalência, segue ganhando terreno a psicoterapia de grupo com fundamentação psicanalítica, nos consultórios particulares. Como uma terapia alternativa às exigências feitas pelas sociedades dita "oficiais" a grupoterapia se instituía como um "prêmio de consolação". Ao mesmo tempo em que atendia a uma demanda dos clientes e dos psicanalistas interessados em não se restringir à técnica individualizada, funcionava como uma alternativa terapêutica.

A grupoterapia com fundamentação psicanalítica crescia, mas era a psicanálise, principalmente, na década de 70, que passava pelo que se chamava de "boom", no cenário do Rio de Janeiro. Este "boom" se referia mesmo, ao fenômeno de crescente expansão do atendimento terapêutico nos consultórios particulares. Esse fenômeno foi amplamente reconhecido sempre pelos psicanalistas, mas pouco refletido ou comentado.

Mas, a população que ia manifestando uma demanda em relação à individual, e aos grupos, se caracterizava por serem profissionais da área "psi", intelectuais, professores, profissionais liberais, e principalmente estudantes universitários. Havia um desejo de autoconhecimento explicitado, mas sem uma queixa específica. Havia um desejo de melhora das relações afetivas, um desejo de crescimento pessoal mais efetivo, e pouca ligação à patologias psicológicas propriamente ditas. O mercado foi se ampliando, a demanda da comunidade formada por esses tipos de profissionais descritos foi aumentando, e a psicanálise foi tomando conta desse mercado. E, com essa demanda mais difusa

de "melhoria nas relações afetivas", ou outras tão superficiais quanto esta, aumenta também, em muito, a procura para psicoterapia de grupo.

E o pequeno número de psicanalistas "autorizados", que trabalhava com grupos, tentava dar conta da demanda de "análise de grupo" que cada dia era maior.

*"...mas, o fato, é que, os pioneiros, dominaram a praça por mais de 10 anos. E, quando eu digo, dominaram a praça, eu quero dizer dominaram a clínica. Tinham 8, 10 grupos... O Barata chegou a ter 14 grupos com 10, 12, 14 pessoas em cada grupo. O Py, tinha 8, Azulay tinha 10, o Jaime não sei quantos... Mas, enfim, era a época de ouro... O que entrava de grana, meus amigos, era uma maravilha!! Era muito mais barato do que a análise individual, e os consultórios assim, apinhados..." (\*3)*

### **1970... o IOP...a APPIA**

Em 1970, a reserva de mercado da psicanálise para o grupo de médicos que freqüentava as sociedades ligadas à IPA, ficou mais ameaçada na medida em que o Dr. Fábio Leite Lobo organizou um curso — Instituto de Orientação Psicológica, IOP — que teve por objetivo preparar para o exercício da psicanálise, pessoas que não eram ligadas às Sociedades Psicanalíticas ditas oficiais, e que durou de 1970 a 1974.

A idéia inicial teria sido um curso, ligado ao Instituto de Ensino da SPRJ, que Dr. Fábio dirigia na época, ministrado pelos argentinos convidados, Eduardo Kalina e Arminda Aberastury. O motivo inicial teria sido estudar crianças e adolescentes, coisa que era do interesse também dos psicanalistas dessas sociedades, mas, diante do impedimento colocado pela sociedade de que o curso não poderia ser aberto a profissionais de outras áreas, Dr. Fábio cria o IOP, curso paralelo, com o objetivo de incluir o grupo de psicólogos que, até então, não era aceito nas sociedades para formação.

Nesta época, os psicólogos só estavam participando através de supervisões, grupos de estudos com os psicanalistas e, principalmente nos consultórios como analisandos. Esse curso gerou...

*"um movimento com reverberações políticas e sociais decisivas na história da psicanálise brasileira... Quando este curso foi criado (1969)...., a psicanálise vivia uma época dourada. São poucos os psicanalistas, grande a procura. O país mergulhou numa ditadura cruel, onde não há espaço nem coragem para protestos ou contestações. A intelectualidade, os profissionais liberais de classe média, que tanto participaram nos movimentos de 1968 vivem momentos de angústia e desesperança. A única válvula de escape possível é o divã. Ali, entre quatro paredes e garantidos pelo sigilo, podem falar de suas inquietações, ao mesmo tempo em que buscam alguma coisa para compensar o desespero a que estão reduzidos. Conhecidos detratores da psicanálise, rotulada de ciência burguesa a serviço do capitalismo, cederam aos 'encantos' do divã freudiano."*<sup>8</sup>

A APPIA foi fundada em 1972, e funcionava como um espaço que instituiu a prática psicoterápica aqueles que não eram psicanalistas, especialmente os psicólogos, possibilitando a ampliação de questões científicas."

Essa ampliação aparece mais uma vez, no congresso em 72 sobre infância e adolescência...

*"Estávamos em plena ditadura Médici. A tortura corria solta. O medo imperava, mas sob o escudo da infância e da adolescência, o Congresso da APPIA falava de direitos humanos, de liberdade, manifestava-se contra o autoritarismo e trazia ao Brasil o que de mais representativo havia em termos de 'esquerda freudiana'... Burlando-se a censura discutiu-se a liberdade, a educação, a família, os direitos do homem e despertou-se a consciência dos profissionais de saúde mental para o atraso da psicanálise e da psiquiatria brasileiras...É interessante assinalar que passados quatro a cinco anos, quando começaram a soprar os ventos da democratização (governo Geisel), essas associações vão desaparecer, resistindo durante mais um par de anos apenas as do Rio, Brasília e Vitória".*<sup>9</sup> (referindo-se às APPIAs).

<sup>8</sup> Luiz Alberto Pinheiro de Freitas. *Crises da Adolescência - Visão psicanalítica*, Ed. Rocco- 1989-pg 9.

<sup>9</sup> Idem, pg 13.

Esta, como outras organizações, cumpriam seus objetivos naquele momento histórico: trouxeram a psicanálise para o debate mais aberto, tentaram tirá-la de um grupo restrito e "seleto", exigiram o reconhecimento do direito dos psicólogos a terem formação psicanalítica, mostraram a importância de equipes multidisciplinares para atenção e assistência à saúde mental, levantaram temas que até hoje seguem sendo motivo de lutas e reivindicações, além de terem aberto a possibilidade de práticas novas com a fundamentação psicanalítica. E nossos adolescentes e jovens, através de suas famílias demandavam um dispositivo que pudesse ajudar na crise que passavam nos anos 70.

*"Com os grêmios estudantis fechados, a universidade silenciada, qualquer tipo de manifestação reprimida com violência, resta o sonho, a alienação e a curtição do 'barato'. Os consultórios se enchem de jovens drogados, pessoas sem perspectivas que recebem, além de um ensino de má qualidade, a influência de uma mídia que se encarregava de corromper com o consumismo e a exaltação do 'milagre' brasileiro..."*

*O quadro favorecia a colocação em prática das teorias sobre adolescência que vinham sendo desenvolvidas, técnicas específicas aplicadas a uma clientela crescente, trazida por pais desmoteados com a maconha ou com a sexualidade de suas filhas. Por estas razões multiplicaram-se os terapeutas dedicados a atender adolescentes e suas famílias... desenvolveram-se associações científicas e profissionais várias, sendo a APPIA (Associação de Psiquiatria e Psicologia da Infância e da Adolescência do Rio de Janeiro), a de maior ressonância, bem como o I Congresso Brasileiro de Psicopatologia Infanto-Juvenil, realizado no Rio de Janeiro, com cerca de 2.500 participantes!..."*

É interessante reforçar, que o Dr. Fábio Leite Lobo, o criador desse curso, teria assumido nesse mesmo ano, a direção do Instituto de Psicanálise da Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro, uma das duas sociedades ligadas à IPA.

---

<sup>10</sup> Luiz Alberto Pinheiro de Freitas. *A Crise da Adolescência - Visão Psicanalítica*, Ed. Rocco- 1989, pg 11.

Este curso é um dos emergentes da época que marcam também, a influência dos psicanalistas argentinos no Rio.

### **Os psicanalistas argentinos**

Além de Eduardo Kalina e Arminda Aberastury, alguns outros argentinos participaram deste curso, como: Maurício Kobel, Eduardo Rollas, Leon Grinberg, David Liberman, Marie Langer e Arnaldo Rascovsky, todos formados sob orientação da escola inglesa, em especial influenciados pelas teorias de Melanie Klein.

Grande parte dos psicanalistas que iniciaram a grupoterapia no Rio, sofreram a influência da psicanálise argentina. Alguns pelo fato de irem fazer formação em Buenos Aires, outros sofrendo influência direta em seus trabalhos dos argentinos que para cá vieram, ou ainda pela utilização da bibliografia portenha.

Os objetivos da formação argentina eram eminentemente intervencionistas e tinham como meta ampliar o alcance da psicanálise sobre as outras áreas, incluindo infância, adolescência, família e comunidade em geral. Para eles, a função do psicanalista residiria mais no trabalho com a sociedade mais ampla, o que os leva a desenvolver uma ideologia grupalista e principalmente com as bases de um projeto preventivo, junto à comunidade.

Os argentinos trazem grandes contribuições nessa época, no campo das técnicas, especialmente as de grupo, com destaque para as técnicas psicodramáticas de mobilização; as técnicas focais, terapias breves mais diretivas; e a análise institucional ainda incipiente no Brasil até o final da década de 70. Nas técnicas grupais, as intervenções poderiam ser feitas em caráter

preventivo e terapêutico, com a utilização de técnicas psicodramáticas e com interpretações psicanalíticas.

Os argentinos nos trazem nessa época a fundamentação teórica dos autores: Bleger, Pichon Rivière, Hector Fiorini, Rodrigué e outros, sobre o que se chamava de "psicoterapia de base analítica".

Outro aspecto da contribuição argentina é o projeto de politização que acompanha sua ideologia de trabalho, que facilitou uma maior elaboração do papel do psicólogo, outorgando-lhes maiores direitos de intervenção social, especialmente no campo da normalidade. Isso os encoraja a montar trabalhos de grupos operativos em escolas, com crianças ou professores nas instituições públicas e particulares, e a fazer grupos homogêneos em hospitais e postos de saúde : grupos de diabéticos, de hipertensos, etc.

Uma das conseqüências da influência argentina foi uma maior flexibilidade no manejo do *setting*, com discussões sobre número de sessões semanais, sobre a neutralidade do analista, e a inclusão de crianças e adolescentes como passíveis de receber um trabalho analítico, especialmente em grupos.

*"Também vem dos anos 70, via Argentina, um movimento internacional de questionamento da psicanálise dita oficial (praticada pelas sociedades filiadas à Associação Internacional de Psicanálise - IPA - fundada por Freud). Chama-se Grupo Plataforma, e teve suas primeiras destacadas e controvertidas atuações nos Congressos da IPA de 1969 (Roma) e 1971 (Viena). Tal movimento encontra na Argentina da volta de Perón o clima adequado para de desenvolver...*

*...A ebulição política se reflete nos meios psiquiátricos argentinos, em especial o psicanalítico. Contesta-se a falta de participação política dos psicanalistas, atacando sua falsa neutralidade, e questionando-se a análise didática como sendo burocrática e anti-analítica. Participam do Plataforma um grande número de profissionais, a maioria jovem, que rompe com a Associação*

*Psicanalítica Argentina adotando uma postura marginal, não institucionalizada. Os professores que visitavam o Brasil regularmente não estavam vinculados a esse movimento, nem atingiram o radicalismo da ruptura, mas se impregnaram das idéias..."*<sup>11</sup>

Foi em 1971 que chegaram ao Rio de Janeiro as psicanalistas Estela e Suzana a convite de Carmem Lent, psicóloga argentina ligada à PUC/RJ, para promover diagnóstico institucional junto ao Instituto de Psicologia Aplicada da PUC, e posteriormente junto a outros grupos universitários. Estes trabalhos, além de ajudarem na busca de identidade dos psicólogos do Rio, difundiram a importância dos trabalhos com grupos.

Além desses, outros psicanalistas argentinos para cá vieram especialmente os do grupo de profissionais que, com uma proposta diferente do CDI (Centro de Docência e Investigação, subordinado à Coordenadoria de Trabalhadores de Saúde Mental), tinha como objetivos a higiene e profilaxia da infância e da adolescência, junto ao American Society for Adolescent Psychiatry. Esse grupo era o fundador da ASAPPIA — Associação Argentina de Psiquiatria e Psicologia da Infância e da Adolescência — que tinha como objetivo promover uma ampla discussão entre os profissionais "psi", a nível internacional.

Pertenciam a esse grupo os psicólogos que foram convidados por Fábio Leite Lobo para ministrar cursos na SPRJ e no IOP.

Cecília Coimbra na sua análise sobre a participação dos argentinos em nosso trabalho, nos aponta não ser possível juntá-los todos, em um grupo homogêneo, porque de fato não eram.

E, só depois do golpe sofrido na Argentina em 1976, que para cá se encaminharam o que fica marcado como a segunda geração de argentinos.

---

<sup>11</sup> Luiz Alberto Pinheiro de Freitas, *Crise da Adolescência - Visão psicanalítica*, Ed. Rocco - 1989, pg 14.

Atribui-se a esse grupo a influência nas maiores modificações no perfil psi do carioca. Ele funcionava agregando uma visão político-social importante às suas técnicas e táticas de atuação.

Foi com o compromisso de que a psicanálise fosse um lugar que não passasse pela ciência isolada e isoladora, mas comprometida com a realidade que pretende estudar e transformar, que o segundo grupo de argentinos chegou ao Brasil. Na verdade foram muito rejeitados e tiveram sua importância muito negada. Os psicanalistas que tinham chegado antes e mais se enquadravam com a psicanálise que aqui se desenvolvia, foram mais aceitos pelos psicólogos, por exemplo. A maior parte dos psicanalistas ligados às sociedades ditas oficiais, considerava o segundo grupo de argentinos como subversivos.

### **A Clínica Social de Psicanálise**

É em 1973 que Katrin Kemper (Dona Catarina, como gostava de ser chamada), realiza, junto com Hélio Pellegrino, seu ideal: a Clínica Social de Psicanálise.

A proposta de inauguração da Clínica está ligada basicamente a essas duas figuras fundamentais, embora muitos outros psicanalistas tenham colaborado no desenvolvimento do trabalho.

A criação da Clínica assumiu grande importância por representar um desafio à duas forças muito poderosas consideradas intocáveis, que eram: o regime militar vigente e a psicanálise dita oficial, representada pelas instituições ligadas à IPA.

Transformou-se em uma experiência muito rica, apesar de controversa. Acusada por vezes de assistencialista e pressionada no sentido de "desvirtuar a real psicanálise".



*"...No ano de 74, o Hélio foi chamado pela Sociedade para que ele propusesse que a Clínica Social não se chamasse Clínica Social de Psicanálise, mas sim Clínica Social de Psicoterapia, porque psicanálise era em nome da IPA...e, obviamente, isso não aconteceu. A Clínica começou a funcionar e, em novembro ela foi fundada oficialmente com 14 grupos...Esses grupos faziam grupoterapia mesmo.*

*Os terapeutas tinham supervisão com D. Catarina ...os grupos de crianças com dois monitores que podiam ser psicólogos ou não, podiam ser pessoas que não tivessem formação, mas que tivessem talento. Esses monitores tinham supervisão, e os pais dessas crianças de 15 em 15 dias se reuniam com os terapeutas da clínica..." (\*7)*

A idéia trazida por D.Catarina não era outra, senão a preconizada por Freud em 1918, de poder atingir às massas com a ampliação da prática psicanalítica.

Era, a década de 70, um período violento de nossa história. Estávamos com os direitos fundamentais do exercício da cidadania impedidos e o regime sugeria um crescente desenvolvimento, como estratégia para impedir as críticas. Era o "milagre brasileiro" produzindo o silêncio.

Segundo César Ibrahim, em sua dissertação:

*"A idéia embrionária da Clínica passa, pelo menos no início, por duas vertentes: reeditar a experiência da velha Policlínica berlinense, por um lado, e por outro, fazer frente ao agravamento do quadro político-institucional que o país atravessava, expressando, com a criação da Clínica, uma atitude de resistência democrática..."*

*É provável que os fundadores não tivessem a clareza (adquirida com o tempo) a respeito do papel político que a clínica representava. Atender aos economicamente desassistidos era parte da idéia. Agora, o significado contido nessa ação parecia transcender qualquer atividade meramente psicoterápica. Ali se marcava uma dupla posição política: dentro e fora da psicanálise.*

*Esse espaço de acolhimento terapêutico que a Clínica se dispunha a ser, permitindo um acesso à psicanálise dos despossuídos, parecia tentar corrigir uma distorção em relação ao perfil da clientela dos consultórios de psicanálise.*

*Mas, além do acolhimento aos que se mostravam necessitados, havia um outro tipo de acolhimento voltado para os terapeutas, que buscavam a clínica como espaço de reconhecimento e respaldo profissional, ou espaço de convivência institucional, dado ao relativo encastelamento das*

*sociedades psicanalíticas, ou como simples exercício de cidadania, e de expressão de idéias próprias.”<sup>12</sup>*

Eram, principalmente os terapeutas que estavam colocados à margem das sociedades psicanalíticas ditas oficiais, que se chegavam à Clínica. Algumas instituições colaboraram com a Clínica de início. O Círculo Psicanalítico parece ter sido a instituição que mais participou, através de seus membros. Havia também alguns membros da SPRJ e do IMP, embora poucos.

O primeiro impulso clínico significativo da Clínica parece ter sido o trabalho de grupoterapia com crianças, onde introduziu uma técnica que se chamava *interpretação aludida*. Paralelo ao grupo de crianças, funcionava o grupo de pais, onde se discutiam os conflitos familiares, a relação do casal, a relação dos pais com os filhos, etc.

*“...Muito se conjecturava a respeito das posições de D. Catarina, não só com relação à psicanálise, mas também em relação à criação da Clínica Social. Uns garantiam tratar-se de um projeto político, outros acentuavam o caráter social de empreendimento. Nunca pareceu haver muita clareza com relação à natureza do projeto, e às posições de D. Catarina.*

*Pouco a pouco a Clínica foi constituindo um espaço de legitimação de práticas psicanalíticas. Havia, a partir de então, um lugar onde essas práticas podiam ser pensadas, experimentadas, discutidas, eventualmente consagradas ou condenadas. Havia, pelo menos, a chance de expô-las ao crivo da apreciação. E, dessa forma, essas práticas analíticas consideradas pouco ortodoxas, como os grupos terapêuticos, os grupos lúdicos, os encontros com pais, os tratamentos de família, etc, foram encontrando respaldo institucional, e, conseqüentemente, se colocando no campo do reconhecimento de sua legitimidade. Além disso, terapeutas que se encontravam em formação fora das Sociedades tradicionais acabavam por se sentir mais “avalizados” a partir de suas vivências clínicas.*

*Foi, exatamente, através dessa moldura de acolhimento, que se produziu uma das mais relevantes contribuições da Clínica para a história da psicanálise brasileira: o Simpósio sobre Psicanálise e Política, realizado na PUC- RJ de 17 de setembro a 29 de outubro de 1980.”<sup>13</sup>*

<sup>12</sup> César Mussi Ibrahim- As Clínicas Sociais Psicanalíticas no Rio de Janeiro - um estudo sobre a expansão da psicanálise, abril de 1992, PUC /RJ, pg.19

<sup>13</sup> Idem, pag.38.

Com isso, vieram à tona as imensas contradições em que as sociedades psicanalíticas estavam mergulhadas e que foram amplamente divulgadas, balançando aquilo que um dos psicanalistas da mesa chamou de "baronato da psicanálise".

A Clínica se deparou ao longo de sua história, com críticas provenientes das instituições psicanalíticas, dirigidas à falta de ascese teórica...da pureza do ouro psicanalítico quando defrontado com o cobre das psicoterapias, se transpusermos a metáfora usada por Freud no Congresso de Budapeste, em 1918.

A Clínica Social encerrou suas atividades em 22 de novembro de 1991.

### **O movimento lacaniano**

Os anos 70 contam também com o aparecimento da linha teórica lacaniana no Brasil. No Rio é um dos movimentos que tenta reagir ao enclausuramento da psicanálise restrita aos médicos e às instituições "oficiais". Em 70, no Rio, poucos estudaram Lacan, mas em 75 já com o Colégio Freudiano do Rio de Janeiro, se podia refletir mais sobre Freud ligado ao pensamento lacaniano. O movimento lacaniano surge como uma abertura para psicólogos e outros profissionais, que estavam no mercado "psi" à espera da abertura de portas no mercado clínico e na formação psicanalítica.

Outros estabelecimentos visando o estudo lacaniano foram se organizando e trazendo para si um grande número de psicólogos e outros profissionais.

Se estruturando hierarquicamente como quase todas as sociedades de psicanálise, o lacanismo passa a chamar a si a "elite" da psicanálise, pelo poder que passa a representar no meio.

O segundo grupo lacaniano, Instituto Freudiano de Psicanálise, que já tenta se estruturar de maneira diferente, menos autoritária, já não chama tanta atenção dos profissionais "psi". Só em 81, é que a Letra Freudiana consegue se articular em discussões teóricas com as sociedades de grupo, além de outras sociedades — embora ainda centrado na psicanálise.

Um número considerável de psicanalistas de grupo optou pelas escolas lacanianas.

Segundo Eduardo Mascarenhas, a importação do lacanismo teria sido o primeiro grande contratempo ao trabalho de grupos. Segundo ele, a elegância teórica francesa, e o repúdio de Lacan pelos grupos teria abalado o movimento dos grupos no Rio.

Este resumo pode parecer diminuto, quanto ao grande movimento causado no Rio com a teoria lacaniana, mas nosso objetivo é registrá-lo enquanto mais um movimento acontecido nesse espaço de tempo e que dizia respeito à uma reação ao modo como nossas sociedades de psicanálise estavam constituídas, além de representar mais uma opção clínica junto ao mesmo grupo de profissionais. E, uma das coisas mais importantes quanto à influência do movimento lacaniano junto às terapias de grupo é o reacender da tão utilizada frase — Isso não é psicanálise.

### **As crises das sociedades ligadas à IPA**

Essas sociedades que contavam com a possibilidade de deter o poder do mercado da psicanálise, resistiram muito a serem abaladas pelas inúmeras instituições que se formavam a sua volta, tentando dividir esse mercado.

Foi a partir do evento organizado pela Clínica Social na PUC/RJ, que eclodiu a "crise da SPRJ". Em uma das reuniões do simpósio, um dos

participantes pede a palavra e, se dizendo ex-torturado, diz que sabia de uma pessoa que fazia formação psicanalítica e que tinha sido médico do DOI-CODI... Surge assim, a público, o caso Amílcar Lobo. Fica denunciada a estrutura das sociedades que acobertavam tais atos, com ampla cobertura da imprensa.

Como consequência do Simpósio, dois psicanalistas foram expulsos, sem direito de defesa: Hélio Pellegrino e Eduardo Mascarenhas.

É voz corrente que a expulsão de Eduardo Mascarenhas tenha se dado pelas colocações feitas naquele simpósio, sobre o "baronato da psicanálise". Em entrevista, Eduardo nos revela que o real motivo era sua estreita ligação com Gregório Baremlitt, psicanalista argentino que estava na ponta de um movimento grupalista importante no Rio, iniciando grupos de formação em Análise Institucional. A Sociedade estaria se sentindo muito ameaçada com essa ligação.

A SBPRJ, por sua vez, sofre inúmeras crises relacionadas com sua maneira de se estruturar e com sua rigidez quanto aos critérios estabelecidos, por um lado, mas por outro, sofre constantes ameaças de intervenção da Internacional (IPA) caso não funcione nos moldes estipulados. Seja com a qualidade das categorias dos membros, seja com número de sessões de análise permitido ou seja com o estabelecimento da figura do didata, a IPA se mostrava insatisfeita.

Cecília Coimbra descreve bem os episódios das crises das sociedades ditas "oficiais". Nossa intenção não é nos estendermos sobre os fatos, mas registrar que, aquele poder atribuído à essas sociedades e tão invejado, ou desejado pelos profissionais que, por diversas razões a ela não tinham acesso, começa a ser abalado, na década de 80, quando os grupos terapêuticos também começam a se esmaecer. Tentaremos pensar essas relações posteriormente,

pois nos parece que todas essas imagens que vemos descrevendo, tentam dividir o poder conferido à psicanálise no Rio.

## O CESAC

Se formava em outro espaço do Rio de Janeiro, o CESAC, Centro de Estudos de Antropologia Clínica, promovendo seus estudos e discussões, já aproveitando a dinâmica que esses grupos apresentavam e, com isso, ajudou a formar uma grande quantidade de terapeutas com essa visão.

O Chebabi dividia com Inês Besouchet a direção do curso. O grupo, composto por oito psicólogos, tenta buscar um modo de se organizar em psicologia clínica que possa se distinguir da psicologia acadêmica.

Com muitas discussões sobre se seria importante a formação psicanalítica, sobre a amplitude da psicanálise, sobre conhecer o modelo psicanalítico, sobre ser ou não ser psicanalista, o grupo se amplia, com um programa eclético, que engloba alguns estudos sobre filosofia, psicanálise, antropologia, matemática, e outros temas sugeridos pelos grupos.

Ana Cristina Figueiredo explora bastante este ponto como sendo o CESAC um dos grupos importantes na questão da análise dos psicólogos.

Para nós, a importância reside num grupo que se propõe a estudar psicanálise de uma maneira integrada com outros saberes, assimilando boa parte de psicólogos, numa época em que psicoterapia de grupos explodiam no Rio. Sabemos que as discussões e reuniões diversas do CESAC se utilizavam da prática de grupos e que D. Inês Besouchet ajudou a formar um grande número de terapeutas de grupo.

*"...As discussões eram em grupo, não se pretendia ter grupos operativos, mas a Inês tinha uma espécie de carisma. Ela foi exilada do Brasil, por razões políticas também, viveu na Espanha,*

*viveu em Paris, trabalhou muito lá, e depois veio para cá. Tinha uma família carregadamente judaica e européia..." (\*4)*

Carmem Lent faz esses comentários para explicar um certo jeito grupalista de Inês Besouchet que teria influenciado muito o trabalho.

### **Projetos de legalização**

Em nossa pesquisa, localizamos informações sobre dois projetos feitos com o objetivo de legalizar a profissão de psicanalista: Um projeto de autoria de Francisco Amaral que foi levado à Câmara dos Deputados, por volta de 1975, e outro chamado projeto Alcântara, por iniciativa de Nelson Carneiro, no Senado Federal, com a redação de Leão Cabernite, em torno de 1978. Não conseguimos nos certificar se os dois projetos teriam alguma correspondência ou se na verdade havia uma só investida legal e que as informações que recebemos teriam sido confundidas pelo tempo.

Especialmente porque os comentários e reações descritas são extremamente semelhantes.

O que é certo é que, no momento do "boom" da psicanálise, houve uma tentativa de regulamentação da profissão de psicanalista, e que a intenção era a de restringi-la aos profissionais ligados à IPA.

A Associação Brasileira de Psicanálise, junto às sociedades ligadas à IPA, mandaram, via um deputado de São Paulo, como subsídios para o projeto que:

*"...só poderia se chamar psicanalista quem fosse da IPA, e que, digamos assim, as normas de formação psicanalítica eram normas internacionais da IPA, aliás, foi exatamente esta informação a razão do projeto ter sido torpediado..."*

*...Nessa ocasião houve um congresso da IPA no Rio de Janeiro, acho que foi em 74, que um psicanalista estava sendo entrevistado no jornal e ele disse textualmente que quem fizesse psicanálise profissional, fora da IPA, era um psicopata. Agora,*

*quando você sabe o que estava rolando, nessa mesma época, 74 e 73, que era a formação psicanalítica ao médico que pertencia à uma equipe de tortura...” (\*7)*

A iniciativa deste projeto tinha por mentores aqueles que se auto-proclamavam guardiões do ouro da psicanálise. A psicanálise oficial se considerava a única capaz de utilizar recursos terapêuticos com a clientela. O argumento básico era que a regulamentação impediria a ação dos “mau formadores”. A voz do Sr. Leão Cabernite era uma das mais ouvidas na defesa da regulamentação.

O projeto foi torpedeado e foi um deputado quem propôs seu arquivamento com a frase: “Nós não podemos regulamentar uma profissão no Brasil, com valores de fora do país”. (\* 7)

### **O Instituto de Medicina Psicológica — IMP**

Nas informações colhidas tivemos notícia de que o Instituto de Medicina Psicológica, hoje Iracy Doyle, teria sido uma das instituições que também organizou uma Divisão de Grupoterapia em seu organograma. Esta divisão promovia reuniões de estudos, esteve representada no 4º Congresso Brasileiro de Psicoterapia Analítica de Grupo, em 1979, com participação em mesas, com trabalhos de grupo. Ainda em 79 apresentaram trabalho num Simpósio sobre Psicoterapia Analítica de Grupo.

Na documentação pesquisada, tivemos acesso a uma carta de um psicanalista de grupo do IMP, que, em janeiro de 1981, se queixava da atitude do Instituto, que submetia as questões da grupoterapia ao crivo da Direção Técnica, definindo autoritariamente tudo o que dissesse respeito à ela:

*“...Tudo mistura e confunde, como se grupoterapia fosse coisa subalterna, simples pingente da psicanálise, pouco digna,*



*portanto, da menor distinção por parte da instituição. Como se fosse apenas tolerada no IMP; se por aí estão fazendo grupoterapia, é bom dizer que o IMP também faz essa coisa...*

*...Insisto nisso: já que grupoterapia não é psicanálise, como não é nenhuma forma de psicoterapia individual, há que separá-las e deixar que cada uma siga seu próprio destino. E que, o psicanalista se convença de que, por mais bem dotado que ele seja em psicanálise, por mais versado, por mais competente que ele seja nessa especialidade, nada disso pode, por si só, conferir-lhe título para pontificar a grupoterapia, matéria que a esta altura já exige anos de estudo especializado.*

*...Pelo modo como ficou e até quando ficar assim no regimento atual, não é preciso bola de cristal para afirmar que seu desenvolvimento será precário e de baixa qualidade, digno de pena por mais uma oportunidade de desenvolvimento que se perde pelo fechamento a que foi submetido."<sup>14</sup>*

Luiz Alberto Pinheiro de Freitas, nos informou que o Curso de Formação de Grupoterapeutas funcionou até 1982, pelo menos. O programa do curso que consultamos se referia à temas específicos de grupo e tinha a duração de 32 horas/ aula.

## **O IBRAPSI**

Em 1978 é fundado o Instituto Brasileiro de Psicanálise Grupos e Instituições, IBRAPSI, pelo psicanalista argentino Gregório Barembliitt, além de Luiz Fernando de Mello Campos e Chaim Samuel Katz. Este instituto tinha como objetivo fornecer formação em psicanálise e sócio-análise, reproduzindo o projeto político-assistencial do Centro de Docência e Investigação (CDI) argentina que congregou os Trabalhadores em Saúde Mental (STM).

A formação era constituída de seminários teóricos e grupos operativos com os alunos. A parte teórica incluía, além da teoria freudiana, epistemologia, materialismo histórico e análise institucional.

Seu boletim de apresentação o coloca como:

---

<sup>14</sup> Carta de Jayme Monteiro Pereira em 1979, 1ª direção técnica do IMP.

*“...organização integrada que se propõe a abranger todos os serviços necessários à preservação, incremento e recuperação da saúde mental. Esta iniciativa surgiu da cooperação de especialistas de distintos campos do conhecimento que convergem para a área de saúde. Psicanalistas, psicólogos, psiquiatras, sociólogos e outros especialistas, tendo efetuado um estudo criterioso da realidade brasileira, decidiram estabelecer as bases de um trabalho conjunto de amplo alcance.”*<sup>15</sup>

A seguir, antes de definir seus departamentos e organograma, sintetiza a saúde mental no Brasil:

*“Neste campo, como em muitos, o panorama atual se caracteriza por um estado de ampla carência de recursos, com relação à profilaxia, tratamentos e reabilitação de conflitos e doenças psíquicas.*

*Esta carência é particularmente intensa para as classes médias e trabalhadoras, uma vez que os sistemas estatais de atendimento (existentes em pequeno número e restritos às regiões urbanas mais desenvolvidas), não conseguem atender à demanda maciça de população em virtude do caráter arcaico, estéril e antieconômico dos procedimentos utilizados. O setor profissional privado, por sua vez, restringe-se a serviços terapêuticos de caráter curativo que, em que se pese seu alto preço, não logram atingir uma eficácia e modernização superiores às dos serviços governamentais. Em suma: tanto para os “pobres” quanto para os “ricos”, ressalvadas honrosas exceções, as soluções para a problemática de saúde mental no Brasil, tem se demonstrado antiquadas, insuficiente e mesmo prejudiciais para aqueles que as utilizam.”*<sup>16</sup>

O Departamento de Ensino se propunha a estabelecer uma relação da Psicanálise com as demais ciências sociais, com o objetivo de constituir um referencial teórico-técnico que permitisse uma compreensão abrangente dos problemas de saúde mental.

Era evidente a demanda dos psicólogos de uma formação alternativa às existentes e o IBRAPSI vai ser a primeira instituição a oferecer formação psicanalítica aliada a um projeto político.

<sup>15</sup> Boletim de apresentação do IBRAPSI - 1978

<sup>16</sup> Idem

O IBRAPSI organizou um evento, considerado "o fato mais importante acontecido no Brasil para uma abertura crítica da psicanálise".<sup>17</sup>

Este simpósio contou com a presença de vários personagens controvertidos nas áreas de ciências sociais, psicanálise e psiquiatria, como: Franco Basaglia, Armando Bauleo, Robert Castel, Thomas Szasz, Felix Guatarri, Erving Goffman, Shere Hite, além de um grupo lacaniano brasileiro.

No período de 78 a 82, o IBRAPSI chegou a congregiar cerca de 160 alunos e a atender uma média de 500 pacientes por ano.

Dentre as exigências para freqüentar o curso, a análise pessoal deveria ser prioritariamente em grupo, e com um analista da instituição.

Para nós, a importância do IBRAPSI, reside no fato de, além de possuir uma clínica assistencial grande, de ter possibilitado formação psicanalítica e a politização de muitos psicólogos numa época onde esta opção não existia, ter priorizado a grupalização tanto na formação, quanto na clínica. Era um período de "boom" da grupoterapia e as sociedades "oficiais" faziam toda a sorte de exigências de que a grupoterapia de fundamentação analítica ficasse em sua propriedade.

### **A Clínica - Escola Terra**

Em 1979, é fundado, por um grupo de psicólogos a Clínica Terra — Clínica/escola de psicanálise. Até 80 ela funcionou basicamente como clínica, passando então a oferecer formação psicanalítica. As turmas eram organizadas em grupos operativos e a linha teórica era a da escola inglesa.

---

<sup>17</sup> Gregório Baremlitt. Primeiro Simpósio Internacional de Psicanálise, Grupos e Instituições no Rio de Janeiro, **Grupos Teoria e Técnica**, Biblioteca de Psicanálise e Sociedade, Graal - IBRAPSI, R. J. 2ª ed

Atendendo às características da época, de necessidade de entrada no mercado clínico pelos psicólogos, e a possibilidade de se utilizar os trabalhos de grupo como facilitadores da organização institucional, a clínica se fundou com o encontro de três psicólogos. Esses psicólogos que sabiam que queriam estudar psicanálise, se organizaram, inicialmente sob a forma de grupo de estudos e, posteriormente sob a forma de Clínica-escola.

Utilizando os grupos operativos de Pichon Rivière, organizaram uma forma mais dinâmica e não hierarquizada de aprender e clinicar.

Tentando não seguir o confinamento das sociedades ligadas à IPA, a Terra abre seu campo de discussão para outras áreas, como por exemplo as artes. Posteriormente, como quase todos os grupos que tentaram fugir do sistema hierarquizado do saber da IPA, a Terra teve problemas neste aspecto e se dividiu.

A Livre Associação, criada com os membros dissidentes da Clínica-Escola Terra, possui o mesmo sistema de trabalho, mas atende a um grupo muito pequeno de profissionais e sua clínica assistencial é muito reduzida.

As descrições feitas neste capítulo metaforizadas como imagens do caleidoscópio, compõe, junto com um "pano de fundo", que chamamos de gramática política, um cenário que nos ajuda a compreender o processo de subjetivação e objetivação da formação do saber: psicoterapia de grupo de fundamentação analítica.

Não pretendíamos dar conta de toda a ebulição emergente da época. Temos a certeza também, de que outros grupos de profissionais se uniram em torno do tema das grupoterapias de base analítica, mas não damos conta de abranger todos os movimentos, detendo-nos naqueles que consideramos mais

articulados com nossa discussão, ou até mesmo aqueles em que nosso acesso foi possível.

Esses movimentos não foram extensamente descritos, por um lado porque isto pode ser encontrado em excelentes dissertações de colegas nossos, já registradas na bibliografia. Por outro lado, nos interessa mais documentar um contexto em que tudo isso se fez, dentro de uma situação política da época, para situarmos nessa dialética a psicoterapia de grupo de fundamentação psicanalítica.

## **1.2 Uma gramática política como pano de fundo**

Neste momento, descreveremos o contexto de emergência das psicoterapias de grupo. Entendemos e o denominamos uma gramática política, no sentido de condicionante de possibilidades desse movimento e de seus contemporâneos

Com a ajuda de teses e dissertações de alguns colegas nossos, que já pensaram a produção de subjetividade dessa época, vamos pensar alguns aspectos que, de alguma forma, colaboraram nessa produção, da mesma maneira que o movimento das grupoterapias com fundamentação psicanalítica.

Consideramos os aspectos da subjetividade que mais se relacionavam ao nosso interesse, que são os ligados às classes médias urbanas, já que consideramos o movimento da grupoterapia fazendo parte do processo de modernização, e a modernização brasileira da época estava ligada à acelerada urbanização e o crescente aumento das classes médias urbanas, como conseqüências imediatas do crescimento industrial da época.

Estamos considerando subjetividade o resultado de um conjunto de formas de pensar, sentir, perceber a si e ao mundo produzidas por diferentes dispositivos sociais, culturais, políticos, etc, existentes no mundo capitalista ou dependente do capitalismo. A subjetividade seria mutável, dependente de um agenciamento de enunciação produzi-la ou não.

Assim, colhemos alguns aspectos importantes da subjetividade, nesse período de tempo, relacionados com o movimento da psicoterapia de grupo de fundamentação analítica.

## 50... 60

O meio da década de 50 e os primeiros anos da década de 60, foram marcados como os alegres anos onde se ouvia a Bossa Nova e se tinha um presidente, também "Bossa Nova" (Juscelino Kubistscheck — 1956 a 1961), quando se deram os grandes avanços da chamada modernização do Brasil. Frente à movimentação do capitalismo internacional, o Brasil de 61 a 64 (Jânio Quadros — 61 e João Goulart — 61 a 64) se caracterizava pelo projeto de reformas de base e desenvolvimento nacional, gerando uma política populista, no sentido da manipulação dos setores populares. Paralelamente, era grande o avanço da industrialização e urbanização nesse período.

Quando o pacto populista começa a perder suas forças, com a renúncia de Jânio Quadros, há grandes pressões de grupos de esquerda, ainda alimentados pelo governo populista-desenvolvimentista de João Goulart. A vitória da revolução cubana, paralelamente a isso, influenciava a juventude latino-americana, como uma possibilidade a ser conquistada...

A esquerda tentava estabelecer pressões por vários caminhos e em várias áreas. A Editora Civilização Brasileira lança os "Cadernos do Povo

Brasileiro”, o centro Popular de Cultura da União Nacional dos Estudantes leva shows, teatros a vários estados brasileiros, e alguns filmes extremamente importantes do ponto de vista de conscientização política são produzidos. Várias experiências foram desenvolvidas no sentido de educar o povo e no Rio, destaca-se a figura de Paulo Freire. Além disso, vários projetos de educação através da arte foram desenvolvidos. Uma integração é feita, no sentido de ligar os sambistas do morro com a Bossa Nova, fazendo grandes expressões na música, deixando uma marca importante na juventude universitária de classe média.

É num clima de politização eufórica e de aumento dos movimentos sociais, que vão se instalando os trabalhos de grupo que fomentam e atendem a uma demanda dessa juventude universitária, bem como em outras categorias profissionais, especialmente intelectuais de área humana.

A psicoterapia de grupo acompanha a tônica dos anos JK, que é uma tônica de formação de vanguarda.

Apesar de, em 62, o custo de vida estar se elevando, havia ainda uma euforia nacionalista que não nos deixava perceber o que se passava.

Os movimentos sociais e sindicais estavam ainda nas mãos da esquerda, tendo como temas centrais, os mitos do nacionalismo e do povo. Mas, o pacto populista entre o governo de J. Goulart e os setores populares, vai ficando perigoso para a expansão monopolista do capital estrangeiro, que sente no modelo político vigente uma barreira para sua expansão. As forças armadas ocupam, então, o Estado, para servir a tais interesses e acontece, o golpe militar de 1964.

Paralelo a isso, vinha se desenvolvendo uma campanha que fazia da figura do comunista um traidor da pátria e como controlador das realidades sociais. Nas décadas de 50 e 60, a subjetividade foi sendo produzida no sentido

do fantasma do comunismo, como ameaçador das famílias brasileiras...era preciso defender a pátria, a família e a propriedade de tal mal. É aí, então, que as famílias de classe média do Rio e de São Paulo, juntamente com a igreja católica, denunciam a comunização da sociedade e exigem um governo forte.

Por outro lado, nos primeiros anos da década de 60, várias parcelas da juventude vão se renovando, aprovando novos valores para seu comportamento. A valorização da mulher se redefine, pelo seu processo de profissionalização, como pelo seu engajamento político, apesar dos limites impostos por outras parcelas da sociedade.

Mesmo sob os protestos das famílias, neste momento houveram mudanças em relação à sexualidade, aos métodos contraceptivos, à maternidade, e até às próprias relações entre familiares, sendo questionada a questão hierárquica dentro das famílias.

O autoritarismo do casamento nas relações afetivas, bem como as próprias relações entre homens e mulheres, passam a ser vistos de uma forma mais igualitária. O triângulo Deus, Pátria e Família é denunciado como fascista.

Apesar de uma postura participante e conscientizadora ser o dominante nesse período, a partir do golpe militar até o Ato Institucional N° 5 (12/ 68), o quadro já era outro. Os trabalhadores são silenciados, as ligas camponesas são dissolvidas, os sindicatos ficam sob intervenção, iniciam-se as prisões, as torturas, os assassinatos... e o poder fica concentrado no executivo federal, para resolver as contradições no plano econômico que o impasse político tinha agravado.

Apesar disso a esquerda consegue manter a hegemonia cultural e a circulação de produções culturais não cessa. Essas produções se davam em



segmentos restritos da população, e para um grupo que não era de classe popular, como, por exemplo no teatro ou nos festivais de música.

A psicoterapia de grupo por sua vez cresce muito, mas fecha-se principalmente nos consultórios, juntamente com a psicanálise, ficando reservado a poucas instituições o trabalho grupal com a população de baixa renda.

Inicia-se uma produção musical que mostra, em seu conteúdo, um desengajamento político, um descompromisso com o que se passa à volta, uma produção musical mais ligada à música norte-americana. É a "jovem guarda" que com um desinteresse pelas questões sócio-política ganha terreno junto às classes populares e junto aos jovens que não freqüentavam a universidade.

Em 60, o cinema introduz uma linguagem nova, ainda dentro do mito nacionalista- populista, o chamado Cinema-Novo, freqüentado pela classe média intelectualizada, que foi chamada de "geração Paissandu", por causa do nome de um cinema da zona sul da cidade do Rio de Janeiro.

Um movimento contracultural vai se formando e eclode na chamada geração de 68, trazendo contribuições como o tropicalismo, fazendo um contraponto com a influência do rock americano e reinvestindo a música popular de ânimo e de um discurso engajado. O grupo que mais se destaca, o grupo dos "novos baianos" traz uma música politizada e, ao mesmo tempo que introduz uma qualidade musical, introduz um novo espírito que apesar de agressivo, traz um conteúdo alegre e festivo.

Este conteúdo se expande, estendendo o espírito tropicalista às outras artes, à literatura, bem como modificando comportamentos e hábitos, como de vestir, dos cabelos, e até de falar...

Os estudantes começam a aumentar sua participação nas decisões da universidade, a fazer reivindicações, aumentando muito sua participação política que, reprimida pela polícia, enfrenta choques violentos. Em um desses choques, é morto um estudante, o que ajuda a radicalização das atitudes dos jovens que têm a universidade invadida pelo exército com a decretação de ato institucional.

Os conflitos crescem, as universidades dão constantemente invadidas, uma passeata de cem mil pessoas é organizada pela comunidade, pessoas são presas...é esse o clima do final do ano de 68. Em dezembro de 68 é criado o Ato Institucional N° 5, fechando a década de 60.

## **1970**

A repressão aumenta e os grupos clandestinos de resistência se organizam, as ações de violência aumentam e esses grupos desanimam. A partir de 68, o governo militar, para poder prosseguir em seu modelo de desenvolvimento econômico e social, cria o Ato Institucional N° 5, que vai trazer conseqüências terríveis para a sociedade. Com a doutrina de Segurança Nacional, anula-se qualquer pessoa que ousar levantar a voz contra o sistema.

Os jovens percebem movimentos de reação internacional, ao mesmo tempo em que participam do movimento de reformulação dos costumes, como o movimento "hippie", por exemplo, com a contestação da organização familiar, e outros movimentos contra culturais nacionais.

Há em 70, um começo de desinteresse e desânimo frente aos métodos utilizados pelo governo. Inúmeros aparelhos de repressão são criados e a tortura passa a inibir toda fala espontânea que alguém pudesse arriscar. Os opositores do regime ficam inteiramente fragilizados frente ao desaparecimento de colegas e parentes.

Como nos diz Cecília Coimbra, a tortura, além de obter informações, fragilizar e eliminar os opositores do regime, cumpre uma outra função: produz subjetividade. Nesse campo fértil, a tortura passa a ser algo comum, "autorizado" oficialmente, espalhando o terror pela sociedade brasileira.

Paralelo a isso, vai acontecendo o que se chamou "milagre brasileiro", onde se cria uma imagem de prosperidade e bem estar. Essa nova subjetividade traz a impossibilidade de se questionar a ordem social que está sendo imposta.

Aliando à imagem de prosperidade, uma proibição de se expressar publicamente, a subjetividade dos anos 70 em muito auxilia o aumento da demanda para o movimento grupalista.

O reinado da Globo vai se instituindo com novelas e programas de auditório, mas a possibilidade de crítica nos meios de comunicação é completamente censurada.

Ao lado de um conformismo político, vai se criando a idéia de ascensão social; há um crédito no país, como grande potência.

Um movimento pós tropicalista ainda mostra resistência com uma imprensa alternativa, representada pelo jornal O Pasquim, apesar dos representantes primeiros do tropicalismo estarem no exílio.

Todo o tempo, os movimentos alternativos de resistência vão tentando levar as idéias renovadoras dos anos 60, mas elas só vão frutificar em 80. Os anos 70 são marcados pela pouca singularidade e os movimentos como os "hippies", por exemplo, instalam-se na marginalidade, num clima de grande depressão.

O modelo da família que investe em seus filhos, drogados ou subversivos, da família que deve manter uma sociedade saudável, se perpetua. É

responsabilidade das famílias e não do estado geral que vive a sociedade, se os jovens são drogados ou subversivos.

É muito interessante se perceber o que vai se passando com as famílias, bem como com os movimentos alternativos, uma vez que os dois vão se proteger de um mundo externo hostil, da mesma maneira. O movimento desses grupos passa a ser uma tentativa de se fortalecer, voltando-se para seu próprio interior, pois o que estava sendo assegurado é que a realidade externa seria por demais repressiva para qualquer tentativa de relações que não fossem voltadas para as “pessoas confiáveis.”

Os movimentos de resistência enfraquecidos, a acusação paralela de que a crise nacional era ocasionada por conta desses movimentos, leva a que as famílias se voltem para seu interior, tentando preservar a si e aos seus jovens, criando uma época mais intimista na sociedade.

Como se o mundo exterior os decepcionassem, grupos alternativos, como os “hippies” da época, no mesmo movimento que as famílias, voltam-se para si mesmos, produzindo uma linguagem e códigos próprios, que marcam bem a sua separação do exterior.

É um período em que as pessoas passam a se preocupar com suas emoções particulares, o interior passa a representar a verdade absoluta, e todo sentimento deve ser expresso ...para iguais.

Uma visão intimista é extremamente valorizada na década de 70, o domínio público é desvalorizado, valorizando-se a privacidade. Passa a haver uma psicologização da vida social: o sentimento é o que importa.

Passam a surgir especialidades psicológicas que vão se preocupar com o ajustamento dos indivíduos e com as crises das famílias. A fala dos especialistas competentes, gera sentimentos de incompetência e cria um desejo de procura

maior dos especialistas dos sentimentos. Entre esses especialismos, a psicoterapia de grupo, junto à psicanálise, atinge o seu "boom", apesar de protegida nos consultórios particulares .

As técnicas "psi" estão bastante marcadas pelo familiarismo do privado em detrimento do público, na década de 70, com discursos de competência e cientificidade.

Em meio ao milagre brasileiro, porém, outros segmentos da população, vão gestando novos movimentos, primeiramente nas classes mais pobres da população e, posteriormente por algumas parcelas da classe média. A ditadura militar acirra crises que levam a uma série de movimentos sociais, produzindo práticas ligadas à "Teologia da Libertação". Começa-se a romper o silêncio com pequenos atos e experiências tímidas através de ativistas operários, militantes de esquerda, padres, freiras, moradores comunitários ligados à paróquias locais, etc.

Assim, vai começando a se quebrar a idéia intimista de que o público deve ser desvalorizado. A igreja através de D. Paulo Evaristo Arns, condena publicamente a tortura no Brasil, e surgem outros movimentos sociais ligados às CEBs (Comunidades Eclesiais de Base).

Movimentos contra o custo de vida, movimento público contra a morte do jornalista Wladimir Herzog, movimentos populares como os clubes de mães, grupos de jovens, movimentos de associações de bairro, vão constituindo conquistas de espaços políticos. É na baixada fluminense, no Rio, que proliferam os movimentos de associação de bairros nos anos 70, e onde se localizaram as primeiras CEBs nos anos 60. Lugar onde o Esquadrão da Morte atuava, grupo paramilitar, que pregava ostensivamente a instituição da pena de morte.

Movimentos mais amplos também vão explodindo, como “Não ao Fundo Monetário Internacional”, a organização dos trabalhadores em sindicatos livres, pelo direito de greve, pela reforma agrária, pela abertura de frentes de trabalho nas áreas urbanas e rural, pelo fim do arrocho salarial e pelo fim da Lei de Segurança Nacional.

Mas os anos 70 foram marcados como um período de choque de subjetividades. Com isso, o movimento de desestabilização das famílias é lido como o surgimento de uma necessidade de procurar ajuda nos profissionais competentes. Reina um discurso psicologizante nas camadas médias urbanas nos anos 70 brasileiros.

No discurso da competência psicológica, as classes médias são as grandes consumidoras das práticas “psi”.

## 1980

É na década de 80, porém, que vão ser sentidos os reflexos desses movimentos iniciados nos anos 70.

Anos do apogeu da Rede Globo, a década de 80 absorve as mudanças familiares, sexuais, nos costumes e comportamento que vieram se formando nas décadas anteriores. Anos de “distensão lenta, gradual e segura” de Geisel e de “abertura” de Figueiredo, diferentes movimentos sociais e populares se reorganizam e fortalecem.

Cecília Coimbra nos fala da emergência de “novos sujeitos políticos”, surgidos, primeiramente, entre as camadas mais pobres da população e, posteriormente, entre algumas parcelas da classe média. Alguns segmentos despertos do sonho do milagre brasileiro vão, aos poucos, se tornando aliados

nas lutas por melhores condições de vida, trabalho, moradia, educação e saúde e pela democratização da sociedade.

A primeira metade da década de 80, é caracterizada por grande mobilização popular e indignação com o período de regime militar que se instalara desde 64. Os movimentos sociais que começam desde 70, culminam com o movimento das Diretas Já! em 1984. Esses movimentos retratam uma busca de controle das condições de vida, contra as instituições estabelecidas.

Mas, esses movimentos sociais vão sendo gradativamente “derrotados”. A “Nova República”, instalada com as eleições indiretas para presidente, ao pretender completar a “transição” política iniciada por Geisel e continuada por Figueiredo, na verdade fortalece as instituições de poder estabelecido, em detrimento dos ganhos alcançados pelos movimentos sociais.

Em 1986, a “Nova República” lança o Plano Cruzado, que ilusoriamente mantém a economia congelada e a inflação contida. Poucos dias depois das eleições para governadores de estado, os preços são liberados e a inflação atinge a casa dos três dígitos ao ano. O FMI continua sendo nosso grande senhor, e o país é acometido por grande e crescente recessão.

Os movimentos sociais vão esmorecendo, em cada novo plano que surge, sob orientação direta do FMI. Esses movimentos começam a se restringir à questões salariais ou estabilidade no emprego.

Em 1988 é votada nova Constituição e, com a ajuda das pressões populares, algumas alterações são feitas em favor dos direitos do cidadão.

Foi fato público, que nessa década, um deputado foi questionado sobre a legitimidade de se trocar votos por cargos públicos, teria respondido — citando São Francisco de Assis —, “é dando que se recebe”.

Esse cinismo tem nos acompanhado durante essas últimas décadas, naturalizando a corrupção, onde sua denúncia passa a ser feita diariamente pela imprensa, bem como a não apuração dos fatos.

Reina em nossa subjetividade a descrença na política e seus representantes. Essa descrença se generaliza a outras autoridades, como se em nossa subjetividade tivéssemos que estar sempre na defensiva de possíveis traições e falcatruas.

A violência nas cidades e nos campos aumenta aceleradamente, os grupos de extermínio são financiados por comerciantes e empresários, para se acabar com os meninos e bandidos que mancham a "honra" da cidade.

Muitos assassinatos acontecem em nome da defesa da propriedade privada, culminando com a morte do seringueiro Chico Mendes em 12/88.

Uma questão ética toma grandes dimensões na realidade brasileira. Apesar de todas as denúncias feitas, a impunidade continua vigente no país; a ética passa a ser um purismo reservado a poucos.

E, neste clima, acontece a primeira eleição para presidente, depois de 25 anos. Novo movimento popular acontece, no sentido de eleger o candidato do Partido dos Trabalhadores, no sentido de acreditar que "sem medo de ser feliz", se pode alcançar um sonho...

Mas, alguém, que se propõe a combater a corrupção, se forja a nossos olhos, junto com um partido, e se elege...o "caçador de marajás"...

A vitória de Fernando Collor de Mello, traz consigo desilusão e desânimo, para uma parcela da população que havia se organizado nas eleições para eleger um candidato mais popular. Além disso, fica a percepção de que era ainda muito numerosa a fatia de empresários, fazendeiros e desavisados neste país,



capazes de eleger um presidente, que, na verdade, funcionou absolutamente a favor da corrupção.

Em termos mundiais, a queda do Muro de Berlim, traz junto o sentimento de "fim das utopias" que, associado ao nosso estado deprimido, alimentam uma volta para dentro de si e, conseqüentemente um retorno a fortes sentimentos narcísicos.

Com esse sentimento de depressão a década de 80 se encerra, chamada por alguns, "a década perdida", num estado narcísico que dificulta a formação de novos grupamentos, novas mobilizações sociais.

Os anos 90 se iniciam com uma demonstração de reação popular integrada da sociedade que, através de movimentos de rua, pedem o impeachment do presidente. Numa caminhada onde milhares de pessoas estão vestidas de negro, pede-se a saída do presidente da república, Fernando Collor de Mello.

O sentimento de vitória pela sua saída é logo acompanhado de descrédito frente à possibilidade da impunidade. De fato, as conseqüências sofridas pelo presidente deposto e seus colaboradores, não atenderam às expectativas da população, que aumenta seu sentimento de desconfiança.

Neste clima de descrédito segue a década de 90.

Já no início de 90, as psicoterapias de grupo com fundamentação analítica, haviam perdido quase toda sua expressão. Poucos psicanalistas ainda trabalhavam com grupos.

**CAPÍTULO II**

**UM REGISTRO DO MOVIMENTO DA  
PSICOTERAPIA ANALÍTICA DE GRUPO  
NO RIO DE JANEIRO  
ATRAVÉS DA VOZ DE SEUS PROTAGONISTAS**

**... um ponto de vista**

Uma outra fonte de dados utilizada na compreensão do movimento da psicoterapia de grupo é o conjunto de depoimentos dos principais protagonistas deste movimento no Rio de Janeiro.

O que demandavam esses psicanalistas quando promoveram a psicanálise de grupo, como sentiram esse movimento, e quais fatores acreditam que os impulsionava a este dispositivo, foram algumas das questões que tentamos colher de nossas entrevistas, com o objetivo de circunscrever parte do panorama em que esse movimento se incluía. Além disso, as impressões de alguns clientes entrevistados, fazem parte do "ponto de vista", nos oferecendo dados que ajudam a compor de maneira um pouco mais completa, a subjetividade que circundava a psicanálise de grupo. A expressão é precedida do artigo "um", não no sentido de unidade, mas como uma abertura para que "outros" pontos de vista possam acontecer.

## II. 1 — Faz-se uma demanda

Em relação ao início da grupoterapia psicanalítica, um dado importante assinalado pelos entrevistados, diz respeito à estreita ligação que se estabelecia entre psicanálise e psiquiatria no Rio.

Uma vez que, apenas aos médicos era facultado o acesso à formação psicanalítica era, em geral, nas instituições psiquiátricas, que esses profissionais se concentravam, especialmente no Instituto de Psiquiatria da UFRJ, Hospital Pinel e Hospital Pedro II, na época. Esses hospitais possibilitavam uma vida acadêmica, grupos de discussão, estudos de casos, onde era quase inevitável discutir psicanálise extensamente. Os médicos psiquiatras do Instituto de Psiquiatria, por exemplo:

*"...faziam um núcleo de psicanálise com o consentimento da cátedra, que era o Prof. Leme e Lopes, que apesar de ser um psiquiatra ortodoxo, era uma pessoa muito aberta; hoje a gente sabe que ele era aberto. E tinha também os grupos de reflexologia, de quimioterapia e de psicanálise...a gente passou a participar de um grupo psicoterápico de base analítica...começamos aí a entender a psicanálise de grupo. O trabalho em grupos era anterior à psicanálise para nós, estudantes de Medicina da UFRJ." (\*19)*

Além disso, a psicanálise de grupo começou a crescer junto às instituições de formação, com os psicanalistas cariocas que chegavam de suas formações psicanalíticas na Argentina, além de outros profissionais de outras nacionalidades que para cá vieram.

*"...Eu fiz parte do primeiro grupo, a "primeira formação",.... Foi feito por Werner Kemper...eu contestei muito isso na época, porque ele era o analista particular de quase todo mundo que estava ali, menos 2, que faziam análise com a mulher dele. Esse grupo se reunia uma vez por semana na casa dele (naquele tempo não havia sede da sociedade), e ele fazia interpretações, mostrava o desenvolvimento grupal, dinâmica grupal, etc. Ele tinha uma prática curiosa, em cada reunião, um era o secretário, fazia o relatório ...naquele tempo não tinha gravador."(\*15)*

Assim, a psicanálise com grupos surge inicialmente de dois pontos: no hospital psiquiátrico e na sociedade de psicanálise.

Dentro da Sociedade de Psicanálise do Rio de Janeiro, a grupoterapia de início, tinha um outro objetivo — um objetivo assistencial individual, sem a iniciativa inicial de ser um trabalho de grupo...

*"...eu organizei o Departamento de Assistência Psicológica, que eu dei o nome de DAP, que era feito para atender à pessoas que não tinham dinheiro para pagar uma análise, pagavam uma coisa simbólica, representativa qualquer, um dinheirinho para não dizer que era de graça. E nós saímos fazendo propaganda daquilo. Se inscreveram nada menos do que 150, 160 e se tornou inviável, porque nós éramos poucos, nós éramos uns 10 ou 12... A gente teve a idéia de fazer grupo, dividir em grupo"....(\*15)*

Essa "oportunidade", foi referida por outros psicanalistas...

*"Se eu tenho mais pessoas me procurando do que eu posso atender, eu posso fazer grupos, atender a vários de uma vez, porque é uma maneira de eu poder dar conta da procura e ganhar mais dinheiro. Apesar de eu cobrar menos e poder com grupos aumentar mais ainda a demanda, porque aí você cobra menos por paciente, você cobrava um terço do valor da sessão por paciente. Então, com isso, você multiplicava ainda mais.*

*Na hora em que surgiu grupo surgiu uma clientela geometricamente maior, porque você cobrava um terço do preço de uma sessão individual. Mas, como você atendia 8, 9, 10 ao mesmo tempo, você ganhava 3 ou 4 vezes mais numa sessão de grupo, do que numa sessão individual. Ora, estavam dadas as condições culturais e as condições de mercado para isso." (\*8)*

Na verdade, os grupos foram acontecendo como uma consequência da grande repercussão que a psicanálise vinha sofrendo. Num primeiro ano de existência, na SPRJ já começava a surgir os trabalhos com grupos.

*"...era a chamada segunda turma da sociedade... a primeira turma ninguém participou. Então, nós dividimos os clientes e cada um ficou com 10. Havia supervisão, e cada um tinha um observador que era da terceira turma. Isso foi mais ou menos em 58... E nesse departamento (DAP) a regulamentação era a seguinte: cada um dos alunos ou candidatos, que estava inscrito, era obrigado a atender x horas por mês, seja para fazer triagem, seleção, seja para fazer tratamento..."(\*15)*

A Psicanálise entrou pelo hospital psiquiátrico, trazendo a influência argentina, e começou logo a ganhar um poder que se refletia muito nos alunos...

*"... Walderedo vinha da escola argentina trazendo as novidades kleinianas e o centro de estudos do Instituto era assim extremamente famoso pois albergava uma porção de discussões e líderes ideológicos, aonde se colocava em dia as questões da psicanálise, da reflexologia e da psiquiatria de um modo geral...  
...O grupo de estudos tinha uma liderança muito forte, aonde predominava a influência dos psicanalistas, e a gente, como estagiário, se identificava com quem tinha mais poder." (\*19)*

A psicanálise começava a atender à uma demanda de um trabalho psiquiátrico mais efetivo e menos organicista, que vinha se fazendo necessário.

*"...no Engenho de Dentro eu fazia uma psiquiatria ortodoxa porque tinha ótimos professores de psiquiatria. Medicava bem, aplicava eletrochoque muito bem, e ao mesmo tempo vivia da psicanálise...imagina como a gente vivia dividido. Saíamos de uma coisa tipicamente organicista para uma coisa tipicamente não organicista... mas houve uma evolução dentro de Engenho de Dentro, quando a gente se deu conta de que havia uma grande frustração nos pacientes psicóticos, neuróticos, que remédio nenhum curava. O paciente internava, melhorava, reinternava, melhorava, e nunca tinha fim. A gente começou a aplicar alguma coisa a mais, começou a achar que a gente podia dar um recurso a mais para o hospital, que foi a utilização da psicanálise em termos gerais...trabalhando em grupos de base analítica." (\*19)*

E oferecia um maior fluxo de clientes dentro da Sociedade de Psicanálise do Rio de Janeiro...

*"...Então, nos primeiros grupos, aconteceu uma coisa interessante: muita gente largou o grupo e passou para individual e todos tiveram isso, a turma largava os grupos e ficava com o analista.  
...eu observava uma coisa curiosa nos grupos: todos os grupos iam se transformando em núcleos sociais, de atividades sociais, eles iam tomar chope depois do tratamento, da sessão, era festinha para cá, festinha para lá...  
...tinha mais candidatos trabalhando em grupo do que analistas formados. Porque a análise de grupo ajudava na despesa do analista que não tinha muitos clientes...  
...o indivíduo que ficava sem dinheiro ia da análise individual para o grupo..." (\*15)*

E o status que a psicanálise conferia, engrandecia os psicanalistas que, cada vez mais, desenvolviam um perfil onipotente...

*"...Nós tínhamos a fantasia de que éramos os verdadeiros donos da psicanálise...naquele tempo, psicanalista era um nome meio maçônico, sagrado, um nome meio misterioso. "Sou psicanalista", você enchia o peito. Isso era um passaporte para tudo, entendeu? Ninguém fazia isso sobre a psicoterapia de grupo...A mesma diferença que existia entre o sujeito se denominar médico antigamente, né? Você falava médico e havia um respeito em torno do médico, como as pessoas tratavam os médicos de uma maneira muito mais acolhedora, respeitosa, com admiração, até inflava o ego do médico e inflava o ego do paciente.....a psicanálise foi egóica demais..." (\*15)*

Isso, de alguma maneira refletia nos que não eram psicanalistas, ou eram ainda candidatos a psicanalistas...

*"...Quem fundou grupos foram os candidatos, não foram os analistas...nós éramos candidatos, então nós não fazíamos parte da sociedade...então, quando nós fundamos a sociedade de grupo, estimulados pelo Kemper, nós dávamos pulos de alegria, porque, finalmente, a gente podia ser membro e não alunos da sociedade..." (\*15)*

Ser psicanalista de grupo "driblava" os trâmites das sociedades de formação ligadas à IPA, além de agilizar o caminho em direção a "ser" psicanalista...

*..." você virava um terapeuta de grupo com mais facilidade e menos tempo, você ficava muito mais senhor da sua clínica no consultório, com grupos. Na análise individual você tinha, por longos anos, os trâmites da formação analítica. Isso também deve ter contribuído." (\*23)*

E uma tendência ao "grupismo" se fazia crescente...

*"...era difícil conciliar tanta coisa...a atividade psicanalítica, atividade grupal, no hospital também tinha grupo, grupos de reflexão...É uma coisa inédita, o Juscelino me botou na Academia*

*de Medicina Militar e o trabalho que eu apresentei era de grupo!...>(\*15)*

A qualidade da fundamentação psicanalítica que predominava no nosso meio, e que tomava conta do pensamento de nossos psicanalistas trazia a influência inglesa...a proposta kleiniana e a herança da segunda guerra são sentidas como facilitadoras da assimilação dessa teoria:

*"...Aí, entra o fator teórico...uma das crenças, uma fé que naquela época nos animava a todos, tem a ver com a história dos aliados, com o exílio de Freud em Londres. Londres foi quem acolheu Freud e o êxito da psicanálise inglesa, através de Jones, através da tradução da Standart Edition feita por Strachey, e o foco da transferência como algo fundamental do trabalho analítico...Aí entra, sem nenhuma dúvida, toda a fase de deslumbramento que nós vivemos com a obra de Melanie Klein. Embora fosse alemã e não inglesa, mas foi na Inglaterra que ela ganhou todo seu esplendor."(\*25)*

A teoria kleiniana foi sentida como um elemento facilitador da aproximação da psiquiatria com a psicanálise...

*"...Isso trazia uma possibilidade de um convívio muito mais próximo entre psiquiatras e psicanalistas. A análise kleiniana tratava todos os pacientes como psicóticos. Não havia mais essa diferença que, ainda Freud, estabelecia entre psicose e neurose. Todo paciente é psicótico e a neurose seria uma defesa contra a psicose, e o processo de análise visa, exatamente favorecer interpretar maciçamente o aqui e agora, o mais cedo possível as defesas, para poder mobilizar a ansiedade e essas ansiedades são ansiedades de natureza tipicamente psicótica ou ansiedade do tipo melancólica, portanto da psicose maniaco-depressiva, ou então esquizo-paranóide da esquizofrenia. Então vivemos também, nessa época, uma lua de mel entre a psiquiatria e a psicanálise, tanto que foi possível o trabalho no Pinel, no Instituto de Psiquiatria..." (\*25)*

Mesmo utilizando um referencial de análise individual, havia, por parte daqueles que se dedicaram, uma idéia de que a psicanálise em grupo funcionava, mesmo que não se compreendesse como, ou porque...

*"...os bons analistas conseguiram, através de um fenômeno meio aleatório, chegar a níveis muito sólidos de análise que muitas vezes se aproximava ou quase repetia o que acontecia no divã, na atividade individual..." (\*12)*

...embora, a formação para psicanalistas da técnica individual ficasse sempre como pano de fundo dos grupos, representando uma prioridade para terapeutas e clientes...

*"...no 'boom' da psicanálise não faltava cliente e a gente recebia mais e, infelizmente, essa é a verdade. Então, o exercício da psicoterapia de grupo ficava com uma importância 2, 3, 4, o número 1 era da psicanálise...o resto era alternativa secundária...  
...É claro que o terapeuta queria estar fazendo análise, análise era elitista, mas não era apenas elitista na escolha do atendimento de pacientes de elite não, era elitista quanto à própria profissão...os terapeutas usavam o grupo como uma alternativa complementar..."(\*15)*

De fato, o que aconteceu é que esse tipo de trabalho cresceu rapidamente, vindo a constituir o que chamamos de "boom", uma década logo depois de se iniciar. A maior parte dos psicanalistas entrevistados, fala da época do "boom" da psicanálise de grupo, com muita saudade, com muito entusiasmo, como uma época muito dádiosa ...

*"...eu acho que é uma história épica, de grande paixão, de muito medo, de muita dúvida, mas foi muito generosa. Para você ter uma idéia, a gente trabalhava só à tarde. Eu, quando comecei a trabalhar em psicanálise, começava a uma hora e largava às 7, e assim podíamos fazer os grupos pela manhã, podíamos dirigir a clínica... a manhã ficava por conta de estudos, reuniões...  
... creio que fez muito bem a muita gente, eu testemunho de viva voz: tanto fez bem a mim enquanto analisante de grupo, quanto*



fez um bem, enquanto analista... eu gostava muito de fazer grupos...

*Em alguns momentos eu achava: que bom que hoje eu tenho grupo... Era depois de uma jornada de atendimentos pesados e penosos no divã, você distribuía as cadeiras e recebia as pessoas e percebia a singularidade daquele material com a força, exuberância e dinamismo em que circulavam...*

*Se você me perguntar: Você tem saudade? Eu direi: muita, saudade das pessoas, porque eram muito interessantes, saudade da prática que era muito gratificadora..." (\*12)*

*"...mas o fato é que, os pioneiros, dominaram a praça, eu quero dizer, dominaram a clínica. Tinham 8, 10 grupos... enfim, era a época de ouro. O que entrava de grana, meus amigos era uma maravilha! Era mais barato do que análise individual, e os consultórios assim, apinhados." (\*3)*

*"...O grupo, hoje, já não tem mais aquela procura, antigamente você tinha, eu cheguei a ter grupos de espera. Eu juntei com um colega e nós dois mantínhamos um grupo de espera permanente, com pacientes esperando vaga. Nós tínhamos fila para o grupo de espera, para você ter uma idéia. Eu formei o meu primeiro grupo, em um mês. Meu segundo grupo, no mês seguinte. Meu terceiro grupo no outro mês. Em três meses eu tinha três grupos, com gente esperando...em 72, 73, 74, era uma plethora de gente..." (\*14)*

Por alguns, o "boom" é percebido, na verdade, como uma desproporção inicial entre número de terapeutas e de clientes.

*"...Nessa época...a psicanálise era ainda pouco difundida, os grupos psicanalíticos eram pequenos, e, por isso mesmo as pessoas que eram treinadas para psicoterapia de grupo eram também pouco numerosas... Eu creio que o que houve depois foi um número pequeno de terapeutas e uma demanda muito grande de clientes..." (\*11)*

*"...A demanda pela psicanálise cresceu, muito mais aceleradamente, do que o número de psicanalistas, mas muito mais.. Havia poucos psicanalistas para atender a uma clientela muito pequena. De repente, a partir de meados dos anos 60, os analistas estavam fechados nas suas sociedades médicas, produzindo o que? Sete ou oito psicanalistas, cada uma das duas sociedades, por ano, aliás, das 3, pois tinha a do Horus Vital Brasil...Não tinham 100 psicanalistas no Rio de Janeiro, dentre os quais, 30 ou 40 mais ativos. Isso, para atender a uma população de milhões de habitantes ...*

*O número de psicanalistas continuou crescendo nessa toada vegetativa de 5, 10, 12 por ano, e o número de pacientes*

*explodiu, e ultrapassou a capacidade de atendimento dos psicanalistas." (\*8)*

Na verdade, parece que o "boom" mesmo era da psicanálise e que um sentimento de curiosidade em relação a ela levava algumas pessoas a procurar as grupoterapias de fundamentação psicanalítica...

*"...quando eu entrei para a faculdade, eu já tinha curiosidade em relação à psicanálise, mas em relação à psicanálise individual.*

*Eu queria saber das pessoas que faziam análise, pra saber como é que as coisas se passavam, de que jeito era, deitava no divã, ou não deitava?...Mas não tinha nenhuma curiosidade em relação à análise de grupo...análise de grupo, para mim, era uma coisa secundária, sem nenhum valor" (\*18)*

Muitos psicanalistas fizeram referência a um ideal social, mas ficava sempre presente a idéia de que a psicanálise poderia tomar conta de um pedaço maior da sociedade.

*"Eu fiz grupo pelo meu espírito de curiosidade, eu achava interessante você ter a chance de trabalhar com um número maior de pessoas. Eu achava que isso tinha um alcance social maior. Eu comecei essa atividade em grupo, muito preocupado com a necessidade de ampliar a área de abrangência da psicanálise." (\*23)*

Nas instituições ia-se aprendendo, observando os grupos e ensaiando o aprendizado da grupoterapia nos mais diversos tipos de grupo.

Nos consultórios, os terapeutas, por sua vez, começaram a trabalhar, como curiosos em relação aos grupos, confiando em sua bagagem de analistas individuais, reunindo pessoas e formando seus grupos, mesmo sem experiência...

*"De repente eu disse: eu vou fazer grupo. Entrei, trabalhando com grupos, de uma forma pouco ortodoxa, na medida que eu deveria entrevistar cada pessoa, deveria dissociar os grupos para*

*começar, mas na verdade, eu continuei o trabalho de grupo. Eu entrei no lugar de uma pessoa anterior, então veio uma agressão incrível de dois grupos cheios, ficou só um grupo no final, mas esse grupo permaneceu durante um tempo. Eu peguei supervisão ...realmente foi fácil, tudo o que eu aprendi comigo mesmo, eu usava...>(\*14)*

*"...A maioria dos analistas não entendia nada de grupo, a maioria entendia o grupo assim: ele pegava um grupo de pacientes, botava no consultório e começava, sem a menor cerimônia, a interpretar o grupo como se o grupo fosse uma entidade que falasse alguma coisa... teve um analista que eu me lembro bem, contava isso: 15 pacientes numa sala e interpretou, sem o menor constrangimento, a morte da mãe de um paciente, como a morte da mãe do grupo..." (\*16)*

Mesmo assim, havia uma gratificação muito grande, por parte dos profissionais, frente a resultados que não permitiam muitos questionamentos. Hoje, há referências de que o aspecto da crença, teria influenciado muito esses resultados.

*".. Nessa época, ousou eu afirmar, que a psicoterapia de grupo tinha um efeito equivalente ao que hoje fazem, como: grupos de astrologia, bioenergética, florais de Bach, onde há um credo, um credo a ser adotado, e ...as pessoas freqüentavam o grupo como quem freqüenta a missa ...faz parte do cerimonial para que eu consolide meu credo e é esse credo que me cura.*

*Então o que acontece com a psicoterapia analítica de grupo? Acontece o mesmo que acontece com as terapias em que se fazia conversão religiosa. O resultado é extremamente gratificante, mas com o tempo, a pessoa constata que esta crença não a retirou da sua solidão ...o grupo, o analista, Melanie Klein, ou não sei quem, não resolve, a gente entra numa decepção tão grande e num ressentimento muito grande." (\*25)*

Apesar disso, o sentimento de eficácia da grupoterapia impulsionava ao trabalho, embora hoje, os protagonistas já possuam opiniões mais ponderadas...

*"...Eu acho que a terapia de grupo é uma terapia muito boa, porque é uma terapia mais ajustada, mais adequada à questão humana, à situação social de pessoas que se reúnem, que discutem problemas, que têm um terapeuta que, de uma maneira*

*ou de outra, faz intervenções, que abre perspectivas, horizontes, isso é uma coisa que na minha experiência foi muito útil..." (\*11)*

*..."Olha, eu tive muitos pacientes que, eu diria, tiveram modificações palpáveis, agora, a questão que eu me coloco é a seguinte, uma questão problemática, eu mesmo não poderia responder: será que aqueles pacientes, naquele trabalho, ali no grupo, eles tinham mais acesso ao inconsciente do que teria um paciente em individual? Eu temo que responderia que não. Porque, individualmente, um paciente tem mais acesso ao seu inconsciente do que dentro de um grupo mas, eu diria também que, em determinados aspectos, pacientes muito inibidos, pacientes muito perseguidos até pelo outro e isso vai levando-os a ficarem paralisados, que esses pacientes tiveram uma terapeutização melhor do que talvez se eles estivessem em uma análise individual..." (\*16)*

A psicanálise de grupo, porém, diante do "boom" que a psicanálise vinha sofrendo, era vivida por muitos clientes, como prêmio de consolação frente à impossibilidade de se "alcançar" a psicanálise individual...

*"...Foi preciso que as minhas situações de vida fossem se tornando extremamente prementes, me empurrando, foi preciso um encontro com uma pessoa que, na época, fazia análise de grupo e que me colocou perguntas do tipo: 'Você está esperando o que? Uma herança para fazer análise individual? Um grande emprego?...Alguém te prometeu um emprego milionário?..' '...eu não tive outro remédio...Essa era a minha análise possível, não tenho outra e estou muito necessitada...'" (\*18)*

Até mesmo por aqueles que pretendiam uma formação, a análise de grupo era a única "possível"...

*"A grupoterapia para mim, começou com um processo pessoal, numa época de dureza, sem dinheiro para fazer análise pessoal, muitas vezes por semana, era uma impossibilidade... a única possibilidade, era o grupo. Não muitas vezes por semana, um processo mais barato, muito difundido, havia muita gente fazendo grupoterapia..." (\*14)*

Havia muitas dúvidas em relação à psicanálise de grupo e, estas dúvidas, eram muito fomentadas pelos próprios psicanalistas das sociedades de psicanálise, ditas oficiais...

*"...havia depoimentos do Leão Cabernit... nesse sentido, tem uma entrevista enorme dele, em que fica claro...só era válida aquela análise de alguns iniciados que podiam se deitar cinco vezes por semana num divã. Eu tinha que reconhecer que era absolutamente impossível, impraticável a curto ou a nenhum prazo, já que eu não era uma pessoa de posses..." (\*18)*

*"...Houve um congresso da IPA no Rio de Janeiro, acho que foi em 74, que um psicanalista estava sendo entrevistado no jornal e ele disse textualmente: 'Quem fizer psicanálise, profissional, fora da IPA é psicopata.'" (\*7)*

Haviam as dificuldades iniciais da própria psicanálise. No início, o tratamento psicanalítico era considerado como exclusivo para pessoas doentes...

*"...eu fui escondida do marido, da família, de todo mundo. Porque isso era considerado coisa de maluco. Só ia para análise quem estava muito doente. Esse processo começou, eu era, extremamente resistente a ele nos primeiros meses, e eu logo comecei a perceber as vantagens que o tipo de análise tinha também para uma pessoa como eu, do meu temperamento... hoje, não faço a menor diferença entre os benefícios que colhi da análise de grupo e da análise individual..." (\*15)*

*"Em 65, a análise de grupo estava, não digo no auge, acho que teve um auge maior depois...Ainda havia aquele rótulo de loucura, quem se tratava era louco, a psiquiatria é muito vizinha da psicanálise. Mas eu busquei, estava mal, estava ruim, um monte de dúvidas, um monte de medos, um monte de ansiedades, formatura, medo da vida, medo do futuro que estava chegando..." (\*14)*

*"...A análise era vista, no início dos anos 60, e nos anos 50, como uma coisa que só os anormais, os homossexuais, os tarados, os loucos faziam, era uma coisa assim meio mal vista, não era motivo de orgulho a pessoa fazer análise, era motivo de vergonha, o sujeito entrava meio clandestino no consultório do psicanalista, todo um pudor dessa ordem." (\*8)*

Mas, logo após esse início, entramos numa fase cuja marca, era o elogio à loucura, diminuindo muito o pudor das pessoas de manifestar o que se passava dentro delas...

*"...Nesse tempo também, vinha toda a questão da louvação à loucura, do elogio à loucura, que foi o movimento antipsiquiátrico, e o movimento hippie, também. A loucura passou a ser celebrada como uma manifestação de irreverência, onde, era rebeldia a uma ordem estabelecida, havia até uma leitura romântica do problema psiquiátrico e mental. O louco passou a ser visto como o sábio ou o herói, que não se deixava subordinar pelo imperialismo da ideologia dominante e que, então, ele era também o mártir de resistência às ordens estabelecidas etc., ou então, a pessoa que tinha uma visão superior àqueles do seu próprio tempo e, por isso, seria repudiado pelos seus. Essa leitura da heroificação ou a leitura romântica do doente mental, também, eu acho, que foi um outro fator que diminuiu o pudor das pessoas de manifestarem aquilo que, dentro delas seria meio considerado como doença mental, loucura...*

*...O universo lisérgico, ou o universo dos estados mentais não ordinários, não triviais, passaram a ser louvados e, com isso, aquilo que, anteriormente, passava a ser vergonha, passou a ser motivo de orgulho e que favorecia novamente a expansão cultural dos grupos." (\*8)*

Havia, porém, uma divulgação clara da idéia de que o tratamento psicanalítico individual, seria algo muito profundo, muito mobilizante e, por um tempo muito longo. Isso teria levado algumas pessoas a procurar os grupos...

*"...Tinha a questão de que grupo estava bastante divulgado como terapia e não como psicanálise. Eu não estava muito interessada em psicanálise a longo prazo...eu tinha uma sensação de uma vida a curto prazo, na medida em que a militância dá essa sensação, de que você está permanentemente em risco, e, enfim, eu não tinha um projeto a longo prazo...mas eu achava importante fazer..."*

*(\*13)*

Mas, por outro lado, havia um orgulho ideológico em defender a grupoterapia, tanto por parte dos terapeutas como dos clientes...

*"...eu diria que era um orgulho ideológico, porque a briga estava nesse campo: é ou não é psicanálise. Embora eu tivesse feito, como cliente, individual, também, no entanto, havia um certo orgulho em se dizer que, a análise de grupo, também era psicanálise...*

*...Se você diz que não é psicanálise porque não são 5 vezes por semana, a essência da psicanálise então, está na frequência?...Se você diz que eu não deitei no divã e portanto isso não é psicanálise, então o divã é psicanálise? Então a essência está no móvel, ou numa posição decubital?..." (\*12)*

Enquanto isso, um movimento de idealização paralelo vai se delineando em torno da psicanálise de grupo, que começa a funcionar como uma esperança messiânica...

*"...Tenho muitas críticas ao processo como meu grupo era conduzido, mas essas críticas eu só pude fazer depois, na medida em que a angústia foi diminuindo, foi diminuindo a idealização...a gente imagina que ali é a chave da felicidade, quer dizer, você vai dar os doze docinhos para o dragão, daqui a pouco, desce outro dragão que vai te abrir a porta da felicidade...*

*...o que eu achava fantástico na análise de grupo, era o fato de você começar a ouvir na cara, como é que os outros te vêem..." (\*18)*

*"...Teve um movimento, um congresso, que juntou marxismo com grupoterapia, a idéia de trabalhadores de saúde mental, uma espécie assim de, até de luta ideológica, através dos grupos terapêuticos, aí já colocados para a população em geral, para abranger até a população de baixa renda. Então, nós restauraríamos, digamos, a integridade subjetiva, a integridade do sujeito e ainda ampliaríamos o seu grau de cidadania...*

*...Quanto mais você lutasse pela expansão desse estado, contra a canalha capitalista que concentraria renda através das suas empresas e da exploração do homem pelo homem, você estaria sendo mais moderno, mais progressista. Isto também fazia parte do imaginário dos anos 80, e desembocou na Constituição de 1988...Por que a Constituição de 88 é um tratado sobre isso, sobre a louvação do estatismo, do estado benemerente, etc. Ser de esquerda era uma coisa que enobrecia as classes médias universitárias..." (\*8)*

*"... É sempre assim. Isso é natural, as idéias vem, surgem, trazem os seus resultados, mas não atingem aquilo que é a esperança messiânica que se estabelece em torno dela." (\*11)*

Ao mesmo tempo, o uso da grupoterapia e da fundamentação psicanalítica entrava em algumas instituições, numa modalidade chamada Comunidades Terapêuticas trazendo uma satisfação grande com os resultados:

*"...Houve um certo reciclar as coisas que a gente estava fazendo...nas Comunidades Terapêuticas...fui fazer supervisão de instituições, mas de base dinâmica, sempre utilizando os conceitos de Elliot Jacques, sobre a relação das pessoas dentro de uma instituição, que ela fala das ansiedades paranóides, depressivas na formação dos grupos e subgrupos..." (\*19)*

*"Considero como complementar a passagem por uma psiquiatria dinâmica em Comunidade Terapêutica, que praticamente, me complementou uma formação. Até hoje, o que eu uso no grupo tem muito do que foi vivido no Engenho de Dentro...Essa reversibilidade de papéis que a Comunidade Terapêutica do Engenho de Dentro possibilitava, para mim foi uma experiência complementar ao meu tratamento com grupo..." (\*14)*

Embora a origem das Comunidades Terapêuticas seja outra, sua proposta encontrava, em muito com o movimento das grupoterapias psicanalíticas...

*"...As Comunidades Terapêuticas, se propunham a dar aos doentes mentais, aos pacientes internados, um clima que eles não tinham, de liberdade, onde eles podiam falar, aonde eles tinham voz, aonde eles tinham voto em numerosos aspectos, e evidentemente que isso era muito bom para os pacientes..." (\*11)*

O trabalho institucional nas Comunidades Terapêuticas era sentido como uma possibilidade de descentralização de poder, uma revolução num país em ditadura...

*"...O conceito de Comunidade Terapêutica é liberdade e igualdade entre equipe e paciente, então, não há mais essa relação médico-paciente. Há uma relação em que o ato terapêutico se dá. E isso é uma afronta ao regime totalitário, aonde o poder é centrado na mão do militar ou, no caso da medicina, no médico, era uma revolução dentro de um país em ditadura. Eu acho que havia esse movimento paralelo sim, que tantos terapeutas viviam, na sofreguidão de contestar e aparecer dentro desse movimento, mas havia pessoas muito lúcidas que percebiam um outro lado...Tanto que, a gente começou a*



*proteger acadêmicos que estavam sendo perseguidos pela polícia. Alguns deles, tinham que se vestir de pacientes...Então, não era uma coisa muito romântica, era uma coisa muito assustadora..." (\*19)*

Na verdade, a grupoterapia, em geral gratificava muito a alguns psicanalistas que a percebiam como um grande recurso terapêutico para nossa população...

*"...eu acho que a psicanálise de grupo cresceu de um movimento de uma política assistencial melhor, de uma informação melhor, que defendia os terapeutas da formação...Eu acho que quem dá formação, ou a própria universidade, deve esclarecer muito o que há de positivo nesse tipo de trabalho, o que há de vantajoso para a população, porque é um trabalho muito mais rico, dinamicamente...mais social, mais para nosso Terceiro Mundo...muito mais barato, demandava muito menos técnicos... O grupo facilitava a inclusão de vários tipos de pessoas, de vários níveis sociais para se analisar, porque precisavam se tratar..." (\*19)*

Além de significar status...

*"Grupo, nessa época, era feito pelo que eu chamo de os tops de linha, porque, obviamente, não era fácil, como nunca foi, ter grupo... Você precisa ter muitos clientes para ter grupo e, como a maioria do pessoal não tinha clientes, já lutava pra ter cliente individual, então, ter grupo também era sinal de status...quem tinha mais nome é que tinha grupo".(\*16)*

Havia também, um sentimento de gratificação muito grande, com as mudanças empreendidas nos ambulatórios dos hospitais, apesar das pressões existentes...

*"...eu fundei a psicoterapia analítica de grupo no PAM 13 de Maio...diminuiu muito a internação nos hospitais psiquiátricos e nos hospitais que tinham convênios. Você diminuía isso; você atendia em grupos e tinha muito mais condições de atender gente, e internar muito menos. Tanto que a taxa de internação passou de 30% para 0,025 % e, esse dado, modificou todo o ambulatório... Eu inventei o grupo de psicoterapia lá, para o pessoal não ficar eternamente licenciado, para evitar internações e reinternações, aí começamos, eu e uma porção de gente, a*

*fazer grupo ...começou um ambulatório de personas non gratas ."*  
(\*19)

E, inúmeras vezes, a grupoterapia aparece como uma reação às condições de tratamento que eram impostas pelas sociedades ligadas à IPA, e que terminavam restringindo, em muito, a possibilidade de alguém se tratar...

*"...eu acho que a psicoterapia é um trabalho que deveria levar em conta a questão financeira do nosso povo, que não vai poder pagar uma análise individual 4 ou 5 vezes por semana...não vai poder pagar."(\*13 )*

*"...Nessa época, a Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro entrou em atrito com a Clínica Social de Psicanálise. Inicialmente, quando a Clínica se fundou, houve uma onda forte contra, chamando-a de clíniceta, de clínica de banalização da psicanálise e, contrapondo essa idéia, de que ela não poderia levar esse nome no frontispício: Clínica Social de Psicanálise...se fosse Clínica Social, mas não de Psicanálise...Não cedemos e o nome não foi mudado." (\*12)*

Nessa reação à IPA, entraria também, como fator que teria auxiliado o "boom" da grupoterapia, a tentativa de quebrar suas regras que já se constituíam como mito — por exemplo, o mito das cinco, e depois quatro, vezes por semana de terapia...a longo prazo...

*"...Eu acho que uma das causas da grande afluência ao grupo era, não só o preço, mas a freqüência também, duas vezes só por semana, ou uma..."(\*13)*

*"...Então começava a tal discussão... Se você diz que não é psicanálise, porque não são 5 vezes por semana, a essência da psicanálise está na freqüência. Recuso-me à idéia de que a essência da psicanálise esteja na freqüência..." (\*12)*

Assim, a grupoterapia é sentida por alguns como uma forma de subversão à IPA, como uma reação à sua política cerceadora e repressora:

*"... A psicoterapia de grupo tinha o caráter de um movimento político, de contestação da política militar e da política societária*

também...das sociedades que tinham o respaldo da IPA. Havia uma plataforma tanto dos psicanalistas quanto dos pacientes contra o status quo, portanto havia um componente importante de facção político-religiosa." (\*25)

"...o establishment é uma coisa pesada que cobra. Então, (criar uma sociedade de grupo) foi uma coisa que seduziu todo mundo...eles viram uma porta de entrada não vigiada... A IPA não soube lutar pela psicanálise, você vê o resultado que está aí...a IPA se fechou em copas, virou uma coisa maçônica... ...o sujeito entra para a IPA e fica lá anos e anos... a parte científica é mais a preocupação de ficar estudando as coisas que já existem, já se sabe, desenvolvendo subtemas. Precisava ter uma coisa mais universal, mais ampla, inserir aquilo na cultura e na evolução do mundo, o mundo está sempre sofrendo transformações..." (\*15)

Embora outros considerem que a IPA não exercesse nenhuma repressão aos psicanalistas que faziam análise de grupo...

"...Eu, pessoalmente, nunca senti isso, porque, a minha posição sempre foi muito pessoal, eu não dou atenção à essas imposições societárias...o meu trabalho se orienta pela minha experiência, eu não vou me reger pelo que falam outras pessoas. O que acontece em relação à IPA, é algo diferente. A IPA é uma sociedade que é sempre infensa a qualquer mudança, qualquer alteração de padrões, ela sempre reage, ninguém pode esperar que ela encampe essas coisas, porque isso não vai ocorrer. Pessoalmente, eu nunca senti que houvesse imposição, sempre existiu uma não aceitação. Tanto que os congressos oficiais da IPA, os trabalhos de psicoterapia de grupo, nunca foram aceitos, eram sociedades paralelas, mas como sociedades paralelas, elas sempre foram toleradas. Nesse sentido de repressão, teria um aspecto religioso que eu, absolutamente não suportaria, mas eu quero considerar o que houve. O que houve, foi a IPA não considerar esse trabalho, como um trabalho genuinamente analítico, eles consideravam esse trabalho uma aplicação da psicanálise, não como psicanálise em si. Eles usavam, inclusive, argumentos teóricos, que um grupo não pode ter psique, e a psique é uma coisa individual, não é uma coisa coletiva.

Então, esse tipo de argumento sempre houve, evidentemente, na mentalidade da IPA, a aceitação da grupoterapia nunca houve oficialmente, mas houve officiosamente" (\*11)

"Eu trabalhei para a IPA durante quase dez anos, fui secretário da IPA para a América Latina, fui presidente da IPA, fui organizador da parte científica de congressos na América Latina.

*Nunca houve dentro da IPA uma atitude de restrição a grupo, embora não houvesse a recomendação, porque a IPA sempre manteve uma linha que é a de querer preservar a análise como foi criada por Freud...essa é a função dela .*

*Nunca houve restrição, só que eles não consideravam terapia de grupo como psicanálise, eles consideravam uma aplicação da psicanálise..." (\*23)*

Mas, há, porém, a declaração clara das proibições ostensivas da IPA ao trabalho de grupo...

*"...Houve uma crise com grupos da SPRJ, em que muitas pessoas deixaram de trabalhar com grupos, com medo, porque a IPA proibiu a prática de grupos. Algumas pessoas aboliram o grupo, algumas passaram a fazer grupos de uma maneira mais ou menos escondida, e fundaram uma sociedade de grupo, que foram as SPAGs...Eu nunca cheguei a ser encaminhado para grupo na Rio de Janeiro, porque, na verdade, o grupo estava proscrito desde 57, 58, mais ou menos , o grupo estava proscrito na Sociedade do Rio de Janeiro. " (\*14)*

*"...No seminário de Política e Psicanálise, que deu ensejo à expulsão minha e do Hélio Pellegrino, eram "os barões da psicanálise"...eu falava sobre o movimento dos grupos, sobre a resistência dos barões da psicanálise para o movimento dos grupos. Eu defendia nessa palestra o Gregório Barembliitt, que estava sendo ameaçado até de expulsão do Brasil. Essa minha aliança gerou uma revolta muito grande no baronato de então, da Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro...foi um fator muito forte para eles resolverem me expulsar..." (\*8)*

O interesse dos psicanalistas na psicoterapia de grupo com fundamentação psicanalítica, apesar de muitas discordâncias, aumenta muito e, com isso, a oferta aumenta mais ainda...

*"...Nos anos 60, a grupoterapia era uma prática bastante comum, tanto na Sociedade do Rio de Janeiro, quanto no Círculo Psicanalítico, que começava a nascer...; também acontecia na Sociedade Brasileira de Psicanálise e era uma prática chamada de 'psicoterapia' pela SPRJ e pela SBPRJ e chamada de 'psicanálise' pelo Círculo Psicanalítico..." (\*7)*

*"Eu cheguei a grupo através do tratamento em grupo. Como era aquilo que eu podia fazer e me parecia um método muito interessante, com resultado muito curioso, funcionava realmente, eu via as coisas mudando, eu queria mudar também, então foi um*

*método que eu fui internalizando como alguma coisa efetiva.”*  
(\*14)

O “boom” das faculdades de psicologia exponenciaram o movimento grupalista...

*“...o 'boom' das faculdades de psicologia...os estudantes de psicologia afluem aos grupos, ...porque não tinham recursos para pagar...essa explosão de mercado trouxe um interesse muito grande, além da emergência da mulher no mercado de trabalho, essa confluência entre a alta da psicanálise, a psicanálise de adolescentes, a psicanálise de crianças, o cuidar dos filhos num certo sentido...Então, veio a explosão das faculdades de psicologia e o declínio da esperança política. Enquanto as faculdades de sociologia declinavam acentuadamente, as de economia também, as de psicologia explodiam...*

*A categoria profissional do psicólogo vem daí. Isso tudo forma uma ressonância cultural que amplia, amplifica o movimento. Se a ampliação do mercado gera os psicólogos, gera essas instituições, geram os psicanalistas fazendo grupo... Uma vez criadas as faculdades de psicologia, criadas as instituições, elas exponenciam o movimento cultural, que, por sua vez, se irradia pela sociedade e traz uma maior afluência de clientes, há um movimento de retroalimentação geométrica, progressiva.”* (\*8)

Algumas instituições foram sendo criadas como uma forma de incluir no mercado de trabalho aqueles que estavam “de fora”...

*“...O trabalho surge sem previsão. A gente sai da faculdade de psicologia, todo mundo sem trabalho. Eu, junto com uma amiga, independente da profissão...e fomos fazer grupo de estudos com o Chaim. Lá, encontramos um colega de faculdade e fizemos um grupo. Era época da distensão política. Não tínhamos dinheiro e pensamos em um tipo de serviço que podíamos prestar. Montamos um trabalho de orientação clínico-vocacional...com isso, líamos muito psicanálise e fizemos grupos com os adolescentes...alugamos uma casa...contratamos pessoas para dar aula...Nas sociedades de formação não nos davam acesso... Assim nasceu a Livre Associação. Fazíamos análise de grupo O trabalho com grupos era soberano...”* (\*22)

A análise individual era uma possibilidade de tratamento que, apesar de inaugurada no Rio na mesma época em que a análise de grupo, ganhava

importância maior, importância de tratamento "verdadeiro", mas, carregando sempre a conotação de inalcançável. A análise de grupo tem, sempre, como pano de fundo, essa análise "verdadeira", a análise individual.

*"...existe sempre na pessoa que faz grupo, uma idéia de que está fazendo uma coisa menor, uma coisa que, se estivesse numa situação econômico-financeira melhor, não faria... faria uma terapia individual, embora, a mim, resulte duvidoso se a terapia individual é sempre melhor que a terapia de grupo. Eu acho que isso radica no prestígio que a terapia individual ganhou nesse período. Com isso, a pessoa está sempre achando que passar para terapia individual, é uma promoção." (\*11)*

A busca das terapias de grupo como um aumento do alcance social da psicanálise é, às vezes questionada...

*"...Eu acho que a grande questão é que o grupo entrou primeiro, como um tipo de linguagem para atender mais gente, uma espécie de Golden Cross e Amil da época, que atendia pessoas que não podiam pagar clínica individual... Então, nós também ganhamos muito dinheiro, ganhamos poder, dizendo que era para meios melhores e, hoje, a distância, eu vejo que não era isso." (\*6)*

As sociedades psicanalíticas de formação específica em grupoterapia que passaram a existir, não satisfaziam aos terapeutas em termos de curriculum...

*"Na SPAG E Rio, eu comecei a sentir necessidade, até pelas coisas que eu comecei a ler, de atualizar o curriculum da SPAG. Fizemos uma reforma curricular, em que eu botei tudo aquilo que eu achava necessário, que a gente aprendeu no Engenho de Dentro, que agente acabou lendo, por supervisão com o Osvaldo, que a gente acabava tendo que aprender, para complementar a trajetória do grupo. (\*14)*

Havia uma curiosidade inicial de intelectuais da área humana, sobre grupos, que deu um formato inicial à sociedade de grupo, mas que depois se transformou...

*“O trabalho da SPAG sempre foi caracterizado de uma forma curiosa. O grupo inicial era muito grande, uns 40. Pessoas que até hoje você se surpreende quando sabe que estiveram ligados ao trabalho de grupo... não era uma sociedade exclusivamente analítica, era uma sociedade que usava o grupo como instrumento terapêutico, mas também de alcance social... havia sócios que nunca tiveram ligação com a psicanálise, mas se interessavam pelos grupos humanos. As pessoas se juntaram para estudar grupos, porque acharam muito interessante. Ultrapassado um fenômeno inicial de grande interesse, começaram a aparecer os interesses verdadeiros...*

*Os sociólogos mataram a curiosidade de como seria um grupo analítico social, vendo o social, alguns se afastaram. Os psiquiatras, uma grande parte, se desinteressaram, não chegaram a ter grupos. Muitos analistas achavam super interessantes os fenômenos analíticos no grupo. Então, o grupo virou um pouco de vitrina para os psicanalistas. Se a gente somar a isso que, nessa época, a IPA vem ao Rio e vai contra as sociedades de grupo... muitos renegaram o grupo. Achavam interessante ver no grupo, ao vivo e em cores, os fenômenos psicológicos e psicanalíticos, logo depois já não se interessavam tanto, já tinham matado a curiosidade...” (\*14)*

E aumenta muito a demanda deste tipo de terapêutica nos consultórios. Inicialmente essa clientela era composta por estudantes universitários, pessoas de classe média e intelectuais, especialmente de área humana. Vai, porém, aumentando o interesse dos psicanalistas em se utilizarem da psicanálise de grupo como ocorria nos consultórios, com uma população mais carente...

*“...A Katrin Kemper, juntamente com o Hélio Pellegrino tiveram a idéia de fundar a Clínica Social de Psicanálise, segundo modelo da clínica de Berlim. Reuniram-se, então, 10 psicanalistas, discutiu-se o assunto. Inicialmente teríamos que angariar fundos para alugar uma casa e bolar o sistema da atividade. O Hélio teve a idéia de fundar o Banco de Horas, onde cada um daria, gratuitamente, 2 horas do seu próprio trabalho para esse banco. Esse fundo podia ser sacado por pessoas carentes, que não podendo pagar, teriam psicoterapia, entre outras, de graça,*

*pagando simbolicamente, uma vez que o pagamento seria uma moeda de troca fundamental nessa relação..." (\*7)*

Com o trabalho em instituições e especialmente com a abertura da Clínica Social de Psicanálise, o perfil da clientela se modifica...

*"...Chegando aos anos 70, aí acontece algo que eu posso testemunhar porque fui uma parte artífice desta questão, que foi a criação da Clínica Social de Psicanálise. Foi uma coisa muito interessante, porque a demanda aumentou mais... Curiosamente, essa demanda passa a ser de pessoas menos acadêmicas, com discurso menos alinhavado, sem o discurso universitário, um discurso mais popular..." (\*12)*

Estimular essa demanda era sentido por alguns como algo muito fecundo...

*"...Então, para se fundar a Clínica Social de Psicanálise, criaram-se, na Faculdade Cândido Mendes, um curso interessantíssimo,...foi muito curto, mas muito profundo na sua expressão. Foram os Encontros psicodinâmicos... eles levaram o nome: A criança, os pais e seus problemas, em que 4 terapeutas, 4 profissionais, se colocavam numa mesa, a população convidada para os cursos, mediante pagamento, comparecia à noite, 2 vezes por semana, durante 3 meses, depois novamente outro bloco...*

*...um terapeuta falava sobre determinado tema, por 10 minutos...parava-se e o grupão levantava uma questão... Curiosamente você via coisas emergentes curiosas, como transferência em grupo, uma certa competição entre eles, uma certa disputa por algum desses interventores...*

*...depois de cada encontro nós nos reuníamos, lá na rua dos Jangadeiros, e sentávamos num bar daqueles e ficávamos tomando cervejinha e discutindo o que tinha acontecido, fazendo uma autocrítica sobre o método, fazendo propostas de alteração sobre o comportamento..." (\*12)*

A Clínica Social de Psicanálise representou um marco nesse movimento.

Seus participantes mostravam muito entusiasmo pela pesquisa dos grupos....

*"...Eu me entusiasmei muito com sua idéia porque eu acho que tem que se mexer nisso.*



*...a Clínica Social...fez-se grupoterapia lá, para adultos, adolescentes e para crianças. O de adolescente e adulto dentro dos moldes do consultório, e o de crianças com uma nova finalidade extraordinária...eram grupos lúdicos onde havia a preocupação expressiva, criativa e recreativa. Esses dois grupos lúdicos eram comandados por dois terapeutas, as crianças tinham facilidade de se articular dentro da clínica porque era um espaço enorme, um terreno, um galpão, eles mexiam com barro, com terra, pintavam e bordavam, e com isso os dois interpretavam situações à quente ... Os pais dessas crianças faziam orientação à noite em grupos de pais... " (\*12)*

*"...Quem fazia grupo de adolescentes, como foi o meu caso...e até pelo preço que eu cobrava, grupo de classe média, classe média baixa, eu como analista popular, dentro da Clínica Social de Psicanálise, eu tinha um preço bem acessível, quer na individual, quer na grupal...que possibilitava esse corte que apresentava uma leitura muito interessante. Não que a pessoa abastada não possa me dar uma boa leitura do social, mas como a maioria está nessa parte do queijo, que eu chamo de classe média baixa, eu diria que aprendi muito, foi um período muito bom, tenho saudades..." (\*7)*

A Clínica Social era sentida como algo mais do que uma clínica de psicoterapia...

*"...A Clínica teve um lugar especial na época da repressão, que congregou essas pessoas, na época da volta dos exilados, vários deles foram procurar ajuda, tal a perturbação que estavam, e ela ajudou a alguns a poder sair do país, dando ajuda financeira, facilitando aqui e acolá através de amizades e a saída pela fronteira de alguns perseguidos pela repressão.*

*...Um atendimento que ficou famoso foi o da Ettiene, com a prisão perpétua em Bangu I ,onde ela recebia um analista da Clínica lá na cela, em nome da Clínica Social de Psicanálise.*

*A Clínica teve uma atuação política muito interessante. Ela fez, na época da repressão, meio que afrontando o sistema repressor, na PUC, o célebre simpósio "Psicanálise e Política", que deu um livrinho com os trabalhos discutidos, as exposições, onde houve a primeira denúncia também pública e oficial do Amílcar Lobo." (\*7)*

Além de tudo, era muito importante ser de esquerda e, a grupoterapia recebia uma conotação de processo democrático, por parte de seus participantes...

*"...nessa época, a grupoterapia tem essa conotação por parte dos profissionais e por parte da própria clientela que procurava a grupoterapia. Além de ser um processo mais democrático, já que não havia democracia, então você pode imaginar o que significa, a nível inconsciente, numa época que não há a menor chance de democracia, você encontrar um lugar democrático..." (\*7)*

*"...nos meados dos anos 70, surgiu a desilusão, o desencanto, a desesperança com a luta armada, nas suas mais diversas manifestações: o sonho cubano, o sonho leninista, o sonho guerrilheiro, esses sonhos perderam a vigência a partir do final do governo Médici...ficou caracterizado que eles não levariam a lugar nenhum... Esse desencanto também pela luta revolucionária, e os valores da construção de um novo homem, através da revolução, também acho que reforçaram o movimento hippie, contracultural, quer dizer, já não havia aquele guerrilheiro que tomava a psicanálise como pequeno-burguesa. A psicanálise passava a ser inserida no movimento da esquerda e de repúdio ao "establishment", começou a se estabelecer a leitura da repulsa à ordem estabelecida, dentro da questão democrática. Acho que esse é um outro fator que facilitou a expansão..." (\*8)*

Apesar da psicanálise ser vista pelos grupos mais radicais de esquerda como arma da burguesia, os grupos ainda eram tolerados e freqüentados, mas com reservas...

*"... A psicanálise era vista como uma arma da burguesia. Eu era muito reprimida por isso, no meu grupo político, que era a Dissidência Universitária, depois MR-8, havia uma repressão à minha participação no grupo, com medo que eu pudesse dar informações que comprometessem a prática do grupo...era uma confusão danada...eu insisti mesmo nesse negócio, engraçado. E eu, com militância política em cima, todo mundo dizendo que esse negócio não tinha sentido e eu sempre achei que tinha, e continuo achando, apesar dos percalços." (\*13)*

Hoje, alguns analistas, porém, se dão conta de que houve um modismo da época e acreditam que os resultados com a psicoterapia de grupo não se sustentavam. Algumas pessoas teriam se beneficiado com o setting como uma experiência de contato consigo mesmo e teriam até conseguido mudanças, mas são relatados inúmeros casos de pacientes que voltaram a procurar seus

terapeutas originais, para fazer análise individual. O fator sugestivo, movido por um modismo de época, teria influenciado os resultados:

*“Às vezes eu me surpreendia e pensava...como é que uma pessoa entra em grupo e em tão pouco tempo consegue melhoras tão grandes? Eu não sei como, nem porque. As pessoas ficavam em silêncio, a vida dele lá fora melhorando...Não tem muito uma semelhança com a coisa da contrição religiosa? O crente adere à fé, silenciosamente. Ele não precisa trazer as coisas dele...Sempre me chamou atenção que a análise de grupo obtinha resultados e no processo...não havia uma elaboração que justificasse...*

*...um fator sugestivo vai existir sempre em toda e qualquer análise e o processo analítico visa exatamente, ao longo do tempo... se a pessoa vai se assenhorando das suas possibilidades, assumindo seus valores seus recursos, ela vai podendo dispensar suas crenças, podendo dispensar a análise como muleta. A análise como muleta é o que chamo de dimensão sugestiva da análise. O que houve com a psicanálise foi equivalente ao que houve na Bolsa. Acho que era o Delfim...fez uma manobra que fez com que...estimulando a Bolsa para fazer as pessoas trazerem dólares de lucro para o Brasil...foi o milagre brasileiro...O que aconteceu com a psicanálise foi equivalente: uma inflação do sistema encoberto por uma crença, por uma fé, por um fascínio. Isso, saudavelmente, vai se desvanecendo...” (\*25)*

O fator sugestivo percebido por alguns psicanalistas leva à reflexão de uma demanda deslocada, ou seja uma demanda que não seria exatamente de um tratamento psicoterápico, mas de poder pertencer a um movimento de procura de auto conhecimento, mais para se sentir dentro do pensamento da época.

*...“Me lembro do exame de pessoas que procurava grupo, era uma coisa louca, porque era uma busca cega, às vezes as pessoas não tinham a menor condição, mas era um desejo dela...ela dizia: estão dizendo por ai que é isso, então vamos entrar nessa história. Quando ela constatava que era para se conhecer, rever a vida dela, revivenciar as coisas penosas, as pessoas muitas vezes saíam fora...” (\*25)*

O movimento contracultural da época, teria provocado uma subversão de valores, auxiliando a incluir o valor da psicoterapia de grupo como uma subversão da mesma ordem...

*"...Eu acho que a questão do movimento hippie, do movimento contracultural, a chamada revolução dos costumes, estabeleceu uma verdadeira subversão de valores. Surgiu como uma força inédita na história da humanidade, o chamado "poder jovem". Surgiu o esfacelamento de todos os fatores da ordem patriarcal da família. Num certo sentido, nunca tantos fizeram sexo com tantos, em tão pouco tempo. Esse movimento gerou um sentimento nessa nova geração...pela primeira vez se fazia sexo sem risco. Nós tínhamos eliminado a AIDS do século XIX, que era a sífilis, através de antibióticos e as blenorragias... A gravidez estava sob controle através da pílula... O antibiótico e a pílula estabeleciam um cordão sanitário em torno da sexualidade...os casamentos eram culturalmente desfeitos, significava quase um ato de resistência revolucionária, chamado de caretice, você permanecer casado, a circulação dos amores era o imperativo cultural. Nesse contexto, o pudor o recato cederam lugar ao orgulho de tornar público, o privado... E a terapia de grupo é uma maneira de você colocar publicamente sua vida privada." (\*8)*

Uma modificação entre as questões ligadas ao público e ao privado, teriam auxiliado as pessoas na direção da grupoterapia de fundamentação psicanalítica.

*"...Havia uma certa consagração da vida privada. A vida privada, à diferença de outras épocas, quando seria condenada, se ela manifestasse determinadas características, passou a ser exaltada, passou a ser celebrada. Esse fator, eu acho, que é um fator de extraordinária importância no estabelecimento das terapias de grupo. 'Eu não tenho segredos, eu não tenho mais razão de ter segredos'... Essa é a separação marcante entre público e privado." (\*8)*

Por outro lado, a questão econômica nacional nos anos 70, foi percebida como um fator que auxiliava o aumento da demanda...

*"...Ainda sobre esse aspecto, do grupo enquanto agregador, vale ressaltar que, nessa época, também a economia estava muito florescente, entre aspas, havia um certo milagre, o dinheiro estava no bolso das pessoas e as pessoas, mesmo de classe média baixa procurava a grupoterapia. Tivemos estudantes,*

tivemos caixas de banco...eu tive contínuo de jornal, colegas tinham empregadas domésticas, e tivemos, pelo menos, umas duas prostitutas fazendo grupoterapia...  
Consta na história da Clínica Social alguns tipos curiosos que nunca teriam ido procurar um tipo de ajuda dessa ordem, de forma oficial, num lugar oficial, se não houvesse esse espírito que invadiu os anos 70." (\*12)

"...um fator importante foi o surto de desenvolvimento econômico, que nós tivemos no final dos anos 60 e início dos anos 70, o chamado "milagre"... Nós chegamos a crescer em 1973, é inacreditável, a porcentagem de 14% ao ano. Com uma dívida externa declinante e uma inflação que caía dos 40 para os 20 % ao ano. Isso gerou um equilíbrio nas contas públicas...gerou aquele movimento das Bolsas de Valores, todos estavam ganhando dinheiro, então isso trazia um poder aquisitivo bastante grande nas classes médias, quer dizer, havia uma classe média emergente, havia grande afluência à universidade, surgiu um novo contingente de consumidores e, digamos, o mercado da psicanálise." (\*8)

Existe também representantes da idéia de que uma questão de inabilidade técnica teria funcionado como uma falsa cura...

"...o que estava curando era a transferência. Era uma colagem que o cliente fazia com o analista e saía num "como se". Agora, obviamente que o id não vai poder ficar só investindo ali no ego, que o ego vai usar de uma outra forma, que é oferecer ao id um outro objeto de amor, então, possivelmente, se isso está só amarrado pela questão transferencial, ele não vai muito longe...eu tenho a impressão que, terapeuticamente, essa análise de grupo que eu fiz funcionou. Agora, analiticamente, é outro departamento... você sabe que isso é uma discussão infundável...O que é analítica, o que é terapêutica...  
Até porque, nosso querido Lacan diz que alguém deveria se tratar até quando se sentisse feliz...Está feliz, não precisa se tratar..." (\*16)

Os questionamentos constantes dos psicanalistas contrários ao uso da psicanálise nos grupos, levavam alguns grupoterapeutas a se sentirem desacreditados...

"...Eu faço psicanálise...Não, você não faz, porque o que você faz é grupo. Não, mas eu faço psicanálise..."(\*12)

A marca do modelo individualizado da psicanálise acompanhava todo o tempo os psicanalistas, muitas vezes impedindo o trabalho grupalizante. Isto é considerado um dos impeditivos da manutenção do trabalho grupalista...

*"Se você ficar rebatendo o fenômeno individual para o grupo, em pouco tempo você volta para o individual, onde o fenômeno é vivido virtualmente, não é atrapalhado, entre aspas, por um fenômeno social. Em pouco tempo, também esse tipo de trabalho foi cansando e, então, novamente, uma diminuição na época, também veio, através desse desinteresse científico pelo grupo, depois de matada a curiosidade inicial. " (\*14)*

E o grupo, meio a reboque da análise individual, seguia seu crescimento, mas muito como sala de espera da análise individual...

*"... então, o grupo era uma forma de se tratar, um tanto INPS, a pessoa que ia fazer grupo, ia porque não tinha dinheiro. Então, o grupo, muitas vezes, pelo menos como eu alcancei, era muito sala de espera. No início, não, mas pouco depois, muita gente fazia grupo, esperando ter dinheiro para fazer "direito", a coisa "certa", então ficava esperando no grupo. Eu comecei a me rebelar contra isso e recusei muita gente que tentava fazer isso. Se ia esperar, então esperava normalmente, não ficava esperando num grupo, ocupando um espaço motivando um grupo a uma série de coisas e depois saindo e deixando espaço...é melhor não fazer..." (\*14)*

Mas, para muitos, a análise de grupo como a única forma de terapia possível até mesmo para quem queria fazer formação, funcionava como algo que acontecia até que se pudesse alcançar a análise individual...

*"Depois, no fim de um período de análise de grupo, apareceu a possibilidade de fazer análise didática e ser aceito na sociedade. Eu deixei o grupo pela análise didática...eu deixei o grupo, mas até ficaria um pouco mais. A análise didática foi muito boa, eu continuei me aplicando em termos terapêuticos da análise...então ficou dentro de mim, sempre o trabalho de grupo como uma coisa muito prazerosa..." (\*14)*

E um fluxo do grupo para a individual, começou a acontecer...

*" Havia o seguinte: pacientes que não progrediam na terapia individual, os analistas lançavam mão do recurso de dizer...talvez seja melhor para você o grupo. Como haviam também coisas no sentido inverso, muitos pacientes eram tirados do grupo para análise individual...havia pacientes "emperrados" pelos quais você não conseguia fazer muita coisa, você se desesperava, e aí você fazia esse convite na esperança de que o grupo pudesse ajudá-lo mais do que o analista se sentia ajudando na análise individual..." (\*23)*

Muitos clientes também, influenciados pelo poder da análise individual, procuravam a terapia de grupo, como se fosse uma terapia menor...

*"...Um ponto que eu gostaria de levantar, é sobre a desvalorização que nós, enquanto estudantes de psicologia, tínhamos, na época, em relação à análise de grupo: análise de grupo era aquela análise do pobre, era a análise que ia fazer quem não tinha o privilégio de pagar uma análise individual..." (\*18)*

*"...as SPAGs, muitas vezes, tinham alunos com uma agressividade disfarçada, porque a SPAG representava um fracasso ou uma frustração, e odiavam até aquilo que recebeu, porque não tinha melhor, e, depois, quando conseguiam, iam embora, e, se não conseguiam, também abandonavam, porque não era aquilo que queriam. Havia um índice de desistência muito grande, nós começamos com 24 alunos e terminamos com 9." (\*14)*

O desenvolvimento das Sociedades de Psicoterapia Analíticas de Grupo acompanham, em muito, o movimento da psicanálise, tendo, porém, desde o início, vários momentos de desmotivação intensa.

*"...as reuniões eram feitas nas Margaridas...às quartas feiras, houve um certo ressuscitamento da SPAG... de lá, é que houve a idéia, da SPAG ser rearticulada e, acho que é, nesse período, de 75, 76, no grande 'boom' dos grupos, que começou a haver uma grande procura, e foi quando a SPAG começou a crescer mais...resolveu ter uma sede...que não tinha, geralmente era na casa de alguém. No início era no consultório de alguma das pessoas, no do Jaime, no do Salomão, dono da Imago, a SPAG funcionou no consultório dele muitas vezes...Walderedo, aqueles*

*grupos de fundadores, depois passou para o IPUB, e depois, finalmente para a Pensão Margaridas...Nesse momento ela quase fechou, houve uma desistência total, mas depois começou a haver uma procura muito grande...as pessoas voltaram a se entusiasmar com grupo...alugaram uma sede, que é onde é até hoje..." (\*14)*

Paralelamente às SPAGs, outro grupo se instituiu como um Instituto de Formação em Psicanálise, Grupos e Instituições, na década de 70, sob a influência de psicanalistas argentinos. O IBRAPSI tinha pretensões completamente diferentes dessas outras sociedades.

*"...Em termos de funcionamento grupal, você tinha os grupos operativos permanentemente e você tinha as chamadas análises formativas, que não eram análises didáticas, em grupo...essa experiência grupal me ensinou muito no sentido de uma desmistificação de certos ídolos psicanalíticos...por exemplo de entender a transferência de uma maneira muito ligada à forças, relações de poder, produção de transferência...isso tudo eu aprendi." (\*9)*

Uma concepção grupalista dos terapeutas com experiência em análise institucional, adquirida no IBRAPSI, nessa época, marca uma diferença importante dos pioneiros.

*"...os chamados grupalistas, mesmo quando não fazem grupos a nível de intervenção, eles continuam com uma leitura diferente. Eu acho que essa vertente foi marcada por um certo grupo de argentinos no IBRAPSI. Esse pessoal, marcado por essa vertente, claro que com suas particularidades, em quaisquer dos seus trabalhos clínicos, pedagógicos, trabalhos em estabelecimentos etc, tem essa marca grupal-institucional... Eu acho que o percurso dessas pessoas tem uma singularidade em relação aos pioneiros, ou aos grupalistas derivados das SPAGs etc, que é diferente...A gente adora os grupos, mas não sei se é porque a gente analisa o valor terapêutico dele...a gente gosta por outra razão, a gente gosta de coletivizar..." (\*9)*

Os anos de ditadura militar foram sentidos pelos protagonistas do movimento da grupoterapia psicanalítica das mais diferentes formas. Alguns



psicanalistas dizem não terem sentido reflexos em seus grupos terapêuticos, enquanto outros consideram um grande prejuízo para o trabalho. A maior parte, porém, dos psicanalistas entrevistados, interpreta o aumento de demanda para grupoterapia, entre outros fatores, como um reflexo da impossibilidade de agrupamentos na época da repressão, ou tão somente de um desejo de poder ter um lugar onde externar suas opiniões .

Tentando expressar um sentimento sobre a repressão como um fator de aumento da demanda para a grupoterapia:

*"...os anos de 60 e 70, foram anos de uma repressão externa maciça que permitia que o recalque interno tivesse um representante fora, externo. No que eu tenho uma instância recalcante, externa a mim, no que há, então, um fator repressor... tendo a atribuir minha limitação a elas...Eu não posso me expressar livremente, eu não posso realizar plenamente a minha vida, porque existe um estado político repressor que ameaça de cadeia, de punição, de tortura, tudo isso...*

*Ora, numa situação dessa, a gente sabe que toda repressão estimula o desejo de subversão. É na mesma época que se constituem os grupos políticos e grupos psicanalíticos.*

*Os militares chegaram a se pronunciar contra a análise de grupo ou psicoterapias de grupo, dizendo que eram formas subversivas de trabalho. E eram...*

*Na mesma época que se formam os grupos subversivos de militância de esquerda, também se desenvolvem muito essas formas grupais usando a psicanálise..." (\*25 )*

*..."Acho que a repressão funcionou como um livro proibido. A gente começou a ter uma curiosidade imensa de saber como era viver em liberdade. Com isso, a gente provocava a repressão, mas por outro lado, quando você tinha um significado maior do que você estava fazendo, você percebia até onde você ia, até onde eles permitiam...isso não é científico." (\*19)*

*"...Eu creio que a própria repressão política que já vinha acontecendo desde 64 para frente, ela possibilitou muito o lugar de interlocução. Eu tenho uma visão, e ela não é só minha, não foi só em função da psicanálise se tornar moda, grupo ser mais barato e com isso todo mundo ter acesso a essa forma...Tudo isso pode ter sido um fator adicional, porém havia alguma coisa no país que era extremamente penosa, que era o discurso, você não tinha interlocutor. E mais, a reunião grupal era tida como uma coisa altamente subversiva; 3 pessoas juntas na faculdade, já era grupão; como nós dizíamos: quando 3 se reuniam, logo chegava*

*alguém do DOPS...e mandava circular. A psicoterapia passou a ser um lugar de catarse extraordinário, passou a ser um lugar de congregação, de agregamento muito significativo." (\*7)*

*"Quando as esquerdas se sentiram muito pressionadas, e mesmo perseguidas, as pessoas não tinham com quem falar e as terapias de grupo eram um espaço de liberdade...o grupo era uma espécie de roda de democracia, porque as pessoas podiam falar o que quisessem ..." (\*23)*

A procura à psicanálise de grupo funcionava como um contraponto em relação à atmosfera repressiva...

*"...A repressão, ela é grande espada na cabeça do ser humano, a cultura é extremamente repressiva e o ser humano é filho dessa repressão em todos os segmentos da sua produção como ser, como pessoa. A repressão concreta da ditadura, ela atualizou essa repressão imaginária, então, com isso, a procura da grupoterapia foi também o lugar de contraponto em relação a essa atmosfera repressiva que se impôs no país, que foi feroz nos anos 60/64 até 74/75... vamos dizer que esses dez anos iniciais da ditadura foram cruéis, com todas as torturas, desaparecimentos e barbáries que você conhece.*

*Então, a grupoterapia teve esse caráter de ser um lugar também de interlocução, de mergulho nessas grandes questões, que a repressão externa trazia ao sujeito a partir das próprias repressões internas..." (\*7)*

Mas, de fato, a repressão fez parte do imaginário da grupoterapia, conferindo à sua história um perfil e um incomodo particulares...

*"...Nós temos uma história particular da psicoterapia analítica de grupo. Começa antes da ditadura, como uma coisa que penetrou na universidade, como uma grande novidade que pegou todo mundo de surpresa...De 58 a 63, um grande movimento dentro da universidade representado principalmente pela UFRJ, ali no IPUB, que era mais ou menos aonde era regido o poder enorme da faculdade... Esse início, essa ebulição muito grande era em plena liberdade, aonde você pudesse ver, concordar, discordar, participar, fazer análise, sem ser incomodado por uma força política. Quando você entra na ditadura, você nem sabe que está na ditadura, você sabe que houve uma mudança autoritária de poder, mas você não sabe o que vai acontecer a partir dali. Você continua a pertencer ao mesmo movimento que você estava, e de*

*repente você começa a perceber que esse movimento tinha alguma coisa que incomodava demais às forças estabelecidas. Isso eu senti na pele." (\*19)*

*"...Todos nós que trabalhamos em grupo naquela época, tivemos pacientes envolvidos com problemas políticos. Eu mesmo tive pacientes que ficaram envolvidos, inclusive sumiram do grupo, depois essas pessoas me procuravam pessoalmente, ou me mandaram emissários comunicando que tinham saído, que tinham tido que se exilar em função de participação política, da repressão policial. Havia, sem dúvida esse clima..."(\*11)*

A ditadura militar teria explicitado uma separação entre repressor e reprimido, favorecendo, por um lado, o movimento em direção à psicanálise...

*"...eu acho que a busca da psicanálise, naquela época, foi porque, ...a revolução de 31 de março, a ditadura cindiu o país em dois, dividiu o país. Isto está dito pelo Ministro da Aeronáutica, que se recusou a fazer este ano o discurso do 31 de março, dizendo que essa não era uma data nacional, era uma data que dividia os brasileiros, e por isso não devia ser comemorada. Divisão entre repressor e reprimido, o grupo que está no poder e, o grupo glorioso, o grupo subjulgado, humilhado, ansioso...*

*A sensação que eu tenho é que esse momento nacional, foi crucial para aumentar as angústias das pessoas, as angústias que sempre houveram, sempre existiram, os problemas existenciais e afetivos." (\*18)*

Mas, existindo, constantemente, um sentimento de que a repressão estava terminando por minar a grupoterapia...

*"...para você ver que essa coisa da repressão tem um pouco a ver com essa história da grupoterapia. Para coroar essa afirmação, nós temos o Amílcar Lobo, o uso do espaço da grupoterapia e outras atividades, para denunciar as pessoas que falavam de suas atividades subversivas, houve a entrega de pacientes, do sigilo a partir da comunicação do material circulado em grupo. Isso aí, eu acho que vai minar a grupoterapia, mais no final dos anos 70." (\*12)*

*Num grupo que eu tive, isso interferiu de tal forma que eu tive que interromper, propor a interrupção do tratamento a um dos elementos, a um dos participantes do grupo, que era um estudante muito ativo, de muita atividade contra o regime, ele assumia determinados papéis e posturas...ele hoje é deputado, tem uma posição muito boa, mas naquela ocasião, ele foi transmitindo para o grupo, um sentimento real de perseguição,*

*que ele desconfiava que estava sendo seguido, que todos os passos dele estavam sendo seguidos. O grupo começou a levantar suspeitas de que a qualquer hora pudesse chegar ali a polícia, o DOPS e intervir. Tivemos um exemplo já, do grupo da Galina, lá no Pinel. Ela foi obrigada, pela polícia a suspender, a parar com o grupo.*

*Interferiu, dessa maneira, nós passamos a ficar com medo de que a qualquer momento pudesse haver um constrangimento dessa natureza, que algum elemento pudesse entrar no consultório, a porta de fora ficava aberta e uma porta da sala de espera aberta..." (\*13)*

Especialmente, as crises relacionadas à política, envolvendo psicanalistas são percebidas como algo que faria minar o trabalho de grupo...

*"...Houve uma guerra feroz entre o Hélio Pellegrino, Eduardo Mascarenhas, Wilson Chebabi e a Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro. A Clínica Social se defendendo e contra-atacando as acusações da SPRJ. A questão Amílcar Lobo colocando em questão a honorabilidade do assim chamado mestre, terapeuta, psicanalista a serviço da saúde mental. Além disso, a questão da própria briga com todo o baronato da formação do psicanalista, da análise didática, tudo isso veio à rua, veio para O Dia, veio para o Jornal do Brasil, para o Globo, etc. e, creio que teve um peso nessa revisão da questão do atendimento da grupoterapia...a discussão veio à baila, houve um enfraquecimento econômico, houve uma espécie de discussão da psicanálise e da atividade terapêutica em geral." (\*7)*

Muitos psicanalistas são os representantes de uma boa parte daqueles que não sentiam a repressão política em si, como algo que influenciasse a grupoterapia...

*"...Não vi nenhuma repercussão. Nenhuma. Eu acho que o aspecto da ditadura que desmotivou politicamente, foi o fracasso do socialismo real, que já vinha se pronunciando, primeiro o fracasso da esperança revolucionária, depois o fracasso do socialismo real que tirou da juventude a religião da redenção, porque, quando você olha a sociedade e vê a presença de pobres e ricos, é tão empiricamente revoltante, tem-se uma idéia tão clara que tem algo tão errado, tão obviamente errado que, instintivamente, nós temos que dizer: 'esse sistema tem que acabar', e tem que acabar pela força da solidariedade e da justiça presente em cada um de nós...A repressão política não gerou nada, a meu ver, ela gerou uma intimidação diante da repressão armada. O que ela gerou mais? Não gerou nada, do ponto de vista das classes médias não havia repressão nenhuma, porque*

*havia, pelo contrário, um movimento de intensa desrepressão. Porque, quanto a cultura, que é a polícia dos costumes, o que houve foi uma derrocada da ditadura política, havia ditadura cultural. Então, houve uma destituição da ditadura cultural, ao nível da vida privada das pessoas, foi isso que aconteceu. Eu não vejo nenhuma conexão entre restrição de espaços e constituição de grupos. Eu acho, pelo contrário, como houve a expansão pluralizada de espaços, nasceu também o espaço do grupo. Não como uma panela de pressão, então que aí, sai e que forma o grupo, mas como uma panela de expansão e por isso geram vários lugares, vários nichos de expressão entre os quais, o grupo.*

*A repressão política gerou a possibilidade de se retomar outro tipo de ação política, que era a luta pela democracia, pela redemocratização, e o sentimento de ser vítima de uma maldade ditatorial militar..." (\*8)*

Além das pressões externas, como uma experiência nova, a grupoterapia nas mãos dos psicanalistas, sofre contradições...

*"...Acho que, como toda experiência, tem as suas distorções. Tem as pessoas que não estão suficientemente preparadas, por vezes cometem erros, isso é natural em qualquer terapia e, felizmente, os pacientes absorvem esses erros, quando eles não constituem erros dominantes, quase preponderantes durante uma terapia de longo prazo." (\*11)*

Mas, contraditoriamente, a psicanálise continuou se expandindo, até meados da década de 80...

*"...nos meios acadêmicos a psicanálise era muito florida, havia um aspecto hipomaníaco com as pessoas que estavam ligadas à ela..." (\*19)*

*"...eu estava vendo a formação do aluno de psicologia da graduação, toda voltada para análise individual...e eu me propus e comecei a dar como eletiva, no curso de graduação, uma cadeira de grupoterapia. Isso foi crescendo em termos de demanda...aos poucos de eletiva passou a ser obrigatório...Hoje é uma cadeira obrigatória na graduação..." (\*2)*

## II. 2 — Desfaz-se uma demanda

De fato, uma diminuição da procura pela psicoterapia de grupo com fundamentação analítica começa a acontecer. Era perceptível, principalmente, uma nova relação entre o número de terapeutas e clientes para esse tipo de terapia...

*"...Eu cheguei a ter 6 grupos no consultório...no momento, estou apenas com um grupo, houve um esvaziamento que eu não consegui sustentar, manter, nem refazer outros, e mantenho só esse..." (\*13)*

*"...Eu sempre tenho dúvidas se, realmente caiu o número de pessoas que procuravam grupo, ou se aumentou muito o número de terapeutas que passou a fazer grupo...e passou a haver no mercado, uma alternativa que era o tratamento individual a um preço mais satisfatório, o que não havia antes..."(\*11)*

*"...O movimento de formação dos terapeutas, vem depois do 'boom', mas ele continua depois do declínio, o movimento não é imediato, a mudança não é imediata, então, continuou uma formação intensa de terapeutas, quando já não haviam as condições de mercado para a formação deles, porque surgiu um número enorme de terapeutas vendendo sanduíches na praia..." (\*8)*

*"...se nós éramos, nos fins de 60, início de 70, uma dúzia mais ou menos, então em 80, já éramos mais de 200, quando já estavam em operação as sociedades de grupo..." (\*1)*

A diminuição desse movimento é sentida hoje, por alguns, como algo positivo. O aspecto sugestivo da crença teria parado de influenciar a demanda, fato considerado, por alguns, uma evolução natural e saudável.

*"...isso que vocês chamam de descenso, a queda depois do 'boom', isso era compreensível, porque antes havia toda uma expectativa em relação ao tratamento...isso não ocorre só na grupoterapia. Há sempre, no início, uma expectativa que aquilo vá resolver todos os problemas, nenhum tratamento cobre essa expectativa. A tendência é que as pessoas não se satisfaçam com o grupo terapêutico, apenas..." (\*11)*

Alguns dos psicanalistas referiram como muito precária a formação dos terapeutas de grupo ...

*"...A maioria dos analistas não entendia nada de grupo, eles entendiam grupo assim: pegavam um grupo de pacientes, botava no consultório e começavam sem a menor cerimônia a interpretar, como se o grupo fosse uma entidade que falasse alguma coisa... A questão principal é que os indivíduos, desconhecendo os fenômenos de grupo... não conseguiam levar o grupo adiante...*

*O ser humano se incomoda com qualquer coisa que você diga a ele; usando uma expressão de Freud: "um ataque ao ego é um ataque de lesa-majestade" ...e se você começa num grupo a interpretar...o grupo disse...o grupo fez..., o grupo está dizendo, isso cria um mal-estar no paciente terrível...É como se você metesse todos numa mesma panela, quando ele na verdade está querendo ser diferente... não quer ser igual a todos...*

*E com os adolescentes começou-se logo a chamar à atenção disso, porque apesar dele se inserir num grupo porque ele quer um espaço de experimentação, porque ele quer um espaço protegido para poder funcionar, ele quer se sentir totalmente identificado com aquele grupo ali, digamos que ele sofre junto e também se diverte junto, mas ele tem que encontrar o espaço dele, ele tem que encontrar a forma dele ser diferente do outro, não totalmente colado, imaginariamente com o outro. Então, não era recomendável fazer esse tipo de interpretação ao grupo...porque você massificava o indivíduo, mas todos os analistas clássicos faziam interpretações ao grupo...*

*Esse sistema de atender grupos desconhecendo a questão do fenômeno de grupo, usando o grupo como se fosse um paciente, fazendo uma sessão de grupo como se fosse uma individual, apenas com mais pessoas..." (\*16)*

*"...porque, a maioria dos terapeutas, entre outras coisas, entra para fazer grupo, só que não se preocupa muito com o que, ou até em termos da própria formação, eles se deparam com uma realidade onde entram. De repente é pedido que atenda grupo, e, aí, começa-se a fazer grupo... Então, a maioria, para fugir ao fato de não ter formação para grupo, diz que está fazendo grupo operativo. Quando você pergunta o que é grupo operativo, você constata que muitos não sabem quem é Pichon Rivière... Que grupos são esses?" (\*2)*

*"...Tem um pouco de aventura nessa história...uma falta de aprofundamento nos mecanismos grupais. A gente não tinha seminário sobre grupo...naquele tempo as pessoas aprendiam grupo de ouvir dizer, de discutir, de conversar, geralmente o que se passava dentro do grupo só era trabalhado entre terapeuta e observador, não havia um movimento intergrupais de aprendizagem..." (\*15)*

...e, por não reconhecer essa precariedade, alguns psicanalistas faziam da IPA um instrumento de poder, colocando-a como a causadora das resistências ou da repressão...

*"...não era a IPA que influenciava ou não. Eu acho que, o que influenciava mesmo eram as terapias...quem se analisou e quem não se analisou...O que eu sei da IPA é que em uma época ela não aconselhava o desenvolvimento da psicoterapia analítica de grupo e que muitos didatas iam lá e faziam. Agora, que isso aí podia ser culpa da IPA ou que as pessoas estavam cansadas e aproveitaram e embarcaram nessa, aí sim, mas muitos didatas continuaram fazendo.*

*Eu acho que o problema é muito mais nosso, muito mais da formação psicanalítica e não da instituição... Se a pessoa tem uma boa formação e se analisou bem, não tem nada a ver com isso...Acho que a IPA não tem esse poder de fazer com que você modifique sua maneira de pensar socialmente. Acho que a questão da psicanálise passa pela liberdade. Desde o momento em que a IPA não mandou nenhuma carta dizendo que eu não podia fazer mais isso ou aquilo,...aliás ela nunca ousaria...*

*Eu nunca senti na minha sociedade que a IPA dissesse que não podia se fazer isso, ou aquilo...Sempre houve uma questão muito delicada sobre isso em termos de política institucional, mas com os analistas, não. Porque os psicanalistas que não estavam a fim de ouvir a IPA, saíram e continuaram analistas." (\*19)*

Poucos analistas fizeram uma avaliação do poder que a análise lhes conferiu.

*"...uma vertente é a dos 'bem intencionados' mas tudo entre aspas, porque eu fiz parte deles. Nós acreditávamos, quando o Lapassade veio ao Brasil...eu fiz com ele intervenções institucionais...A gente ganhava dinheiro com isso, fazendo intervenções institucionais e tínhamos grupos. Mas eu acho, que nessa boa intenção, nós queríamos ganhar dinheiro e poder, nós queríamos um certo mando, nós ficamos muito conhecidos..." (\*6)*

*"Eu acho que a IPA é um mal menor. O que há de real é a dificuldade dos psicanalistas assumirem a psicanálise e a utilizarem como poder. A IPA é muito aproveitada nesse papel.*

*Quem discriminou os psicólogos para não entrarem nas sociedades, foi a IPA? Não foi, foram os analistas mesmos com medo do processo econômico, não é? Uma divisão econômica de mercado...*

*Acho que a questão é essa...fazer a psicanálise virar instrumento de poder..." (\*19)*



Outros, poucos, consideram que não houve uma diminuição de procura para grupos em seus consultórios.

*"...eu nunca deixei de fazer grupo. O grupo em instituição e em consultório...quando você diz...o que é que caiu...eu nunca tive falta de clientes. Sempre tinha alguém na fila. Meus grupos, para você ver, foram de 11 pessoas, eu nunca soube porque, o grupo que eu tenho dentro de mim é esse...Mas o que eu fiz foi diminuir os grupos por uma questão de cansaço. Eu tinha 5 grupos, agora tenho 3. Eu fui diminuindo os grupos devagar..." (\*19)*

Uma guerra de mercado teria contribuído para uma desvalorização da grupoterapia...

*"...como você sabe, aquele grupo capitaneado já desde essa época pelo Leão Cabernit, ele proibia, ele fez algumas recomendações. Primeiro ele fez recomendação proibindo que se desse supervisão para psicólogos e depois ampliou essa recomendação, para que não se atendesse, nem como cliente. Porque senão depois o camarada ia atender.... Era uma guerra de mercado..." (\*8)*

A repressão que o país sofria foi vivida, por alguns, como determinante direto no esvaziamento do trabalho nas instituições...

*"...na época do poder militar eles tentaram mudar muito as coisas que estavam acontecendo no serviço público, decorrente da Comunidade Terapêutica que era vista como foco de resistência...um foco perigoso para o regime militar. Daí, começaram a deslocar líderes das Comunidades Terapêuticas...eu fui deslocado para o Pinel, onde havia um diretor que me transferiu para a Colônia porque as aulas que eu estava dando eram de "tendência marxista" e não eram mais do que aulas dadas em função de termos psicanalíticos sobre as neuroses e psicoses. Ai começou um preconceito muito grande contra a psicanálise. Os militares ficaram muito ameaçados, como ficaram na Argentina. O psicanalista apregoando a liberdade de fala, a liberdade de imprensa, a liberdade de ir e vir, qualquer analista mexeria com a ditadura militar, com um poder desse tamanho." (\*19)*

Havia um bombardeamento, nem sempre muito explicitado, de um trabalho sentido como revolucionário...

*"...O Ministro da Saúde na época foi visitar o Engenho de Dentro, prometeu que ia levar aquela idéia para frente, que ia contratar todos os estagiários que estavam lá e de repente a gente começou a perceber que o tempo ia passando e que ia faltando material, que eles iam trocando de pessoal, que existia a Globo contra a gente, dizendo que os doentes estavam matando as crianças, estuprando..."*

*Aumentou o muro ainda mais, quanto mais se evoluía lá dentro, mais as coisa de fora ficavam fechadas... Eu acho que esse movimento político se estabeleceu no momento em que ele ficou com muito medo do que poderia resultar. Esses jovens, com idéias totalmente novas... porque a psicanálise era uma atitude totalmente revolucionária, perante a psiquiatria tradicional." (\*19)*

*"...os grupos desfeitos estavam relacionados mais com as instituições, é o que eu sei. ...Por que aí, veio outra direção do SNDM, da época, Serviço Nacional de Doenças Mentais, e, dentro de uma linha ortodoxa e fechou os grupos — no Engenho de Dentro tinha unidades terapêuticas e acabaram com tudo aquilo...alguns chegaram até a se demitir do serviço público..." (\*1)*

Alguns analisandos sentiam seus psicanalistas como fiéis representantes da repressão que o país sofria..

*"...Nós vivemos um momento de grande repressão política, infeliz, naquele momento...Eu acho que essa repressão se estendia ao grupo, na figura do analista, que se justificava pela repressão, para reprimir o grupo também.*

*...Ele proibia qualquer contato do grupo fora do espaço do consultório, inclusive levando a coisa tão longe...ou nós éramos tão tolos que aceitávamos esse tipo de proibição.*

*Falar de política no grupo, nem pensar, era proibido mesmo. Textualmente proibido. Isso começou com uma figura que hoje é deputado, ou vereador, que entrou no grupo, e que vinha da prisão. Ele disse que tinha estado nos porões do DOPS... Aí o analista cortou imediatamente e disse: 'eu não posso atender num grupo pessoas que venham comprometer o próprio grupo. Assim, não atendo leviandades...no grupo eu não atendo esse tipo de pessoa...'*

*E o rapaz ficou muito aflito: ...'mas eu falei isso para o senhor na entrevista individual...'*

*Ao que o analista respondeu: 'Sim, mas o senhor disse que estava vindo por outros problemas, problemas emocionais seus,*

seu casamento, etc. Esse tipo de problema nós não podemos tratar aqui dentro... Se eu perceber pessoas aqui, com comprometimento político, de um lado ou outro, eu exponho o grupo todo. Estou expondo o grupo a ser amanhã preso e torturado para falar coisas...' (só que ele não usava a palavra tortura...).

Eu experimentei isso duas vezes durante meu processo de grupo. Um, foi quando meu cunhado foi preso e minha irmã exilada. Eu passei um mês sem ir à análise, porque não podia falar nada...nada estava me mobilizando mais naquele momento do que isso que estava acontecendo...me acolher era uma perda de tempo..., eu não ia. E outra vez, foi com um amigo. Ele me contou que tinha sido preso, torturado, e ficou comigo um tempão contando isso. Eu saí dali para minha sessão de análise. Quando cheguei lá, sentei e tive uma crise de choro, e falei...'eu não posso ficar aqui nem mais um minuto. Não tenho nada a dizer aqui...'

O grau de repressão que eu sentia na atitude do analista, se era coerente com a repressão política da época, se era uma característica pessoal dele, que eu até acredito que fosse...porque depois pessoas da família dele se tornaram ministros de governo... Eu fico pensando que, esse autoritarismo já era uma característica dele também, essa imposição de regras extremamente estreitas, extremamente coercitivas, e que não nos dava a menor chance de, por exemplo, questionar o processo que estávamos vivendo.

Nós questionávamos sozinhos, questionávamos com outras pessoas, mas entre nós, no grupo, a gente nunca pode questionar isso...

Eu acho que o meu grupo levou isso a sério demais...a gente fazia encontros clandestinos, mas a figura dele era uma figura extremamente repressora, extremamente impositiva..." (\*18)

E a técnica desfavoreceu, em muito, àquelas pessoas que se sentiam impedidas de falar, por possuírem militância política ativa...

"...eu, na Secretaria de Massa do Comitê Central do Movimento Estudantil, minha vida era participação política, minha atividade era fazer política, eu cursava economia...eu disse ao analista que não ia dizer meu nome para o grupo...mas para ele eu ia dizer... Como eu estava às vésperas de uma ação, eu disse ao analista que eu ia sair, porque ia entrar numa barra pesada...saí, sem discutir com o grupo, com a sensação de que aquele troço não servia para mim...É uma contradição, fazer psicanálise quando você não pode dizer coisas de sua vida...Fica truncado o processo." (\*26)

Alguns psicanalistas, revelaram que, a título de cuidado, reprimiram determinados assuntos nos grupos...

*"... a única coisa que eu não permitia em grupo, eram pessoas falando sobre a luta contra a ditadura, porque aí, eu achava muito perigoso, era uma coisa de vida ou morte. Um dia, um cliente meu começou a falar, depois eu soube que ele tinha hospedado uns fugitivos, e eu o cortei, o proibi de falar. 'Isso a gente conversa sozinho.' Ele disse: 'Eu confio nos meus colegas'. Eu disse: '...isso é uma questão de vida, te matam, não pode colocar a tua vida nas mãos de outras pessoas porque você confia, não tem necessidade, é um risco desnecessário...eu sei de um caso...' "*  
(\*11)

É referido um sentimento ameaçador muito grande, nesse período, que mexia com a tranqüilidade do trabalho, trazendo desconforto para os próprios analistas...

*"...Era uma ameaça...apesar daquela explosão dos congressos, aonde a gente aproveitava, mas no 'bem-bom' dos nossos consultórios, a gente se sentia muito ameaçado. Se tinha alguém na sala de espera, se fosse entrar alguma pessoa que a gente entrevistou, ia fazer alguma coisa contra o grupo. Se alguém do grupo poderia fazer alguma coisa contra os outros, etc....Então não foi um período muito simples e, por isso, é que ele é tão estimulante, porque é contraditório." (\*19)*

Mas, uma perseguição real foi vivida, também, em vários dos consultórios particulares...

*"...eu me lembro de uma psicanalista que fazia grupo e o pessoal da DOPS ficava na sala de espera e quando perceberam que entrou um grupo, eles suspenderam. A psicanalista conseguiu fugir e pediu asilo no Chile...foi para o Chile e acabou pior, porque o Allende se matou. Então a psicanálise foi muito perseguida..."*  
(\*19)

Um aspecto técnico, que alguns psicanalistas consideram como tendo influenciado nas mudanças sofridas pela grupoterapia de fundamentação psicanalítica, foi uma diferença na maneira de conceber o grupo.

Pensava-se que o trabalho do psicanalista era, quase que exclusivamente, interpretar a transferência e os terapeutas de grupo viam o grupo como um todo. O grupo era interpretado como uno, as pessoas não tinham nome e cada uma era porta-voz do grupo no momento em que falava. Mas, essa concepção teórica vai mudando...

*"...essa palavrinha de grupo e em grupo muda tudo, no referencial teórico...sempre houve um debate muito grande em torno disso e perdura até hoje..." (\*3)*

*"...A aplicação dos conhecimentos e da técnica analítica a grupos humanos, foi feita em primeiro lugar por L.Wender e P. Schilder em torno de 1936...Houve, no entanto, grande dificuldade de integração dos seus conhecimentos, como mostram Grinberg, Langer e Rodrigué, os quais eram enciclopédicos e o impediam de ver o grupo como um todo...Schilder tratava os pacientes como indivíduos isolados no grupo, suscitava temas para discussão e não trabalhava o plano transferencial..."*

*A mesma dificuldade é apontada no trabalho de Slavson, considerado, também, pioneiro em psicoterapia de grupo e que se propõe a denominar o seu trabalho de 'Analytic Groupoterapy', mas lida com o grupo como uma soma de indivíduos que são tratados simultaneamente, mas cada um por si, isoladamente. Utiliza a interpretação e as teorias psicanalíticas, mas de forma estática e intelectualizada..."*

*Enquanto os autores citados endereçam suas interpretações aos indivíduos no grupo, o que se denomina psicoterapia em grupo, a geração mais recente de psicanalistas que se dedicou a esse estudo, tem procurado orientar suas pesquisas para entender o grupo como um todo, como uma unidade dinâmica nova, que deve ser interpretada e chamada, então, de psicoterapia de grupo.*

*Dentro desta nova perspectiva, vários nomes se inscrevem, com trabalho nos diversos lugares do mundo: Foulkes, Bion, e Ezriel na Inglaterra, Grinberg e Rodrigué na Argentina e, muito recentemente, Bahia, Zimmerman, Martins, La Porta, Lígia Amaral e Walderedo I. de Oliveira, no Brasil.*

*Estes autores procuram localizar o grupo como um todo, que está constantemente manifestando sentimentos transferenciais em relação ao terapeuta e dentro do próprio grupo devem ser interpretados. E a interpretação se limita toda a atuação do*

*terapeuta frente ao grupo. Na Argentina, com a chegada dos analistas que haviam se aperfeiçoado em Londres e conhecido de perto os métodos de Bion, cresceu o interesse por essa modalidade de psicoterapia..."<sup>1</sup>*

*"...Os grupos se iniciaram muito na base de grupos com características mais definidas, eles foram mudando, creio que isso não é só um aspecto da minha prática, mas da prática de todos os terapeutas. Eles mudaram em decorrência de alterações, eu diria quase que impostas pelas situações e pelo paciente no grupo. Houve uma época que, por influência de Bion, não se fazia nenhuma interpretação individual no grupo, as interpretações eram todas do grupo, referidas eventualmente ao indivíduo, mas fundamentalmente do grupo. Isso depois, se mostrou bastante artificial e passava a ser uma coisa que não se adequava à situação do grupoterapêutico, até porque, não foi feito por Bion com esse objetivo grupoterapêutico." (\*11)*

*"...A diferença fundamental é que com a recuperação da importância do indivíduo, não só do ponto de vista político, como a individuação resultante do colapso da ideologia marxista, a gente pode perceber no trabalho de grupo, que independente do processo de todos, cada um fazia seu processo individual, ou não. Ai, fomos descobrindo que algumas pessoas usam como catarse, outras pessoas usam como sugestão, outras como conversão, etc. O setting grupal é muito instável, cada um faz uma viagem... Alguns vem, desabafam, criam uma tensão, um negócio sério, e depois vão embora. Os que ficam, se sentem muito ameaçados. Se o processo é de grupo, então as pessoas ficam muito roubadas...Cadê o grupo?" (\*25)*

A fundamentação teórica, segundo nossos entrevistados, é um aspecto bastante dividido. Alguns deles se satisfizeram com a fundamentação psicanalítica, outros com o conhecimento de grupos operativos, outros, com os postulados básicos de Bion e alguns acrescentaram a tudo isso os conceitos da sociologia, dinâmica de grupo, antropologia, bem como os artigos, criados pelos próprios psicanalistas em cima da experiência com os grupos. Mas há muitas queixas quanto à fundamentação.

*"...Houve uma época em que, pela influência de Bion, não se fazia nenhuma interpretação individual no grupo...Isso depois mudou... As coisas eram mudadas, como sempre acontece nessas*

---

<sup>1</sup> Chebabi, "Sobre o Domínio da Terapêutica — Jornal Brasileiro de Psiquiatria, vol IX ano 1959

situações, há sempre uma dificuldade no relato disso, porque as pessoas sempre se sentem na obrigação de ter um padrão teórico, muitos terapeutas se diziam seguidores de Bion, na realidade, na prática, não faziam aquilo que ele indicava como sendo a orientação bioniana. Acho até que com razão, não faziam porque não era o caso de fazer." (\*11)

"...Eu ainda acredito que o ideário psicanalítico dê instrumentos para a criação de uma ciência social, eu ainda acredito que você tendo uma visão básica metapsicológica do fenômeno psíquico, que você possa, instrumentado pela visão psicológica, perceber o fenômeno psicanalítico na dimensão social, na dimensão do grupo, na dimensão da articulação das pessoas.

Então, aquela discussão do Kaës — existe uma mentalidade grupal, existe um ego grupal, existe um superego no grupo, existe um id grupal? Essa questão é interessante, se você fizer adaptações, não pegar Freud e dizer: 'Não há ego grupal, porque o ego é assim, é um conjunto de representações, você não pode ter isso no grupo.' Assim não dá. Agora, se você pega um grupo, a junção de um grupo, as introjeções de um grupo, a interfantasmática do grupo, como Heidegger fala, constitui uma coisa em si? Acho que sim, é um fenômeno próprio, é uma coisa própria, insuficientemente estudada, ainda usando muito a visão psicanalítica do individual e não a visão do grupal, com adaptações, muitas adaptações...ainda falta muita produção." (\*14)

"...A carência de subsídios teóricos para trabalhos com grupo a grupoterapia tem um arsenal teórico muito limitado em escala nacional e internacional; os melhores trabalhos sobre grupoterapia, ainda são de psicanalistas, de gente que trabalha com psicanálise...e os terapeutas de grupo têm muita dificuldade de encontrar material teórico para fazer uma revolução...digamos..." (\*3)

"...porque nós não tivemos, aqui no Brasil, uma espécie de líder que fosse investido no papel de autoridade, de sapiência teórica, e que comandasse isso para dar uma certa unidade..." (\*1)

"...O mau ingresso, infelizmente, da antropologia, da sociologia, no estudo da dinâmica grupal. Se isso tivesse sido feito com mais base, se isso tivesse sido objeto de estudos sérios de mais gente...

Se isso fizesse parte da formação do terapeuta de grupo nos níveis mais profundos e, não simplesmente como uma poeira antropológica, sociológica e arqueológica, coisas assim dessa natureza...Aí, as ciências humanas estariam muito mais à disposição do grupo...eu não vou dizer que o grupo foi um filho enjeitado das ciências sociais, mas de certa forma, sim...

Nós, no começo, batemos duro, aí cometemos erros, fomos aprendendo...mesmo porque não se tinha referências, naquele tempo havia pouca publicação. Então foi sendo feito aquilo que o

*americano chama de self-made-man, então o sujeito se achava pronto o bastante, não havia supervisão, não havia nada..." (\*15)*

É relatado muito desgaste em discussões sobre, se a grupoterapia que se utiliza de fundamentação psicanalítica, seria considerada psicanálise, ou não...

*"...é grupoterapia, ou é psicanálise? é análise de grupo? ou é grupoterapia'...eu me sinto naquele grupo que acha que grupoterapia não é psicanálise, apesar de utilizar compreensão psicanalítica, de entender a psicopatologia com a psicanálise, mas é uma outra coisa que não a psicanálise... mas há pessoas que pensam diferente..." (\*3)*

É constatado de que, desde o início da grupoterapia, havia uma distorção na noção de grupalidade.

*"...tentei resgatar a história da grupoterapia e ter um pensar sobre ela, para entender por que chegou, onde chegou... Foi quando me deparei com o primeiro grupo, quatro ou cinco pessoas, no Instituto de Psiquiatria, onde era uma modalidade de grupo, com um certo tipo de paciente, que era o mais crônico, os internados, inclusive, ou aqueles que vinham se tratar no Instituto de Psiquiatria. O que se constata nesse trabalho (do IPUB), é que era uma análise individual em grupo. Não era uma grupoanálise como eu chamo. O primórdio é aí..." (\*2)*

A falta de supervisores foi considerada como um fato que contribuiu para a precariedade da formação dos terapeutas de grupo.

*"...Outra coisa importante que contribuiu para o rebaixamento do grupo foi a supervisão. Eu acho que o aprimoramento do técnico que lida com as coisas psíquicas, seja a psicopatologia que se encontra no indivíduo, seja a patologia que se encontra no grupo, na dinâmica grupal... não se pode aprender a lidar com isso só lendo no livro, ou só tendo analista. Os mecanismos não são os mesmos, a técnica não é a mesma — o aprimoramento disso, só em supervisão. Havia pouca supervisão..." (\*15)*

A formação psicanalítica individual dos psicanalistas, teria sido um grave complicador no processo das grupoterapias de fundamentação psicanalítica.

*"...A maioria dos analistas, que me conste, que se propôs a fazer grupo, era analista individual, a sua formação era de análise individual. Pegaram o grupo, colocavam no mesmo espaço e*



tempo, um número de pessoas para atender à demanda...a demanda era atendida numa hora, que seja, a maioria trabalhava com uma hora, e você atendia 4 ou 5. Então, cada um tinha direito à sua análise individual de 10 ou 15 minutos. Então, a coisa se passava assim, nesse sentido. Era uma análise individual em grupo. Eu tenho para mim, que isso tem muito a ver com a formação das pessoas que se propuseram a fazer grupos — eram analistas individuais, não tinham formação em grupo.

A minha formação não foi aqui, foi fora, nos EUA, onde grupo estava no 'boom', continua até hoje, nunca deixou de ser, porque além de uma literatura, havia uma série de pesquisas, de trabalhos sérios, feitos em termos de grupos e formação específica para tal.

O grupo é uma modalidade entre outras, em termos de atendimento de demanda de pacientes. Uns vão para grupos e outros não são candidatos para grupos. Isso você aprende, inclusive, aqui, não tinha esse tipo de coisa...acredito...

O que a gente deparou foi que grupalista e individualista não combinam...

Grupo não pode existir, ou coexistir, se quiser, por dentro de um setting individualista...

Imagina, como é que alguém, que vem dentro de um esquema individual, nos idos de 60, individual, psicanalítico, ortodoxo, 3 a 5 vezes por semana, deitado, com todo aquele nhenhnhem, que tinha na época, muito rígido, — imagine esse sujeito, sentado com grupo em volta! É você pedir o impossível, ...vai ser uma reunião social, ou vai, no máximo, ficar com um de cada vez e aí dizer as aberrações que eu escutei, em termos de grupo..." (\*2)

"...a psicoterapia de grupo se orientou dentro das idéias de Bion e ficou extremamente psicanalítica. Chegou-se a trabalhar os grupos como se trabalha os pacientes no divã e isso criou uma situação confusa, criando certa atmosfera de ansiedade nos grupos e os grupos foram se esvaziando." (\*1)

Mesmo para os terapeutas que possuíam uma formação mais grupalista, a terapia individual sempre foi hegemônica.

"...Mesmo no IBRAPS, que incentivava a questão do grupalismo, que se fizessem terapias em grupo, dentro da clínica assistencial, isso sempre foi muito difícil. Na verdade, se você examinar, a clínica deveria ter talvez 80 % dos casos atendidos individualmente...Embora, toda leitura que a gente faça dos pacientes seja levando em conta as transversalidades individuais, o nível de análise é grupal. Agora, o nível de intervenção continua sendo dual, predominantemente..." (\*9)

Talvez uma disposição à relação dual tenha sido mais forte nos profissionais "psi", independente da formação...

*"...No trabalho de consultório, se você pesquisar, cada um vai te dizer: 'Claro, eu já fiz grupos, eu já fiz muitos grupos. Fiz 2 grupos e atendi 50 pacientes' — porque nunca foi a prática hegemônica da gente na clínica, isso é esquisito, perguntar como eu explico isso, não sei... Certamente a fantasmática atrapalha, é mais complicado, a montagem dessa coisa precisa bem mais que você saia de lugares instituídos..." (\*9)*

A constatação de que, no Rio, a psicoterapia de grupo teria nascido dentro da Sociedade Psicanalítica, é seguida de comentários de como isso a teria prejudicado.

*"...As sociedades de Grupo de Londres, da França, de Portugal, Itália, criaram-se à parte. Enquanto que aqui, no Rio de Janeiro, saiu de dentro da Sociedade Psicanalítica. Isso foi importante, porque um grande número de terapeutas de grupo trabalhava como se estivesse trabalhando paciente individual, e essa repercussão...as conseqüências realmente tinham que aparecer. As decepções não só para as pessoas que estavam em tratamento, como também para o terapeuta, deixando-os desanimados nesse sentido.*

*Aqui, quando se formou a 2ª turma da Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro, o Dr. Kemper criou a terapia de grupo...baseado na experiência de Berlim, onde ele foi um dos diretores..." (\*1)*

Desde o início da primeira sociedade de psicoterapia de grupo, era o status de psicanalista que muitos almejavam...

*"...quem fundou a grupoterapia foram os candidatos, não foram os analistas...nós éramos candidatos, então, nós não fazíamos parte da sociedade. Então, quando nós fundamos a Sociedade de Grupo, estimulados pelo Kemper, não tem dúvida nenhuma, todo mundo deu pulos de alegria porque, finalmente, a gente podia ser membro, e não aluno... Foi a nossa alforria, mas não foi a alforria da psicoterapia de grupo... Ai está o nó da história, nasceu torto. Lá fora, é outra história, aqui no Rio, nasceu, vamos dizer, vou exagerar...nasceu com os candidatos brincando de analistas. Então, dentro da psicoterapia de grupo, eles podiam ser analistas.*

*Porque quando a gente entrava, antigamente, a gente assinava um compromisso de não se declarar analista enquanto não estivesse formado. Essa é a verdade da história.*

*Tanto é, que os terapeutas pararam de se identificar como grupoterapeutas...eles eram pura e simplesmente analistas...O que já mostra que havia uma prevalência da psicanálise sobre a psicoterapia de grupo." (\*15)*

A psicoterapia de grupo teria sido capturada pela psicanálise...

*"...A decepção com o grupo é que nós somos levados por instrumentos de captura, de tomada de fabricação de subjetividades a ser em forma de grupo...nós somos tomados pelos meios de comunicação e a nossa reação grupal é muito frágil..." (\*6)*

*"...A psicoterapia de grupo teve um começo muito mais para a improvisação, do que para a estabilização...a psicoterapia de grupo, lamentavelmente, foi usada. As reuniões que tinham, a gente estudava...não estou dizendo que não havia, mas havia uma ótica exclusivamente psicanalítica.*

*O indivíduo separado, não tem as mesmas ações e reações do grupo e vice-versa. Mas não se entendeu isso...sentir isso era importante para se dar alforria ao grupo, faltou alforria, o grupo continua aparafusado e ligado à psicanálise. A psicanálise deveria estar assessorando, da mesma maneira, que a antropologia, a política..." (\*15)*

A vontade de driblar a IPA é nítida...

*"...depois, a instituição, você sabe como é...o establishment, uma coisa pesada que cobra. Então, foi uma coisa que seduziu todo mundo...eles viram a porta de entrada não vigiada...*

*A IPA não soube lutar pela psicanálise. Ela se fechou em copas, virou uma coisa maçônica...a parte científica, é a preocupação de ficar estudando as coisas que já existem, apenas desenvolve subtemas..." (\*15)*

A acusação de fragilidade das instituições que se propunham a formar terapeutas de grupo, aparece muito...

*"...A nossa geração não soube transformar essas sociedades que tinham toda uma origem psicanalítica, um ranço psicanalítico, em sociedades de grupo realmente, elas sempre foram um arremedo de uma sociedade psicanalítica...*

*A falta de rigor científico na formação de grupoterapeutas, tanto numa sociedade quanto na outra... Enquanto as sociedades*

*oficiais ou as outras de outras linhas, há um rigor científico na formação dos terapeutas, nas sociedades de grupo, esse rigor deixa muito a desejar..." (\*3)*

As sociedades de formação em grupoterapia, teriam funcionado como um degrau para as formações "oficiais" de análise individual...

*"...As sociedades de grupo sempre foram um arremedo das sociedades psicanalíticas...E mais que um arremedo, um trampolim para que os indivíduos entrassem na sociedade psicanalítica, eles entravam na sociedade de grupo, aprendiam lá alguma coisa, e depois, aparecia vaga numa outra e eles pulavam para lá. E, com isso, perdeu-se muita gente boa...sem dúvida..." (\*3)*

Era perceptível o despreparo dos terapeutas vindos das sociedades de grupo para outros trabalhos, que não fossem os trabalhos de consultório...

*"...O despreparo dos grupoterapeutas para outras atividades grupais, que não fossem as dos consultórios privados... formados para trabalhar em sua clínica... Quando eu pedi aos colegas...: vamos fazer uma programação para trabalhar em grupos dentro dos ambulatórios do INAMPS,...foi unânime a posição deles...: nós não sabemos trabalhar com outro tipo de grupo que não seja o grupo terapêutico semelhante ao de consultório...e eu acreditei...porque as sociedades não preparavam para isso..." (\*3)*

Alguns terapeutas avaliam como uma falta de disposição à grupalidade...e alguns, interpretam como medo do grupo...

*"...é uma disposição à grupalidade, e, fora a disposição, é a própria prática e o caminho que você faz dentro disso que te torna grupalista. ...Eu já ouvi de 'n mais capa' de individualistas, que tem medo de grupo...Isso porque eu já tenho quilometragem, que não é pouca, de supervisão. E, o que eu encontrei? Em 67, encontrei pessoas que só podiam perceber e se aceitar atendendo a uma só pessoa..." (\*1)*

É considerado pelos protagonistas da psicanálise de grupo, que o veio teórico kleiniano foi sofrendo contraposição com a obra lacaniana e, com isso, abalando um poder conferido ao ato interpretativo e à própria postura do psicanalista...

*"...A versão kleiniana da obra de Freud começou a ser questionada sobretudo pelos franceses e aí entra o mérito de Jacques Lacan...em vez de você quebrar defesas, em vez de você interpretar, de dar uma versão ao paciente, do que se passa com ele, você tem, fundamentalmente, que desarticular defesas. Você não vai oferecer a cura a ele, e o kleiniano oferecia; eu tenho a interpretação eficaz e eu dando, eu mobilizo a ansiedade e a pessoa tem que mudar. Ao contrário, agora você tem que instrumentar o paciente para que ele se trate. Ele é que se trata..." (\*25)*

*"...a visão lacaniana não reconhece como válido o inconsciente na inter-relação grupal. O lacaniano vê o inconsciente muito válido, na relação bi-pessoal e transferencial, mas se é grupal, já é outro contexto, aí, é o sócio, o principal, o psicológico é consequência... Lacaniano quando diz: 'grupo é possível?'...análise de grupo é uma grande bobagem, não existe análise de grupo. Existem inconscientes se manifestando e se interprojetando e a interprojeção passa a ser tão importante que você já não pode mais falar em projeções bi-pessoais, em que você perceba o fenômeno e esclareça o inconsciente para o outro, você já está implicado, e se você já está implicado, você já não tem uma visão bi-pessoal, você mesmo já está influenciado pelo grupo, então, sua interpretação é sócio-analítica, porque ela está influenciada pelo social...é uma argumentação forte..."*

*Lacan é uma força também, talvez seja uma outra força negativa em relação ao movimento grupal. Os lacanianos têm um interesse psicanalítico puro, não tem o interesse pelo grupo, enquanto grupo de trabalho psicanalítico, a não ser que ele tenha um interesse também sociológico, aí, sim, são os analistas sem divã." (\*14 )*

*"Quando Magno apareceu por aqui... o Colégio Freudiano, foi a primeira bomba contra os grupos. Aquilo adquiriu um charme, de elegância teórica francesa. Teoricamente, Lacan repudiava os grupos...dizendo que aquilo incentivava o jogo de imaginários... Surgiu a sessão de curta duração, que possibilitava que se fizesse sessões, agora individuais, a baixo preço, porque, como elas eram de curta duração, o preço das sessões podia declinar muito, e elas passavam a ter competições com as sessões de grupo. Isso foi um fator, elas custavam um terço de uma sessão de individual clássica." (\*8)*

Magno, como o representante da entrada da teoria lacaniana no Rio, é visto, por alguns, como o algoz do grupo, quando possibilita a articulação da questão teórica lacaniana com um movimento contracultural...

*"...Acho que o Magno tem uma importância, porque ele pega esse movimento contracultural, teoricamente tematizado pelo lacanismo, mas um lacanismo que absorve esse tipo de movimento. Ele sensibiliza os aspectos contraculturais dos anos 80 e atrai para o Colégio Freudiano. O negócio da banana... aquilo gera um estado de atração...surgiu uma espécie de sofisticação francesa, misturada a um ecletismo sexual e introduz a estética na psicanálise.*

*A questão da beleza começou a ser introduzida e tematizada pela questão psicanalítica, através do lacanismo, até pelo próprio estilo de Lacan, que saiu de um clinicismo winnicottiano — era o pediatra bom que passou a ser belo e atraente, que era o Lacan. A beleza atraente, a questão da atração, da beleza, da captura, da fascinação, ultrapassou a problemática do peito bom. A problemática do peito bom, não tem nada a ver com fascinação, com sortilégio, a problemática dos mistérios magnéticos, mistérios da paixão, aquilo está fora da teorização, aquilo seria reduzido à condição de objeto parcial... Uma posição quase que médica, de devoção médica, ou caritativa cristã, é substituída por uma posição estética pagã, na passagem para o lacanismo.*

*O Magno é importantíssimo como contraponto, não porque ele tenha feito grupo, mas porque ele foi o algoz do grupo...Ele representa o movimento cultural que contrapõe-se ao grupo..."*  
(\*8)

Embora, uma boa parte dos psicanalistas entrevistados, não encontre justificativa teórica para que essa mudança de postura impeça a análise de grupo, e não vêem o movimento lacaniano como ameaça...

*"...eu acho que eles (se referindo aos lacanianos) não aceitam a psicanálise no grupo, ou de grupo, porque também estão defendendo um mercado, e como todos os que tem um mercado a defender, eles tem que zelar por seus adeptos." (\*25)*

*"...acho que não é o lacanismo, mas eu acho que para muitos é. É claro que a hegemonia lacaniana derrubou muita coisa disso, invalidando até. Não há quem não esteja marcado por esta questão, seja lacaniano porque acha que está com a verdade, ou não seja lacaniano e fica em dúvida: será que o outro não está*

*com a razão e eu sou um idiota, que não teve escuta do inconsciente, estou fazendo ortopedia?...em grupo, então..." (\*9)*

*"...Acho que é uma coisa ideológica muito salutar, principalmente pela liberdade que eu prego... Acho o movimento lacaniano, em termos gerais, extremamente importante. Independente dessa coisa de que eles não aceitem o grupo, mas eu não sei se isso aí é muito bom para a gente repensar o trabalho de grupo até...É um respeito que eu tenho..."*

*Dentro da teoria psicanalítica, sob o ponto de vista de Lacan, não pode haver história individual dentro de uma história pessoal...é uma posição ideológica, como também os lacanianos não explicam a teoria dos afetos. Também para mim é uma questão ideológica...cada um tem a sua...eu acho que eles estão fazendo o que acreditam. Acho que não é uma questão de birra...é uma questão pensada deles..."*

*Como diz o Nelson Rodrigues...'tudo o que é unânime é burro.' Eu acho que os lacanianos trouxeram para nós um incentivo de pensar a psicanálise. Eu tenho a impressão que a psicanálise ortodoxa estava muito empobrecida precisando de alguma coisa que desse nova visão..." (\*19)*

Mas, é percebido que, alguns psicanalistas, por se tornarem lacanianos, deixaram de fazer grupos, apesar de não saberem bem dizer por que...

*"...Eu sei que encontro colegas meus que hoje são lacanianos e que deixaram de fazer grupo...diziam: larguei o grupo porque não dava mais...parecia terapia menor...mas você não lê um livro sobre críticas à psicanálise de grupo...Eu acho que, se as pessoas pudessem ter dado esse material para nós, seria muito interessante, mas eu não conheço quem tenha feito. E olha que eu leio muito esse tipo de literatura..." (\*19)*

*"...Existe uma teorização para isso. Mas tem uma coisa que eu acho importante: o jogo de palavras, aquilo que está no discurso próprio do outro, você tem que dar uma atenção muito grande, e só é possível individualmente. No grupo, é muito complicado isso, você não consegue manter a atenção, você pega muita coisa que surge, mas não com a riqueza que consegue captar individualmente, essa é a primeira coisa. E uma segunda coisa é aquela noção de inconsciente como alguma coisa que está entre, como compartilhamos a mesma cultura, a mesma língua, tem coisas comuns entre nós, e que aquilo vai surgir de várias maneiras, e vai se construir aqui pelos nossos gestos, pelas palavras que estamos empregando, pela ênfase que damos a determinados sons. E vai se criando alguma coisa...Entre dois é fácil você perceber isso, mas num grupo não dá. Não sei se isso seria assim... Eu lembro de ter ouvido uma teorização sobre isso, feita até pelo próprio Lacan. Eu não sei se ficou muito claro..."*

*...E no grupo o corte é inviável...O principal instrumento que caracteriza a análise lacaniana seria impossível dentro do grupo..." (\*20)*

Alguns interpretam que a quebra do monopólio médico possa ter sido um dos fatores responsáveis pelas mudanças sofridas na demanda da grupoterapia com fundamentação analítica...

*"...Há um aumento considerável da concorrência psi... se você defender a análise de grupo como uma possibilidade analítica, o mercado não vai ter possibilidade de atender a todos os profissionais..." (\*25)*

*"...surgiu também uma produção em massa de terapeutas, começou a haver o desequilíbrio, porque às faculdades de psicologia, aí já amadurecidas, iniciadas nos anos 70, amadurecidas nos anos 80, lançavam centenas de psicólogos anualmente no mercado e o número enorme de instituições de formação, a abertura, a quebra do monopólio médico e o estabelecimento dessas instituições de psicólogos...Elas lançavam, anualmente, quando lançavam, no final dos anos 60, uns 10 ou 15 analistas por ano, agora eram lançados 150, 200 analistas... que iam se somando aos anteriores. Então, começou a haver um equilíbrio entre oferta, entre aumento de procura pela psicanálise...ele já não aumentava na mesma proporção, já tinha chegado aos seus níveis... " (\*8)*

Em vários momentos, a questão econômica é diretamente relacionada com a grupoterapia e também com a diminuição de sua procura...

*"...Eu tive 9 grupos, depois 5, um para cada dia por semana...Lá pelo fim da década de 80, começou a escassear mesmo, tinha crise em cima de crise. Eu me lembro que a última vez que teve um movimento animado no consultório foi com o Plano Cruzado, do Sarney. Os consultórios se encheram outra vez...Depois, quando começou outra vez a crise em 88, eu comecei a ver que não ia manter...No ano seguinte diminui para 3 grupos, no ano seguinte diminui para 2, fiquei com 1 grupo ...Sabe aquela coisa que vai fenecendo, no fim tinham 3 pessoas..." (\*17)*

*"...outra questão, eu diria que é de âmbito econômico, e aí a coisa é um pouquinho mais perversa... — o 'boom' do grupo foi o 'boom' da demanda da psicanálise na verdade, então, o que aconteceu? O analista individual, não queria perder a sua lista de*



*espera, então, os grupos passaram a ser listas de espera rentáveis e funcionantes. O enfoque que era dado nesses grupos na época do 'boom' pelos analistas, era o enfoque que... 'nós estamos aqui lidando com a superfície, para você entrar mais profundamente, quando você for para individual'...*  
*...O 'boom' econômico, funciona de acordo com os analistas e não de acordo com a demanda..." (\*2)*

O aspecto econômico que acompanha a psicoterapia de grupo desde o início, é vista como um grave "defeito" em sua constituição inicial...

*"...o que era importante era a indicação para a análise de grupo. Infelizmente, a indicação sempre foi, naquele tempo, — ter ou não ter dinheiro, isso é muito ruim, porque ficava como o elemento de coesão do grupo. Passava todo mundo a ser pobre e a não ter dinheiro, isso é terrível, — é ruim, porque forma um corporativismo ligado à pobreza, ligado ao desfortúnio — é uma coisa muito masoquista, você não acha? Isso contribuiu muito para ir afundando o grupo.  
...havia também, uma migração do pessoal de grupo para análise individual, 'particular', e quando o indivíduo ficava sem dinheiro, para continuar a análise, ia para grupo. O grupo ficou sendo um rebaixamento mesmo, dos dois lados..." (\*15)*

Além disso, o aspecto econômico teria influenciado muito na decisão do terapeuta de iniciar a fazer grupos...

*"...naquele tempo, na disposição de fazer grupoterapia, havia mais candidatos trabalhando em grupo do que analistas formados. Porque, a análise de grupo ajudava na despesa do candidato que não tinha muitos cliente." (\*15)*

O aumento de ofertas de outros tipos de psicoterapias, com um número muito maior de profissionais e com esquemas bem mais econômicos, foram sentidos como fatores que contribuíram para a diminuição da procura da psicoterapia psicanalítica de grupo.

*"Outro fator que eu considero bem importante, é o fato de que hoje, tem pessoas fazendo análise uma vez por semana, antes não tinha. Isso mudou muito. Fica tanto ou quanto o grupo, até mais barato, de acordo com a solução de cada um." (\*13)*

*"...No início todo mundo queria fazer análise, mas a individual era muito cara, então preferiam grupo. ...Com o grande número de terapeutas na década de 80...os terapeutas precisavam trabalhar... havia uma quantidade enorme deles ...e cobravam individualmente o que se cobrava em grupo... alguns pacientes diziam 'Vou fazer individual, porque o fulano está cobrando um pouquinho a mais do que eu pago aqui (em grupo) ...e lá eu me sinto melhor..'" (\*1)*

*"...a pletera de mercado possibilitando análises individuais a preço vil, competindo com os preços vis do grupo. Vis, mas eram bons, porque era muita gente. Mas, a grande quantidade de terapeutas individuais, tanto no Rio, quanto em São Paulo, fez com que o indivíduo prefira a sua terapia individual, do que ter que dividir com os outros..." (\*3)*

As alternativas místicas começam a surgir, associadas ou não aos grupos..., mas esvaziando, em muito, a grupoterapia de fundamentação analítica...

*"...começou a renascer o misticismo. Derivado da matriz mística, antipositivista e da antimaterialista, começaram a derivar, também, inumeráveis terapias: tarô, astrologia, yoga, ecológicas, fitos, hidros e começou a haver uma competição e também uma restauração da admiração pelos valores norteamericanos, já que apareceu o movimento yuppie." (\*8)*

Haveria um movimento de fuga de um clima psicologista que reinava até então...

*"...Então nós entramos meio que no vale-tudo intuitivista, empirista do misticismo, ainda agregando-se a isso, as supostas eficácias norteamericanas ao nível das terapias, chamadas terapias breves, intensivas...Há também um retorno à crença no nível genético constitucional, biológico e farmacológico também, começa-se a sair daquele clima do imperialismo psicologista e começa a haver uma restauração do organismo, da medicalização. Então, esse conjunto de fatores, leva a um declínio, a meu ver, quase terminal dos grupos..."(\*8)*

Ouvimos algumas referências sobre a técnica de grupo, como uma técnica muito cansativa e que demandava muito do terapeuta, e que, talvez este aspecto

tivesse influenciado na diminuição de grupos por parte dos terapeutas que iniciaram a grupoterapia com fundamentação analítica, além de ter desestimulado novos terapeutas de grupo.

*"...Uma das explicações sobre o esvaziamento, hoje, é a própria condição do terapeuta, que depois de certo tempo se sente cansado, se sente esgotado, e muda para outra posição que de certa forma, é um pouco menos desgastante, um pouco mais cômoda, a condição individual..." (\*13)*

*"...Fazer grupo é muito mais difícil do que conduzir tratamento individual. Embora a dificuldade aí, seja um termo bastante vago, pois a dificuldade não está na razão direta do exercício, depende muito da emergência com que ocorre essa relação. A dificuldade no atendimento individual, pode ser de um peso incomensurável. No entanto, conduzir 8 pessoas, controlar, no melhor sentido da palavra, no sentido psicanalítico, essa dinâmica e trabalhar essa transferência que nem sempre é muito clara, vem rebatida pelas transferências paralelas, não é uma prática muito fácil não..." (\*4)*

*..."Acho que o que ocorreu é que o grupo, sendo uma dinâmica muito mais difícil, requer muito mais esforço do terapeuta, requer um preparo muito maior do psicólogo, muitas pessoas ficaram prejudicadas por terapeutas que não estavam preparados...porque eu acho que nem de perto a terapia individual se compara com a de grupo...é a última coisa que eu faço antes de ir para casa... Ela requer de você não só uma boa formação psicanalítica, ela requer um bom conhecimento teórico, ela exige muito o seu anonimato...é uma relação longa, mas que você tem sempre que estar em uma posição de terapeuta solitário.*

*...Entre os fatos que aconteciam em 50 e 60, por exemplo, como a ditadura militar, a liberdade sexual, a violência, a AIDS... Como a gente vivia com o grupo?... a gente vivia só...Apareciam pessoas assaltadas, pessoas com AIDS, pessoas que foram presas pelos militares, o dedo-duro, o torturado, etc...Ou seja, é uma micro sociedade que está muito perto de você, mas você tem muito pouca interferência social. Você tem uma interferência inconsciente nos membros do grupo, por causa de sua técnica, mas você entende que é obrigado a aceitar que um outro membro do grupo tenha uma posição totalmente diferente da sua e do resto. E muito perto de você. Você está dentro de um grupo que mostra a sociedade como ela é...e não é fácil você ficar eternamente bem informado. Porque chega uma hora que você parece não querer estar muito informado, porque pesa muito a informação que o grupo leva com ele. O terapeuta tem que ter uma estrutura muito adequada, essa estrutura que eu falo, não é só a estrutura teórica, pois só ela não daria ao terapeuta uma estrutura adequada.*

*...Num país como o nosso, cheio de altos e baixos, pobreza, violência, miséria, tudo para acontecer, para estourar, e a violência ocorrendo dentro do grupo, dentro das pessoas, você percebe toda hora acontecendo, que está muito próxima essa coisa..." (\*19)*

A dificuldade que o próprio recurso do grupamento oferece, tanto ao cliente quanto aos terapeutas, teria auxiliado no desinteresse de alguns...

*"Amor implica em identificação, então para você ter pessoas juntas, elas precisam estar identificadas umas com as outras. Além do mais, é igual ao Freud, é preciso que o líder, o coordenador do grupo ou no caso o analista esteja no lugar do ideal do ego dessas pessoas. Então, o que acontece...fica uma confusão...porque você teria, enquanto participante do grupo, que estar reforçando de alguma forma a idealização desse outro.*

*Mas, se na análise, exatamente, uma das coisas que se tem que fazer é desidealizar o analista, justamente para você poder, através dessa desidealização, chegar à conclusão até que tem esse outro para recorrer...como é que você vai trabalhar no grupo essas questões? Isso cria complicadores...*

*Dentro do processo analítico, você estaria propondo, exatamente, uma descolagem. Você estaria, porém, dentro do processo de grupo incentivando a colagem do analista...até porque, para manter o grupo, vai ter que reforçar esse papel de liderança...*

*Eu tenho a impressão que isso foi uma das coisas, eu acho que a derrubada geral no meu modo de entender a confusão toda, ela é originária da confusão teórica...*

*Eu acho que o René Kaës tem coisas interessantes e tal, mas essa história de inconsciente grupal, o Jurandir também diz que isso não é possível, eu também sempre disse que acho que isso não é possível, você ter esse inconsciente e interpretar esse tal de inconsciente do grupo. Eu acho que só dá para entender em termos de alegoria..." (\*16)*

*"...foi feita uma pesquisa...o motivo da desistência de grupo é a transferência, em que o analista, o psicoterapeuta de grupo se sente muito exigido, desgastado..." (\*13)*

Alguns analistas sentem que a questão do sigilo, ou falta deste, por parte dos próprios analistas, teria comprometido a grupoterapia...

*"...Ocorreu uma coisa, que quem fez grupo como analista, precisa revisar sua postura, não acuso ninguém, longe de mim... É*

*preciso colocar isso em questão, mas eu diria a você que, nem sempre, o sigilo foi muito bem guardado pelos analistas. Então, era um assunto muito efervescente na cidade. 'Quantos grupos você faz?'... 'Ah... você faz grupo?'... E aí começava... 'Ah! O fulano está no meu grupo'... 'O fulano, que é cantor, músico, político, ator, porque é global'... 'Eu atendo a tantos atores da Globo'... Está no jornal, você pode encontrar citação aqui, acolá do tipo: 'eu atendo os atores da Globo'...*

*Declarado de viva voz, isso foi criando uma facilidade de identificação, na medida em que você está tomando chope comigo. 'eu atendo um grande músico, o mestre do violão no meu grupo', era fácil você chegar aos nomes...*

*'O meu grupo é assim, a gente quebra o pau mesmo,' etc, então falava-se muito da prática da grupoterapia, e isso foi esvaziando o mistério, foi esvaziando o imaginário. Com isso, eu acho que, as pessoas que passavam a pensar em atendimento para si, punham em questão se deviam ir para esse lugar onde as pessoas brigam, se enamoram, fazem e acontecem...*

*Creio que um dos responsáveis por isso, era o próprio condutor da grupoterapia, o próprio analista." (\*12)*

*"...a gente sabe que, se o terapeuta já não estabelece freqüentemente o sigilo, porque 'bate com a língua nos dentes' com outros colegas, com muita freqüência... Isso não só na psicologia, mas na medicina, na advocacia, e em tudo que é lugar, o ser humano é boquirroto por natureza, ele é 'fofocofílico', há toda uma curtição da natureza humana pelo relato dos segredos, pela violação do sigilo. Tanto que se diz que, quando o segredo passa de um, ele nunca fica em dois, então, isso é muito freqüente...*

*Então, imagina se, nos climas anteriores o sigilo já era problemático, nas culturas anteriores, imagina nessa cultura, e ainda feito com os companheiros de grupo. Claro que o sigilo foi um problema que passou a ser desconsiderado. Porque o sujeito dizia: 'Eu não tenho segredos, eu não tenho mais razão de ter segredo.' Essa é a separação marcante entre o público e o privado." (\*8)*

Mas, considerando parte da quebra de sigilo, responsabilidade também do cliente...

*"...Os próprios elementos do grupo foram também relaxando nessa questão. Você ouvia: 'No meu grupo, há um sujeito...aliás não fala para ninguém não, mas fulano de tal, este que está aí no jornal, este que escreve na coluna x, este que trabalha não sei onde, ele é muito doido, ele cheira pó, ele puxa fumo, ele acabou de brigar com a mulher'...então, muito facilmente perdeu-se esse respeito, essa regra básica daquilo pertencer à fantasia, ao*

sonho, e portanto, começar a desenvolver-se e acabar ali...era inevitável...Sei de vários colegas que tinham a prática religiosa de, em terminando o grupo, se reunirem no bar, na esquina do local onde se fazia o grupo, antes de cada um tomar a direção da sua casa.

*Moral da história: saía do asséptico. Você abandonava o espaço asséptico e, sem a liderança interpretativa, sem o referencial interpretativo e transferencial, para que a coisa pudesse voltar à quente, e pudesse ser trabalhada em todos os níveis que cabe você trabalhar um discurso que circula entre as pessoas, aquilo era jogado assim, junto com o chope que era absorvido.*

*Virava uma defesa social, uma perfumaria chamada ipanemense, e com isso, não só o grupo ficava mais arrefecido, mas as pessoas que assistiam a esse espetáculo, obviamente punham em questão essa prática, enquanto mais uma prática festiva do que uma prática terapêutica." (\*12)*

Ou até de clientes e terapeutas, simultaneamente, como um movimento de vulgarização da psicoterapia de grupo...

*"... a vulgarização da psicoterapia de grupo, nos anos 70, mais ou menos, aonde o Posto 9 de Ipanema, que todo mundo conhece, era conhecido como o divãzão. Porque, ali, se reuniam terapeutas e terapeutizados e o papo rolava solto e, um ouvia o papo de outro...'na minha sessão ontem, a fulaninha disse que o beltraninho disse, que a fulaninha é homossexual', e, aquilo circulava...Isso pode parecer até uma falácia minha, mas não, eu vi isso acontecer...eu sei o quanto isso foi prejudicial, na medida que rompia com o sujeito grupal..." (\*3)*

Alguns analistas não têm essa experiência de quebra de sigilo, e até ao contrário, acreditam que os grupos se protegiam mesmo, em relação a uma possível divulgação do material de análise...

*"...Eu nunca vi, na minha experiência, eu trabalhei muito com grupos, não é do meu conhecimento que, coisas assim tão sérias tenham ocorrido por falta de sigilo, mesmo durante a repressão militar, aonde supostamente estas coisas poderiam ter uma repercussão maior. Se bem que o espaço da terapia individual é mais resguardado quanto ao sigilo... Acho que, obviamente, essas coisas ocorrem, mas o próprio fato de que ocorrem dessa maneira, mostra que se cria um certo espírito de solidariedade*

*que guarda o sigilo nessas situações de grupo e até de proteção de um paciente com relação a outro. O meu depoimento em relação a isso é muito positivo." (\*11)*

De algumas maneiras, foi questionado se a diminuição da demanda não estaria, em parte, relacionada com a resistência do cliente ao tipo de trabalho, por ser o grupo um lugar de denúncia da privacidade...

*"...a denúncia da privacidade é uma coisa a ser pensada. As pessoas se queixam de que os grupos estão acabando. É muito difícil você pensar que o neurótico vai para o grupo e, por incrível que pareça, ele vai. As pessoas cheias de fobias, cheias de pecadinhos, ele sabe que aquele sintoma dele representa isso...sabe que tem um diagnóstico...como ele vai para o grupo ser denunciado em coisas que ele tem terror de saber? Tanto tem terror, que fala com outra linguagem, que é a linguagem do sintoma..." (\*19)*

*"...isso foi mais um fator que afundou a grupoterapia, as pessoas dizendo: 'não, eu não quero fazer parte, porque eu não quero as pessoas sabendo das minhas coisas, porque isso vai ser feito público, divulgado e eu não quero.' Com toda razão, ninguém está aí para ser manchete de jornal, percebe?" (\*2)*

...ou porque os clientes, especialmente os adolescentes, passaram a encontrar outras opções de grupo, que antes não existiam ...

*"...Eu acho que de 90 para cá, eu tive 1 grupo só, depois de ter tido 4, o Py teve 6 ou 7, nem os adolescentes queriam mais ficar em grupo...Até porque, tenho a impressão, que eles encontravam outras opções de grupo...Hoje tem muito mais espaços para o indivíduo, digamos, viver, dividir, conversar, trocar com o outro, que não necessariamente um espaço analítico, enquanto...naquele tempo...tinha menos. O pessoal proibia grupos, você não tinha grupos de bairros, grupos de discussão de determinados temas, esses grupos de atuação de cidadania, esses grupos sociais, você não tinha. Até reunião de condomínio, podia ser suspeita." (\*16)*

...ou relacionada a uma má divulgação do trabalho feita pelos próprios clientes, e analistas...

*"Outra coisa que eu penso, é o grande desgaste desses próprios pacientes, em função dos insucessos, que, possivelmente decepcionados, muitos não conseguiam, e saiam divulgando mal a psicoterapia analítica de grupo. É uma condição do próprio paciente, da questão da transferência. O paciente também tem uma dificuldade de fazer uma transferência em que não é individual, é múltipla, são várias pessoas. A identificação projetiva, a introjeção e a projeção que são mecanismos de desenvolvimento e de defesa são muito rápidos num grupo, é uma diferença...entre eu estar aqui falando para você e se estivessem várias pessoas juntas, aqui, assistindo, talvez eu tivesse a mesma posição." (\*13)*

...ou por que o grupo deixava uma sensação de superficialidade...

*"...Encontrei um cliente...ele dizia para mim: "Luiz Alberto, esse negócio de grupo, era uma delícia, não tem troço melhor...olha, eu conheci poucas coisas na vida que são tão gostosas quanto se tratar em grupo. Agora, era muito superficial...agora...que era divertido, era.."*

*Não sei bem se os grupos terapêuticos eram grupos terapêuticos ou eram mais grupos de discussão, um espaço para você colocar suas inquietações ante aquele mal estar..." (\*16)*

*"...Eu tenho medo de me tratar, então faço grupo, que é uma coisa menor, tenho problemas de relacionamento, então vou fazer grupo..." (\*14)*

*"...Mas o que se chamaria de profundo ou não profundo, quando está a individual versus grupo? Eu sempre digo que, tanto a individual quanto grupo, a profundidade é do tamanho da profundidade que o analista tem. Então, se ele é superficial no grupo, será superficial, se ele é profundo, será uma análise tão profunda quanto, com vivências tão profundas senão mais que na individual, e aí estou dizendo que, a profundidade tem a ver com o analista, não tem a ver com outra coisa..."*

*... o 'boom', uma vez que a situação econômica mudou — pisme você — deveria trazer o inverso, se as pessoas já não podem fazer face, pagar individual, você não acha que deveria ter mais grupos, já que não seria pagando da mesma forma? Mas não, foi justo o contrário, porque aí, foi a absorção direta para a individual. Aí, ficou claro que, o grupo nunca foi uma modalidade terapêutica de profundidade e portanto válida de atendimento do paciente." (\*2)"*



Mas, o inegável é que a evasão começa a acontecer...Foi vivido por alguns, o fato de que quando os fatores agregadores artificiais diminuíram, como a repressão, a moda, a curiosidade, e outros, a demanda aparecia como não muito verdadeira, o sujeito não resistia ao trabalho, começando, então, a sair.

*"...Na minha prática, o que fui percebendo, ao longo do tempo, é que: primeiro, nem sempre a gente fazia um casamento feliz, você agregar um grupo que entrasse no espírito da coisa. Dirá você: 'Ai, cabe o comando do animador, do articulador de grupo, da referência desse grupo, que é o analista...' Mas não é só isso, não. Há uma certa sorte, ou seja, um fator aleatório, que faz com que você tenha no grupo das 8 horas, o pessoal mais empenhado em, de fato, fazer um trabalho analítico. Dirá você: 'é uma questão da resistência, é preciso trabalhar a resistência, é preciso trabalhar a defesa prevalente...'*

*Mas não é só isso, não. A procura era feita de tal forma, que a demanda nem sempre era uma demanda de mergulho; de um tratamento como ocorre com o paciente que sai da sua casa, me telefona, vem aqui, faz uma entrevista, duas, três, vezes...*

*Vou me deitar no divã, vou pagar o preço que você me pede e vou falar da minha dor, do meu espanto, do meu medo...afinal, na análise, você de repente fala até mais do espanto do que da sua dor, embora o espanto seja uma grande dor.*

*Eu observava justo isso: quando o grupo afinava, havia uma possibilidade de você ir longe. Quando não afinava...acontecia o que era muito comum nessa prática: a evasão.*

*Eu creio que isso foi pondo em questão essa prática, as pessoas não ficavam muito tempo no grupo... Aí, me ocorrem dois motivos disso: — um impasse criado com um elemento do grupo, você começava a trabalhar aquilo, o sujeito não resistia à questão e optava pela fuga, aquele esquema do Bion 'luta e fuga', ao invés de você lutar e dar a volta, entrar em processo de fusão, você optava pela fuga e, nem sempre, você conseguia segurar esse elemento para trabalhar isso mais a fundo. O outro fator, é que, nem sempre você segurava a questão da amorosidade, da troca afetiva, que se tornava uma atuação e não uma transferência intergrupala, tornava-se de fato um fator incestuoso, portanto mortífero que atacava o grupo na sua essência." (\*12)*

Para alguns, o "boom" dos grupos denuncia, que a demanda não era do cliente, ou que não seria uma demanda espontânea...

*"...o que a gente tem que saber, no momento que tem um paciente na sua frente, qual é a melhor modalidade de tratamento*

*para aquele paciente. Não é possível achar que todo e qualquer indivíduo, que entra pela tua porta adentro, é candidato à psicanálise.*

*A demanda é de quem? é do paciente, ou do analista? Acho que é do analista... Por isso, muita análise vai para o beleléu, porque não atende na verdade à demanda, e, portanto, o desejo do paciente, não leva isso em conta, tem uns pontos dicotômicos, pontos cegos, que o analista não percebe o que está sendo pedido, ele vai aplicando o mesmo tratamento...eu acho isso lamentável..." (\*2)*

Esses fatores favoreciam uma grande rotatividade nos grupos. A fragmentação dos grupos pelos movimentos de entrada e saída constantes de clientes, foi registrada por alguns psicanalistas...

*"...A fragmentação do grupo pela curiosidade foi tão intensa, que eu acho que não vale a pena arriscar um grupo, que está funcionando com uma pessoa que tem uma curiosidade como sintoma explícito, ele tem que assumir que quer uma coisa maior, senão, não vale a pena. A moda caiu, hoje, eu não vejo mais ninguém procurar, nem análise individual, nem de grupo. Há algum tempo atrás, eu cheguei a recusar pacientes que diziam: 'Meu pai está pagando a faculdade, mas paga se eu fizer grupo, então, quero fazer. Não tenho nada, mas faço logo de uma vez...'" (\*14)*

O período em que o mundo atravessa, a pós-modernidade, ou ainda a falta de utopias, são referidos como fatores que estariam influenciando na mudança do interesse em relação à grupoterapia com fundamentação psicanalítica.

*"Muitas coisas alteraram o perfil...são muitas coisas, é uma conjugação...Fatores bem gerais: a pós-modernidade, o período que a gente atravessa, a cultura do narcisismo, do individualismo, a queda das ilusões, as utopias, as verdades salvadoras, a psicanálise que salva tudo, o conhecimento humano através de um enfoque que nos convencia com a verdade do inconsciente, que a gente curava todas as coisas...São utopias que caíram bastante hoje em dia, temos que dar a mão ao arquiteto, ouvir o engenheiro, ouvir gente que a gente nunca ia ouvir antigamente, porque a gente achava que não tinha nada a ver...Não invalida o inconsciente com as suas leis e tudo que a gente aprendeu...mas a articulação tem forças tão grandes quanto o inconsciente, e essas forças tem que ser levadas em conta, pelo menos serem*

conhecidas por nós. Nós podemos não saber manipulá-las tão bem, quanto um sociólogo manipula, ou deveria manipular as forças sociais, mas temos que ter consciência delas e saber que elas estão em ação, e até sermos mais humildes em relação aos nossos objetivos." (\*14)

A diferença de mercado de trabalho, marcada também pela inter-relação entre as ciências, é sentido como algo que desestimula a grupoterapia...

"Outro campo que nós tivemos muito complicado foi o mercado de trabalho, sem dúvida houve uma mudança de perfil. A gente saía do Engenho de Dentro, com o mercado de trabalho razoavelmente grande, não havia uma dificuldade tão grande como é hoje em dia, você não competia com os astrólogos, não competia com todas as alternativas que existem hoje em dia, você podia dizer: meu preço é esse, e acabou, não aceito mais ninguém que não me pague por isso. Hoje em dia, o preço é determinado pelo mercado, no geral, você compete com uma oferta muito grande. Se ela é válida, isso é outro problema, importa é que há uma oferta muito grande para amparar as pessoas e para fazê-las pensar em diversos níveis.

Há uma oferta muito grande até causada pela própria psicanálise, na medida em que ela entrou nas ciências e todas aderiram a uma visão psicanalítica. Um sociólogo não fala, hoje em dia, como um sociólogo de 30 anos atrás, ele hoje usa jargões analíticos. O filósofo usa jargões analíticos, o antropólogo... estão todos usando uma visão do interno.

A psicanálise ficou muito permeada em vários tipos de assistências humanas e, eu acho, que o nosso campo de trabalho diminuiu bastante. Proliferou-se o número de pessoas tratando de pessoas, não só no campo geral das ciências humanas, mas essencialmente, nas faculdades de psicologia e nas faculdades de medicina, que jogam um número imenso de pessoas, competindo num mercado complicado que, quem oferecer uma forma mais simplificada, muitas vezes é preferido. Se não der muito trabalho, como o processo analítico muitas vezes exige...

... A ilusão de chegar e encontrar uma clínica cheia que vão ter muitos pacientes e vão ser felizes para sempre, já não existe mais para os 'psis', porque eles não vivem essa realidade. Eles já vivem de uma realidade institucional, muitos querem levar este tipo de trabalho para a instituição. A vontade deles é fazer a formação e instituir nos grupos, onde já fazem este tipo de trabalho, uma orientação psicanalítica. Então, há uma diferenciação em relação ao dinheiro, em relação à ilusão de uma clínica particular, isso é possível que venha até a mudar o perfil da formação." (\*14)

A recessão econômica e a celebração da riqueza material, são sentidas como um complicador da demanda geral dos consultórios psicanalíticos...

*"...Nos anos 80, você teve o declínio do poder aquisitivo da classe média...declínio acentuado a partir de 1983. Nós começamos a entrar em recessão, o país, que durante 50 anos foi o país que mais cresceu no mundo, ele passou a entrar em recessão, ele não só não crescia, como a população crescia mais do que o não crescimento dele. Havia um empobrecimento progressivo, as classes médias foram intensamente atingidas. Paralelamente a isso, passou a existir a celebração da riqueza material, que cada um vai ter de construir a sua própria prosperidade, porque não vai ter ninguém ou movimento algum que vá garantir essa prosperidade para ninguém. Os valores do 'self made man', do herói americano, do 'tycoon', eles começaram a se infiltrar no chamado movimento yuppie. As artes se desideologizaram completamente e entraram na dinâmica puramente mercantil: o que mais vende disco, o que produz mais bilheteria...a lógica capitalista entrou subitamente nos movimentos artísticos também." (\*8)*

*"...A recessão econômica, evidentemente é um fator imensamente forte, posso dizer a você que eu estava acima de todas as intempéries econômicas, até pouco tempo atrás, mas esse último período, fez muita gente rever suas despesas realmente...As pessoas fazem uma revisão e só se tratam aquelas que tem necessidade muito grande de se tratar. Ou, por conveniência, porque está fazendo um tipo de formação, alguma coisa assim, ou porque se sente muito ameaçado com seus problemas internos e tem medo de perder as coisas e continua se tratando. Ainda tem pessoas assim, mas em número bastante reduzido. Eu acho que isso atingiu o grupo também." (\*14)*

Críticas feitas às sociedades de formação em grupo, denunciam um certo desânimo...

*"...a própria SPAG, no meu entender, ficou ruim, quando fez o curso teórico e a parte prática completamente autônomos. Quem quisesse, poderia fazer, ou entrar para a clínica e fazer grupo...quem tivesse grupo, tudo bem, mas não era nenhum requisito para você cursar se formar pela SPAG ter estado em grupo, você como membro, ou você como condutor..." (\*2)*

Hoje, o perfil das pessoas que procuram formação psicanalítica difere, em muito, das pessoas das décadas anteriores...

*"...esta última turma que nós temos, são pessoas, na maioria, que já trabalham até com grupo em hospitais, grupos de gestantes, de menores, em outros lugares, enfim, são pessoas que já têm uma experiência grupal, mas faltava o instrumental analítico. São pessoas que acreditam no grupo em si, que, se não fizessem a formação continuaria trabalhando com grupo institucional, não é o grupo particular, eles não tem experiência em consultório, isso muda absolutamente o perfil do aluno." (\*14)*

Uma exaltação atual às relações mais estáveis, estariam nos levando a uma volta à manutenção da vida privada...

*"...Nesse contexto, surgiu a AIDS, que foi outra pancada na questão da sexualidade, então quase que surgiu o neoconservadorismo, um movimento para restaurar valores progressos, não pelos mesmos motivos, os motivos agora da exaltação das relações mais estáveis, não eram valores morais, eram motivos sanitários. Mas, seja o que for, surgiu um movimento dessa natureza. O encanto dos amores transgressivos foram declinando, com isso surgiu uma espécie de novo recato, de novo culto à manutenção da vida privada — 'eu não vou mais expor a minha intimidade, os meus segredos a essa opinião pública que vai me julgar pelos meus critérios'. E como, o fator econômico também começou a ficar muito grave, ninguém estava muito interessado na vida privada de ninguém." (\*8)*

Quanto às expectativas sobre o futuro da psicoterapia de grupo, algumas são de desestímulo...

*"Eu sei que está se produzindo cada vez mais...na sociedade a gente recebe um atlas bibliográfico sobre tudo, através da IPA. E nesse atlas, tem tudo sobre terapia de grupo. Tem lá uns 300 livros novos lançados no mercado. Existe muita gente fazendo. Mas a própria sociedade de grupo não tem recursos para esse intercâmbio. São sociedades pobres, economicamente...não têm dinheiro. A SPAG é uma sociedade sem dinheiro..."(\*19)*

*"... Eu vejo, para os próximos 10, 15 anos, eu não sei depois, depois eu não digo se continuará ou não, porque está além do horizonte, mas eu vejo um declínio terminal dos grupos, como eles existiam nos anos 70. Eu não conheço mais pessoas que estejam fazendo ou que tenham mais de um ou dois grupos... Existe só um efeito residual, um efeito residual..."*

*Esse conjunto de fatores leva a um declínio, a meu ver, quase terminal dos grupos, os grupos para mim, são como ornitorrincos, como o mico-leão..." (\*8)*

*"Eu acho que grupo é um fracasso clínico, porque nós não tivemos aqui experiências, você não tem uma literatura...quais foram os escritos sobre grupos da época? Como é que se faz um grupo? A que o grupo quer chegar, etc. ...O que eu aprendi foi que os grupos foram uma fonte de renda, mas eles não se mostraram produtivos, não há uma pesquisa..*

*É lamentável porque hoje quando o Paulo Delgado coloca essa lei antimanicomial, ele não tem nada atrás de si, o menor instrumento dentro de escola nenhuma, nem as acadêmicas..." (\*6)*

Mas há quem considere que a grupoterapia tenha chegado a um ponto bom...

*"...Hoje em dia, eu acho que é um momento pioneiro, porque o pioneirismo, no momento em que tinha muita gente querendo ver o que era grupo, ou muita gente querendo ganhar dinheiro com o grupo, que era um dinheiro mais fácil, foi um pioneirismo mais ou menos fácil, não é muito complicado. Nesse momento, quem trabalha com grupo é quem acredita muito em grupo. Quer dizer, é um momento interessante porque se depura naturalmente as formas de lidar com o grupo. Quem agora evolui, é que está querendo investir em grupo realmente. Porque não compensa, talvez seja mais fácil você fazer um outro tipo de trabalho grupal, até adaptações de grupo, enfim, outras coisas para não se dedicar tanto ao grupo." (\*14)*

O que existe hoje de trabalhos com psicoterapia de grupo de fundamentação psicanalítica, é considerado muito mais consistente dos que haviam até então, e a busca, bem como as indicações seriam muito mais conscientes...

*"...Hoje em dia, há uma percentagem, não é grande, mas uma percentagem razoável de clientes que procuram para fazer grupo. 'Ah, eu estive conversando com um colega, ele fez grupo, achou interessante, etc...' Antigamente você empurrava o paciente para grupo..., ou ele procurava por moda...*

*Eu acho engraçado, eu não me acostumei com a idéia de pessoas quererem fazer grupo, você não empurra mais para*

*grupo. Com o dinheiro do grupo, a pessoa arranja um terapeuta individual, então, não é mais essa questão, não vai fazer grupo porque é mais barato, ele até arranja alguém mais barato para fazer tratamento individual uma ou duas vezes por semana...mas ele quer grupo..." (\*14)*

Há, mais uma vez, uma idéia de desenvolver o que é oportuno...

*"...Eu adoro grupo, eu acho uma coisa tão rica, eu vejo uma chance de fazer renascer o grupo, em outros moldes, em outra dimensão. Para esse outro tipo de grupo tem mercado, para o tipo de grupo clássico, não há nenhum mercado, não há mesmo. Para grupo assim: 'Vou fazer um workshop, fim de semana', aí tem gente interessada...'Ah! vamos lá'. Isso dá para encontrar, tenho visto isso, as pessoas estão interessadas...*

*Esse ano eu descobri o grupo numa outra formulação, que é o grande grupo. Mas num nível diferente, que é o workshop. Isso é uma coisa que está em crescimento. Trabalhos curtos, duração limitada, grupos grandes. Grupo de workshop de fim de semana, grupo de 20 pessoas, que são muito intensos, muito dinâmicos, você faz sessões longas, uma atrás da outra, um fim de semana inteiro de trabalho... Acho que essa é a renovação do grupo...*

*É o grupo que procura um espaço realmente comunitário, espaço quase de sala de aula, o espaço do grupo grande. E há muito tipo de atividade hoje em dia, que é feito com esses grandes grupos.*

*Eu acho que é um caminho de retomada do grupo. Porque esse tipo de coisa elas topam fazer, elas têm interesse. Eu estou trabalhando com a idéia de voltar a lidar com grupos nessa dimensão...eu diria que é o grupo do ano 2000..." (\*17)*

Há, por parte de alguns uma expectativa de renascimento, mas em moldes diferentes...

*"...Eu acho que é um campo novo, que vai nos mudar e vai nos forçar a aprofundar um tipo de percepção, não sei bem para onde vai, mas eu acho que num país onde o número de velhos aumenta, porque se morre menos, o número de menores aumenta cada vez mais, menores são jogados no mundo e na rua, o trabalho grupal é a única saída. Você não pode fazer consultório, pode até fazer, pode até aparecer paciente, mas não no grau em que aparecia, mas não no nível em que era. Não podemos ficar analisando pessoas, tem gente que quer ser analisada, e até é importante, a gente manter o trabalho com grupos, que diminuiu bastante, mas que haja também um trabalho em nível social utilizando o instrumental grupal.*

*Não sei realmente qual o nosso caminho, para onde nós iremos nos próximos 20 anos, mas acredito que o mundo vá pedir*

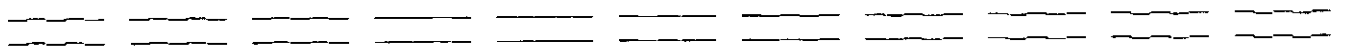
*cada vez mais o nosso tipo de trabalho, não nos moldes que a gente se acostumou a fazer, com a neutralidade que se usava, com as exigências que se fazia, tudo agora com adaptação, eu acho que não é um trabalho menor, eu acho um trabalho muito importante." (\*14)*

*"...Esse é um dos futuros da grupoterapia. É o grupo de pacientes somáticos...é difícil uma psicoterapia individual com paciente grave...pela identificação entre eles, grupo de obesos, por exemplo, de homossexuais...O grupo de psicossomática, que tem vários tipos de pacientes, pacientes com doença cutânea, com hipertensão arterial, com úlcera, etc, têm bons resultados. A gente obtém resultados mais ou menos inesperados...as instituições de grupo deveriam realmente se voltar mais." <sup>2</sup>*

---

<sup>2</sup> Fala de Júlio de Melo Filho - 8º Congresso de Psicoterapia Analítica de Grupo





1

2

3

4

5

6

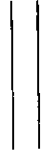
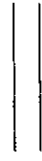
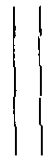
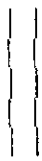
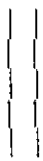
7

8

9

10

11



A

B

C

D

E

F

G

H

I

J

K

### **CAPÍTULO III**

#### **O PROCESSO DE OBJETIVAÇÃO E SUBJETIVAÇÃO**

Nossos comentários a seguir, tem por objetivo pensar a maneira como nossa sociedade instituiu essa nova forma de saber — psicoterapia de grupo com fundamentação psicanalítica —, como um saber que, durante muito tempo, definiu nova abordagem terapêutica, novas formas de convivência entre terapeutas, clientes. Para que isto possa acontecer, retomamos nossas questões iniciais, tratando-as como pistas a serem seguidas, sem o compromisso de reduzir nossos comentários à categoria de resposta.

#### **Nossas questões iniciais ...**

Quais os processos de objetivação e subjetivação que permitiram transformar “grupo” em saber psicanalítico?

E, partindo da idéia de que esse dispositivo não tem o mesmo valor nas décadas de 60 e 70, do que nas décadas de 80 e 90, o que teria promovido essa mudança?

#### **A iniciação teórica e seu uso...**

Nossos comentários preliminares são referentes ao início da grupoterapia no Rio, no que diz respeito às influências teóricas e o uso que delas fizemos.

A psicoterapia de grupo com fundamentação psicanalítica não nasceu brasileira. Ela nos chegou através de influência externa, representada ou por psicanalistas brasileiros que foram fazer formação no exterior, ou por estrangeiros que para cá vieram, trazendo sua própria fundamentação.

Isso configuraria um perfil de importação, mas não obrigaria a que não pudéssemos ter nossos próprios conceitos, nossas próprias teorias, a partir de nosso jeito, do jeito do nosso povo, a partir do modo particular que temos de nos agruparmos.

Houveram algumas tentativas, no sentido de estudar nossos grupos, mas sem o resultado necessário, que chegasse a compor um ideário teórico particular à nossa maneira de funcionar nos grupos.

Os primeiros profissionais que utilizaram essa técnica, na década de 50, se dispuseram a fazer observações dos grupos. Essas observações, do nosso ponto de vista, não cumpriram com seu objetivo, uma vez que os grupos já começaram com um caráter terapêutico. Além disso, aqueles que começaram como terapeutas desses grupos, possuíam formação para técnica de terapia individual. Então, o objetivo dessas observações que deveria dizer respeito, prioritariamente, a conhecer nossa realidade de grupalidade, perceber nossos fenômenos de relações interpessoais e com a ajuda dos conceitos recebidos de outros autores, criar, então, modelos pertinentes à nossa realidade, assim não aconteceu.

O psicanalista foi-se transformando em “sujeito” do conhecimento do objeto grupo, sem que as condições de objetivação do grupo como saber pretendido fossem desenvolvidas suficientemente.

Todo o tempo de nossa pesquisa tivemos a nítida sensação de que foi o analista quem criou condições de subjetivação para dominar mais uma fatia de

um mercado que se fazia evidente. O grupo foi se transformando em objeto de prática dos psicanalistas, sem que, no entanto fosse olhado suficientemente como um objeto particular, com características próprias. Um objeto que não era o objeto inicial da psicanálise, um objeto que trazia peculiaridades para o uso dessa teoria, além das particularidades nacionais e até regionais que, com certeza deveriam ser definidoras quando do uso de teorias importadas. Não que não tivéssemos alguns pesquisadores, mas tivemos poucos para o número de “fazedores” de grupo que aconteciam, pelo menos na época do “boom”.

Muitos dos analistas entrevistados dizem da ausência de um líder teórico brasileiro, o que nos teria levado a idealizarmos líderes nascidos em outros contextos culturais. Mas, formulando de outro modo, não tivemos capacidade de construir “gurus” nesta área que pudessem nos inspirar na pesquisa teórica, deixando, de uma maneira habitual colonialista, que modelos com pouca ou nenhuma brasilidade nos nortegassem.

Em nada desvalorizando as fontes teóricas de referência, elas não eram vistas como ferramentas a serem utilizadas para criação de nossas próprias teorias. Eram usadas como receitas prontas e, em muitos casos, foram utilizadas de maneira forçada e mecânica, no manejo dos grupos.

Na verdade não era a fundamentação de grupo o que mais imprimia marcas em nosso trabalho. O kleinianismo, foi o que mais influenciou em nossa tentativa de teorizar sobre os grupos. Todo o tempo se tentava fazer dos grupos uma unidade, formada de partes, interpretando o grupo como um todo: “o grupo disse, o grupo fez...a mãe do grupo morreu”...etc.

Esse movimento, nada mais era do que uma tentativa de dar conta da imposição da teoria kleiniana ao modelo grupo...Era a tentativa de ver o grupo como um indivíduo com seu mundo de objetos internos. Era uma tentativa de

encaixar a psicanálise, a qualquer preço nos grupos...ou uma tentativa de fazer com que esse saber "onipotente" desse conta de coisas além daquilo a que se propunha.

Os pacientes eram ignorados e sua singularidade desconsiderada. Aquilo que os distinguia dos demais, era desprezado. Assim, as interpretações individuais eram consideradas verdadeiras heresias à técnica estabelecida...que nada mais era do que a técnica individual utilizada com várias pessoas ao mesmo tempo, ou seja, consideradas um todo só. Só o tempo e a experiência, ou até mesmo a desagregação de alguns membros, ou de alguns grupos, nos mostraram ser impossível suportar tal despersonalização.

Apesar disso, há ainda hoje, psicanalistas de grupo que optam pela visão anterior. Assistimos a um curso, recentemente ministrado por um grupo de psicanalistas pertencentes à uma equipe do serviço público. A concepção geral passada no curso, era de que trabalhavam como se o grupo fosse uma unidade, formada de partes, onde as interpretações eram feitas em bloco, se utilizando dos conceitos psicanalíticos do mesmo modo como utilizariam para um só indivíduo, sem até mesmo considerar o contexto institucional em que estavam inseridos.

Mesmo tentando fazer justiça aos profissionais que de alguma forma se dedicaram a conhecer o objeto sobre o qual se debruçavam, constatamos a precariedade de publicações feitas, para o tamanho do tema. Além disso, pudemos perceber que os trabalhos diziam respeito mais às conseqüências dos grupos já formados e submetidos à condição terapêutica, do que às condições de formação de um grupo, a maneira de se relacionar de um determinado grupo, sob determinadas condições, mecanismos utilizados nos grupamentos cariocas, no

nosso caso, na zona sul, na zona oeste, etc. Enfim carecemos de pesquisas antropológicas que nos fundamentassem quanto ao nosso objeto.

É possível se retrucar, que cada grupo é muito particular e que vai se dando a conhecer em seu próprio movimento, que este trabalho de pesquisa vai se fazendo aos poucos com cada grupo, etc. Só que estávamos todo o tempo comprometidos com a psicanálise pois, quase todos éramos psicanalistas, ou psicólogos com aspiração a sê-lo. Estávamos comprometidos com autores estrangeiros, e ávidos a formar logo nosso status de psicanalistas, através da terapia de grupo.

### **Influências recebidas**

⇒ *ossos mestres argentinos...*

Na década de 50, o movimento das grupoterapias ganhava adeptos dia a dia. Realizou-se na Argentina um Congresso Latino Americano, que desencadeou imenso interesse e consolidou as sociedades criadas. O "boom" já começava a acontecer a nível de América Latina. Foi lançado o livro *Psicoterapia de Grupo* de Langer, Rodrigué e Grinberg, autores de orientação kleiniana, que passou a ser o livro básico utilizado no Rio de Janeiro.

Além da bibliografia, nossos colegas argentinos começaram a chegar ao Rio. Pensar a influência que recebemos dos argentinos, é pensar em que circunstâncias chegaram, de que forma se colocaram, que identificação possuíamos com os instrumentos que traziam e que uso soubemos fazer disso.

Gregório Baremlitt nos traz o pensamento de Célio Garcia sobre a influência dos argentinos no Brasil:

*"Célio Garcia indica que o grupo de psicanalistas argentinos, chegado ao Brasil devido a um certo "desterro" de seu país de origem, poderia ter trazido algo valioso para uma crítica da*

*psicanálise local. Teriam tido condições favoráveis para isto devido à própria desinstitucionalização que seu trabalho lhes propiciava, e ademais por não estarem, em princípio imersos ou implicados na situação brasileira que não seria "idêntica" à deles.*

*Célio afirma que isto não ocorreu assim. Pelo contrário, o citado "grupo de psicanalistas argentinos" longe de favorecer um "ato psicanalítico" que "dissesse a verdade sobre a psicanálise brasileira", não o tem querido realizar, e teve de se organizar, formar um grupo único, unido, definir seu lugar e gerar assim um "ato político".*

*Isto teria acontecido basicamente, por dois motivos.*

*Em primeiro lugar porque esse grupo já teria vindo "marcado" pelo desconhecimento e pela interpretação errônea que os psicanalistas na Argentina têm de certos conceitos cruciais da teoria psicanalítica.*

*Em segundo lugar porque foram tomados pelo "pânico" próprio da ameaça de sua identidade original. "<sup>1</sup>*

Fazendo uso das cores pintadas por Célio Garcia, temos um grupo de argentinos, aquele que é chamado de segunda geração, e que mais marcou a grupoterapia, como um grupo tomado por questões relacionadas à sua identidade original, pela situação que ele chamou de "desterro".

Cecília Coimbra faz uma distinção entre os grupos argentinos que para cá vieram, separando-os em duas gerações, onde a primeira defenderia a "verdadeira" psicanálise e a formação analítica nos moldes da IPA; e a segunda, que chega a partir de 76, em sua maioria exilada, é que irá tentar romper com essas instituições, mostrando uma expressiva vinculação político-social em sua prática.

Chaim Samuel Katz comenta que apesar da grande contribuição de alguns argentinos em nosso país, a primeira geração possuía um nível teórico ruim, e demonstrava uma arrogância que atravessou nossas relações, por muito tempo. A frase: "Brasileiro é uma merda, porque não tem a menor produção...", foi uma das frases que usou para exemplificar esta postura. Além disso, os argentinos

---

<sup>1</sup> Gregorio Baremlitt. *Ato Político, Ato Psicanalítico*. SEGRAC, 1987, pag 39.

teriam atribuído a si o início da análise institucional no Brasil, quando ele, em 72, com Lapassade, Célio Garcia e Marco Aurélio, já teria feito estudos a respeito, além de publicado artigos sobre o trabalho com grupos numa revista da Vozes.

*... "nós nos juntamos a eles, eram pessoas muito inteligentes, capazes, etc. ... eu os ouvi falar assim : os brasileiros são macacos... com la excepcion de lo señor , doctor..." (\* 6)*

Em nossa entrevista feita com Carmem Lent, ela questiona nossa possibilidade de recepção da influência argentina. Observa que as características da sociedade portenha são profundamente diferentes da sociedade carioca.

Depois de definir extensamente a comunidade portenha, Carmem Lent defende o ponto de vista de que o carioca não possuiria um determinado traço, que seria característico do portenho, e que é marcado por um espírito de se agrupar, fazer tarefas diárias em grupo, etc. Carmem diz que o carioca gosta deste traço, mas não o possui. Que seria uma falta para o carioca... Carmem tenta definir melhor, sem utilizar a palavra falta, busca uma definição do modo do carioca se agrupar:

*"Estou tentando, para não usar a palavra falta, defini-lo pelo lado positivo. Há uma escolha de se realizar, sem uma vinculação simultânea com vários outros. A quantidade de gente que, no Rio de Janeiro faz cotidianamente, por hábito, por escolha... as pessoas realizam coisas sozinhas, sem um vínculo simultâneo com outras, todas as tarefas cotidianas."*

A seguir, tentando definir a grupalidade do carioca:

*"...mas é uma definição diferente, porque ela não tem uma forma sistematizada, cada momento muda, é um caleidoscópio, porque se você tem, vamos dizer, 20 amigos possíveis, você não sabe qual dos 20 está no Baixo Gávea esta noite, você não sabe quem está na praia neste domingo... Você só sabe que haverá uns 5 lá, mas você não sabe quais..."*



Num outro momento...

*"...para o carioca, o grupo é uma coisa muito postiça, não entra na sua cultura como uma coisa normal, nem natural. Ninguém, nem nenhum argentino se deu ao trabalho de fazer um estudo, uma pesquisa de antropologia comparada, de quais são as características da cultura carioca."*

Concordamos com seu comentário sobre a falta, deles e nossa, de perceber a importância de uma pesquisa comparada, acrescentando que, de uma maneira autoritária, a teoria argentina sobre grupos foi aqui colocada, sem que nossos colegas portenhos tenham se preocupado, com a adequação dessa prótese. Talvez a necessidade de se reidentificarem como intelectuais respeitados num novo país tenha possibilitado-lhes maior dedicação. Mas queimou etapas importantes iniciais no sentido de uma pesquisa antropológica adequada. Essa necessidade de se reidentificar, talvez tenha até determinado a arrogância com que se referiam ao brasileiro relatada por Chaim Samuel Katz. A visão relatada de tentar definir nossa grupalidade a partir de uma coisa que lhe falta e o uso de alguma "coisa postiça", também nos diz de uma dificuldade de poder perceber a maneira de se grupar do carioca como algo simplesmente, particular. A grupalidade portenha não é melhor ou pior do que a grupalidade carioca. Não falta ao carioca alguma coisa que o portenho possui...

Chaim também discorda, afirmando que:

*..."brasileiro é grupalista...nesse sentido, basta ver o futebol..."(\*6)*

Além de citar o futebol, Chaim dá exemplos da época da repressão, em que um espírito grupal teria impedido que pessoas, apesar de muito torturadas, entregassem seus companheiros. Acrescenta ainda:

*"... quando os argentinos chegaram, nós já tínhamos uma base bem sólida, já trabalhávamos. Eles vieram com uma experiência*

*que nós não tínhamos aqui, vieram com uma experiência muito mais rica, codificada lá, através do grupo de Pichón Rivière...eles tinham uma força teórica que nós não tínhamos, mas chegados aqui, foram atraídos por outras coisas...ai, vejo o Saidon fazer um livro- Análise Institucional no Brasil, onde ele coloca a análise institucional começando com ele, 'ele chegou, ele fundou', enquanto muitos anos antes, em 72, nós já tínhamos o Lapassade aqui e fazíamos muitas trocas com ele..."(\*6)*

O lugar em que nossos colegas argentinos se colocaram foi extremamente atravessado por questões que não puderam ser consideradas por eles, nem por nós. Na verdade o descuido com a caracterização do objeto grupo se deu por questões dos sujeitos envolvidos, muito mais preocupados em se tornarem proprietários de mais uma técnica, de mais um pedaço do mercado, por mais uma possibilidade de utilizar a psicanálise, saber que explodia no campo carioca.

⇒ *O que veio de Berlim...*

A Clínica (ou Policlínica) de Berlim, foi montada por Ernest Simmel e Max Eitingon, em 1920. Seus fundadores atribuíam a Freud o mérito da idéia básica, já que se inspiraram no seu discurso, no Congresso de Budapest, de 1918. Freud referiu-se ao fato de haver um pequeno número de analistas no mundo e um número grande de sofrimentos neuróticos, em boa parte concentrado entre os pobres e que não tinham acesso aos psicanalistas.

*"...Algum dia a consciência da sociedade vai despertar e lembrar que os pobres tem tanto direito à assistência mental, quanto já tem em relação à assistência cirúrgica salvadora, e que as neuroses ameaçam a saúde do povo, tanto quanto a tuberculose. Reconhecendo isso, existirão instituições públicas com médicos de formação psicanalítica para socorrer homens que, do contrário, sucumbiriam ao alcoolismo, mulheres que correm o risco de sofrer um colapso sob o peso da miséria, e crianças cuja única opção parece ser a delinquência ou a neurose. Esses tratamentos serão gratuitos'. Freud julgava que levaria um bom tempo antes que os governos reconhecessem a premência dessas obrigações. É provável que seja a filantropia pessoal que*

*dê início a tais instituições, mas algum dia há de se chegar a isso.”<sup>2</sup>*

Transcrevemos a fala de Freud, que é relatada por Peter Gay, utilizada como sinalizadora da origem da Clínica de Berlim, para que possamos comentar sobre a influência que sofremos desta experiência, já que ela nos chega através de dois pontos extremamente importantes da colocação da grupoterapia em nosso meio: o estudo de grupos instituído na Sociedade de Psicanálise do Rio de Janeiro, iniciada por Kemper e a criação na década seguinte, da Clínica Social de Psicanálise, feita, principalmente por Katrin Kemper. Todos os trabalhos lidos, entrevistas e teses, nos informam da vontade de reproduzirem o trabalho da Policlínica de Berlim, no Brasil.

Segundo Freud, o Instituto Psicanalítico de Berlim (primeiro nome da Policlínica), possuía três funções dentro do movimento psicanalítico:

*“Em primeiro lugar, ele se esforça por tornar nossa terapia acessível à grande multidão que padece com suas neuroses não menos que os abastados, mas não está em condições de enfrentar o custo de seu tratamento. Em segundo, procura fornecer um centro em que a análise possa ser teoricamente ensinada e no qual a experiência de psicanalistas mais antigos possa ser transmitida a alunos ansiosos por aprender. Por fim, visa aperfeiçoar nosso conhecimento de doenças mentais e nossa técnica terapêutica, por sua aplicação e verificação sob novas condições...”<sup>3</sup>*

Freud considerou a fundação da Clínica em 1920, um passo de grande importância prática e, em vários momentos em sua extensa obra, fez referências à relevância da Policlínica de Berlim.

---

<sup>2</sup> Freud, *Uma vida para nosso tempo*, Ed. Companhia da Letras, 1989, S.P. pag. 421

<sup>3</sup> Freud, *Prefácio A Ten years of the Berlin Psycho-Analytic Institute*, 1930, Obras Completas, vol XXI, pag 293

O importante é que daí vem Werner Kemper para o Brasil e, alguns anos depois, começa a estudar grupos com os analistas de formação individual, dentro de sociedade ligada à IPA.

Daí vem também Katrin que na década seguinte, tenta reproduzir o que foi feito na Clínica de Berlim, criando a Clínica Social de Psicanálise.

Essa preocupação social, enunciada inicialmente por Freud, aparece sempre como um detalhe a mais na questão das nossas terapias de grupo. A honestidade da intenção social é sempre mesclada com outros fatores. Paralela a ela existe sempre, por exemplo, uma necessidade de aumento do campo de trabalho para novos profissionais. A intenção social é sempre justificativa, por exemplo, para se fazer grupos em instituições públicas.

Como por ironia, Werner Kemper, vindo da Clínica de Berlim, introduz numa sociedade de psicanálise individual, tradicional, que só tinha acesso à elite econômica, os primeiros estudos sobre grupo, que resultaram numa capturação da formação posterior por tais sociedades.

Werner Kemper estudava com psicanalistas da formação individual interessados em grupos. Enquanto isso, segundo Leão Cabernite:

*"...resolvemos fundar na Sociedade Psicanalítica, o Departamento de Assistência Psicológica, a que eu dei o nome de DAP. Era feita para atender a pessoas que não tinham dinheiro para pagar uma análise, pagavam uma coisa simbólica, um valor representativo qualquer, um dinheirinho para não dizer que era de graça...se inscreveram 150, 160 pessoas, o que tornou a análise individual inviável, porque éramos poucos...a gente teve a idéia de fazer grupo..." (\*15)*

Uma intenção de proporcionar atendimento individual a preços reduzidos, cria a "oportunidade" de se fazerem os primeiros grupos na Sociedade.

Esse início da grupoterapia por esse campo, denuncia um sério equívoco quanto ao processo de formação de um objeto de estudo, bem como quanto à formação dos sujeitos do saber: psicanalistas de formação individualizada que, por uma “oportunidade” juntam pessoas e começam a tratá-las.

Já Kattrin parece ter sido mais feliz, pois a experiência da Clínica Social de Psicanálise, possibilitou, além de um atendimento psicanalítico a uma camada social mais ampla da população, uma postura política bem definida da Clínica contrariando a posição elitista que a psicanálise vinha representando.

É necessário lembrar que em 1972, quando da abertura da clínica, estávamos em plena era do milagre brasileiro e havia, também nos psicanalistas, um espírito de “doação dos possuidores aos despossuídos” como observa Cecília Coimbra, pelo fato de que os analistas da Clínica eram, em geral, alguns dos mais procurados do Rio de Janeiro e que possuíam uma vasta clientela em seus consultórios particulares.

Ainda assim, nos mostra César Ibrahim, o grande marco da clínica, é uma postura diferenciada das outras clínicas sociais existentes, que, por estarem ligadas às sociedades de formação, comprometiam a possibilidade do trabalho grupal. Fato que não se deu com a Clínica Social de Psicanálise, pois, apesar de possuir compromisso com o constante aprendizado e troca de experiências, não tinha em seus objetivos a formação de psicanalistas.

A Clínica Social trouxe, para a história do movimento psicanalítico carioca, uma das formas mais importantes de materialização da opção de estender a psicanálise às grandes massas, proferida no discurso de Freud em Budapest.

A idéia do “ouro” da psicanálise servia como justificativa para, todo o tempo se tentar abafar a experiência da Clínica, através das pressões exercidas pelas sociedades ligadas à IPA. A experiência da clínica foi fundamental para

marcar a diferença desse espírito "formador de profissionais" que sempre existiu em nossas clínicas ligadas às instituições. Nas sociedades formadoras, as clínicas eram basicamente objeto do interesse do corpo societário e, na maior parte dos casos, os grupos clínicos não passavam de mera formalidade estatutária.

A Clínica Social tentou, sempre, algo na direção dessa independência, mas sofreu várias pressões pelo fato de não estar atrelada às sociedades "oficiais". Essas pressões, além da própria fragilidade de uma postura assistencialista, fez com que a Clínica tivesse sempre uma cautela para não cair numa "psicanálise menor", pejorativamente colocada pelos seus opositores. Mas, desconhecendo alternativa melhor, a Clínica se colocou em campo, procurando dar conta da demanda, com os recursos que dispunha. É inegável sua contribuição, mas seus participantes se depararam sempre com uma limitação em relação à extensão do papel da psicanálise, de como ser capaz de atender às problemáticas sociais.

A Clínica, porém, deixou uma lacuna quanto a um projeto de investigação sistematizada:

*"...O que a Clínica não se colocou foi um desenvolvimento científico. Houve várias tentativas desse tipo, mas elas tinham um cunho político, político no sentido de uma política de esquerda, de contestação ao estabelecido, mais do que uma política de avanço científico, em áreas em que as Sociedades foram e são mudas... A gente não tem uma tradição de estudo... não temos aqui um centro de pensamento psicanalítico... Você tem umas pessoas que estudam... Jurandir, Portella, Joel Birman, Chaim, e os outros correm daqui para lá..."<sup>4</sup>*

---

<sup>4</sup> Carlos Alberto Silva. Dissertação de tese de Cesar Mussi Ibrahim, As Clínicas Sociais Psicanalíticas do Rio de Janeiro: Um estudo sobre a expansão Social da Psicanálise. PUC/RJ, 1992, pg. 65)

Outras influências se fizeram sentir, mas que não exerceram tanto poder sobre nós. Foram as escolas inglesa e argentina que fizeram com que, no Rio, a psicanálise, cada vez mais, tomasse as idéias de Melanie Klein sistematizadas para os grupos segundo Bion, utilizadas por nossos profissionais. Sua Teoria de Supostos Básicos e do Grupo de Trabalho serviu para nos dar a sensação de que estávamos oferecendo tratamento científico aos grupos. Bion, nos atendia enquanto um pensador que tentando se prender às questões da psicanálise, formulou uma teoria sobre grupos. Nossos pensadores da grupoterapia, não chegaram a formular teorias que atendessem aos nossos grupos e à manutenção do mercado da psicanálise. Bion e seus postulados passam a ser nosso álbi teórico.

### **Os campos iniciais da psicoterapia de grupo no Rio...**

Tivemos dois campos iniciais de experiência com grupos.

O primeiro campo de experiência se deu dentro de instituição psiquiátrica, proporcionando aos que iniciaram esse trabalho, um aprendizado grande junto aos grupos com pacientes hospitalizados, favorecendo aos pioneiros da psicoterapia de grupo uma possibilidade grande de observação e coordenação, já que a clientela dos grupos era de pacientes internados, ou que para lá se dirigiam para tratamento.

Ou seja, esse primeiro aprendizado se deu dentro de uma moldura hospitalar, com o respaldo transferencial institucional e possuindo uma homogeneidade na patologia severa e/ou crônica, além de uma certa facilidade de reunirem, já que a maior parte era de pacientes internados.

Os iniciadores desse trabalho no Serviço Nacional de Doenças Mentais e no Instituto de Psiquiatria, receberam a influência argentina, através de brasileiros que lá foram fazer formação.

Os objetivos do movimento grupalista, nesse momento, eram objetivos de alcance social: levar a psicanálise às pessoas menos favorecidas. Havia uma idéia corrente, de que esse tipo de “aplicação” da psicanálise seria o indicado para países em desenvolvimento como o nosso e a Argentina.

Havia, inicialmente, por parte dos psicanalistas que iniciaram o trabalho no hospital psiquiátrico, um desejo relacionado às possibilidades sociais da psicoterapia de grupo.

Dr. Walderedo, um dos dois iniciadores dos grupos em hospital, sendo o outro o Dr. Alcyon Baer Bahia, se refere à possibilidade de amplos setores da comunidade receberem auxílio psicológico dos especialistas da psicoterapia de grupo. Se refere ao grande número de enfermos que “vegetam como marginais da medicina”...e que poderiam se beneficiar com este atendimento. Tenta chamar a atenção para a importância do momento inicial da psicoterapia de grupo como um momento pioneiro e de grande alcance. Sua fala e o entusiasmo empreendido à ela, em muito se assemelham aos de Freud no Congresso de Budapest.

Dentro desse espírito, são definidos os objetivos iniciais da primeira sociedade de grupo, Sociedade Brasileira de Psicoterapia de Grupo, que se estendem a uma investigação dos grupos humanos, em seu relacionamento em geral, além dos objetivos terapêuticos. Para tal se utilizariam os recursos da Antropologia bem como de outras ciências humanas e profissionais de outras áreas se engajaram ao grupo.

Esses objetivos foram sendo abandonados e os profissionais se prenderam à clínica bem como à publicação de trabalhos ligados à ela. À



exceção de alguns trabalhos ligados à interpretação psicanalítica-grupal de obras literárias ou teatrais, nada mais foi feito que não fosse em relação à prática clínica.

Além disso, cada vez mais a heterogeneidade de profissionais que, inicialmente, haviam se ligado à sociedade, foi se modificando, e passaram a freqüentar as reuniões mais psicanalistas e menos profissionais de outras áreas.

Uma vez que, a maior parte dos fundadores da sociedade era da área de psicanálise, os participantes de outras áreas foram se desinteressando e o perfil foi ficando cada dia mais "psicanalítico" e menos "interdisciplinar"...

Outro aspecto relevante para isso, é o fato de que a psiquiatria, nesta época, era extremamente organicista e essa linha psicodinâmica surgida dentro de um instituto de psiquiatria, favoreceu uma cisão.

Por outro lado, a psicanálise que estava recentemente se inaugurando no Rio, com muita força, quando da formação da primeira sociedade de grupo, já se encontrava crescendo em importância. Se configura como método terapêutico idealizado, e por sua vez, a psiquiatria organicista, que já se mostrava insatisfatória, vai sendo acusada de método cruel, ou anti-humano. Talvez esta cisão, tenha favorecido o aumento de profissionais psicanalistas interessados no trabalho da Sociedade de Psicoterapia de Grupo.

A euforia crescia junto aos trabalhos com grupos, que proporcionavam muitas discussões sobre o assunto, na medida em que havia a experiência do observador de grupo, que podia vivenciar a experiência e depois aprender sobre ela. Essa euforia alimentava uma cisão invejosa com a psiquiatria clássica.

O segundo campo inicial de experiência em grupoterapia no Rio, foi com a formação de grupos através da própria sociedade psicanalítica. Kemper que dirigia a Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro e introduziu, já nas primeiras

turmas de formação psicanalítica a formação para terapeutas de grupo, traz sua experiência da Policlínica de Berlim, onde viveu intensamente sua experiência clínica em companhia de sua mulher Katrin Kemper.

Identificamos um grande "equivoco" na expansão deste campo, através de uma das entrevistas que fizemos a um dos iniciadores dos grupos na Sociedade Psicanalítica de Rio de Janeiro. Uma divulgação feita para chamar clientes para um tratamento a preço mais reduzido, fez com que a sociedade recebesse um grande número de clientes para tratamento individual. Essa "oportunidade" fez com que os terapeutas dividissem a clientela em grupos. Uma vez que havia membros associados da sociedade que estavam estudando grupos com Kemper, coube a eles o trabalho com os grupos formados. Essa "oportunidade", fez com que assim se inaugurassem os grupos iniciais.

Observamos que além dos objetivos aparentes em relação às formações dos grupos terapêuticos, existiam outros objetivos menos claros.

Segundo informações colhidas, foram os residentes do Hospital Psiquiátrico e os membros associados das Sociedades Psicanalíticas, os mais interessados no movimento da psicoterapia de grupo no Rio.

Sabe-se da chegada de quatro brasileiros da Argentina, sendo que 2 deles trouxeram a influência do trabalho com grupos. A partir daí, os não-analistas-ainda, segundo o que pudemos observar, impulsionaram o movimento com muita garra, pois, dentro do trabalho com grupos, se fazia a possibilidade de serem eles os analistas e assim, não teriam que esperar pelos trâmites da formação para serem "autorizados" para as funções de psicanalista. Isso fica muito claro, na medida em que, depois de iniciado o trabalho com grupos, a titulação mais corrente que passou a ser usada, não era a de psicanalistas de grupo, ou grupoterapeutas, ou similar. Era a titulação de psicanalista.

Em várias de nossas entrevistas, pudemos perceber que o fato de instituir-se psicanalista era algo considerado muito importante, mas que demandava muito sacrifício, pelas razões que conhecemos bastante: a psicanálise se instituindo como um saber poderoso, se fechava em sociedades extremamente autoritárias, ligadas à normas da instituição internacional, exigindo um percurso extremamente penoso em termos de tempo e dinheiro. Além disso, o futuro psicanalista era submetido a uma burocracia do saber, onde só certos "sábios" eram falados, certos livros lidos, etc.

Aparece, com muita clareza, o prazer dos candidatos à formação em subverter esta burocracia, se utilizando do caminho da grupoterapia. Através dele, muito mais rapidamente poderiam se intitular psicanalistas e serem reconhecidos fora do lugar do cliente.

Além disso, os estudantes formados pela medicina e candidatos a psicanalistas, logo tiveram concorrentes. O aparecimento da categoria profissional do psicólogo, numa época em que se patologizavam as relações familiares, favoreceu o aumento dessa demanda, seja como estagiários nos hospitais psiquiátricos, seja como clientes dos psicanalistas nos consultórios.

### **O perfil dos terapeutas de grupo...**

Devemos, então, agora, avaliar um pouco do processo de subjetivação dos grupoterapeutas.

Os grupoterapeutas que começaram o trabalho no Instituto de Psiquiatria, inicialmente, depois de receber a influência argentina, trazida por Walderedo, formaram os grupos que deveriam ser objetos de observação e aprendizado. Na realidade estes grupos possuíam, desde o início o caráter terapêutico e o propósito de formação.

Esse grupo de profissionais, era formado de pessoas com preocupações sociais e com o interesse voltado para a “aplicação” dos conceitos psicanalíticos aos grupos. Eram , principalmente os residentes de Medicina do IPUB.

Os estudantes de grupo ligados à Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro, eram membros associados, aspirantes ao lugar de analistas individuais.

Foram os candidatos à psicanalistas que, em sua grande maioria, foram se engajando como observadores dos grupos....

Depois, ou paralelo a isso, surge um outro traço no perfil dos terapeutas de grupo, e que ganhou grande dimensão. Eram os “renunciantes de suas aspirações “de fazer parte das associações tradicionalistas, que se analisavam com os analistas “oficiais”, faziam supervisões de seus casos com esses mesmos analistas, formavam grupos de estudo e, aos poucos foram se engajando nas sociedades de grupo como uma alternativa de sua “renúncia” a participar das sociedades “oficiais.”

Em todos esses momentos, pertencíamos quase todos à pequena-burguesia, a uma microcultura “psi” da Zona Sul do Rio de Janeiro e procurar sociedades “alternativas” era um misto de reação e de revolta pela impossibilidade do sonho original.

Gregório Baremlitt faz algumas referências a esse grupo de pessoas...

*“Oscilavam entre a revolta e o ressentimento por seus mentores psicanalíticos...e o desejo de chegar a integrar-se nos hortos vedados da psicanálise local ou de formar os seus próprios. Não vou me estender sobre as complexas determinações que operaram esses efeitos. Desde os quase 20 anos de ditadura militar até as influências doutrinárias dos divãs, passando pelo processo de decadência geral e cultural da cidade do Rio de Janeiro etc, etc, tudo é, e tem explicação.”<sup>5</sup>*

---

<sup>5</sup> Gregório Baremlitt, *Ato Psicanalítico e Ato Político*, 1989, SEGRAC, pag. 49

Outra característica importante de nossos terapeutas de grupo é que eram profissionais com formação para psicanálise individual. Eram estudantes ou profissionais que não tinham conseguido ainda, fazer uma formação individual, ou eram os próprios psicanalistas individuais que se arvoravam no trabalho com grupos. Isto trouxe uma deformação séria quanto ao modo de ver e de aprofundar teoricamente a grupoterapia.

Tivemos informações de nossos entrevistados de que, em outros países, as sociedades de formação em grupo são específicas e sem vinculações com as de formação para técnicas individuais.

Para Ângela Podekameni, existe um equívoco no Brasil, quando os analistas individuais se autorizam a fazer grupos. Segundo ela não é implícito que um analista individual seja um bom analista de grupo e vice-versa.

*"...A minha formação tinha sido nos EUA, onde grupo estava no grande 'boom' e continua até hoje, porque, além de toda a literatura, uma série de trabalhos sérios eram feitos em termos de grupos e com uma formação específica...O grupo é uma modalidade entre outras, em termos de demanda de pacientes. Uns vão para grupos e outros não são candidatos para grupo. Aqui não tinha esse tipo de coisa. É uma disposição à grupalidade, fora a disposição, é a própria prática e o caminho que você faz dentro disso que te torna grupalista...eu chamo grupalista em oposição à individualista..."*  
(\*2)

Carmem Lent também faz comentários sobre a questão da formação dos terapeutas de grupo no Rio. Depois de criticar a formação dada pelas SPAGs, acrescenta:

*"...O IBRAPSÍ dá uma "lambida" na coisa grupal e explica o que é grupo operativo, mas passa por cima...eles deveriam ter dado 5 anos, como era a escola de Pichon Rivièrè...era grupo, grupo, até que as pessoas soubessem o que era grupo." (\*4)*

Já Heliana Conde se refere à formação grupalista mais em relação ao modo de conceber as coisas, do que à técnica utilizada.

*"...Os terapeutas com formação no IBRAPSI pouco conseguiram fazer grupos, embora fossem grupalistas na sua formação e no seu funcionamento... O fato da terapêutica ser individual, não quer dizer que a perspectiva grupal não estivesse presente... Os chamados grupalistas, mesmo quando não fazem grupos a nível de intervenção, eles continuam tendo uma leitura diferente. Acho que essa vertente foi marcada por um certo grupo de argentinos no IBRAPSI..." (\*9)*

Nossos terapeutas de grupo tinham uma formação dúbia e, na verdade, não se questionavam quanto à uma disposição à grupalidade. O objetivo principal, era o acesso à técnica, pelas mais diversas razões.

Paraíso cobiçado, a psicanálise permitida a poucos, deixava os aspirantes terapeutas invejosos e desejantes do lugar de seus analistas e supervisores. Os analistas, por sua vez, acreditavam que a formação individual lhes conferia o lugar de grupoterapeutas.

Representantes da classe média carioca, precisávamos "consumir" psicanálise, de qualquer maneira.

### **A psicoterapia de grupo vira bem de consumo...**

O auge da psicoterapia de grupo de fundamentação psicanalítica, vai se dar dentro de uma gramática política que se revela contraditória.

A disparidade dos movimentos da sociedade no período da ditadura militar, vivendo tanto os movimentos contraculturais aflorados na época, quanto a violência exercida pela repressão na década de 70, são mostrados extensamente na tese de Cecília Coimbra e dissertação de Lúcia Osório. É a última quem observa:

*“...apesar dos assassinatos e de toda a sorte de violência, assistia-se a uma proliferação de uma cultura de esquerda da qual as classes populares estavam apartadas.”<sup>6</sup>*

O movimento das psicoterapias de grupo de fundamentação psicanalítica cresce com a mesma marca da ambigüidade da época. Por um lado, este movimento faz parte das “idéias culturais” que se oferecem para serem seguidas, tipo... “este é um país que vai para frente”, apontadas nas referidas dissertações. Por outro lado, aparece como um movimento de reação ao confinamento oferecido pelas sociedades ditas oficiais, no que diz respeito à formação de psicanalistas individuais, como uma possibilidade socializada de mais pessoas se submeterem ao processo psicanalítico, por um preço mais acessível. Começa como um movimento com aspirações sociais e com uma diversidade de profissionais de várias áreas do saber, mas logo é aprisionado por um pequeno grupo que se considera detentor do saber da psicanálise, e que faz um movimento grave de desvalorização do mesmo trabalho, se feito por outros grupos.

A psicoterapia de grupo de fundamentação psicanalítica, incluiu-se como mais um dos bens de consumo evidenciados nestes anos, que estimulavam um culto ao narcisismo. Era uma atitude considerada “progressista” fazer análise naquela época, e a análise possível de ser feita era a análise de grupo.

A busca por terapêuticas diversas, além da busca pela psicanálise, atendia a um modismo psi, que vinha, por outro lado, sendo justificado, por preocupações quanto às mudanças sociais acontecidas na sociedade nesse período. Os males acontecidos dentro de uma situação crítica social, eram transferidos para a área

---

<sup>6</sup> Lúcia M. Osório Moraes. Dissertação da tese O Institucionalismo Carioca: Uma Novela Familiar. - IMS, 1994, R.J.

do individual, o especialista era oferecido, e a classe média necessitava ascender à capacidade de fazer uso dos especialismos criados.

É também, em função disso, o período do "boom" das faculdades de psicologia que, na trilha da reforma universitária, vai atendendo à uma classe média "em ascensão", crédula no propagado milagre brasileiro.

Procurando as faculdades de psicologia e as psicoterapias de grupo de fundamentação analítica, os psicólogos, integrantes da classe média em sua maioria, responde ao que Lúcia Osório chama de "demanda instituída do sistema", submetendo-se às políticas de mercado. Segundo a autora, uma onda de "modernização" dos costumes, tinha na concentração de renda e na política de industrialização de bens de consumo supérfluos, seus comparsas.

Acreditamos que uma boa fatia da clientela que procurou os grupos, o fazia por uma demanda que não era a de um tratamento efetivo. Era uma demanda criada por razões da moda, de consumismo, de pertinência a um grupo intelectualmente importante, de pertinência a um grupo que não "teria receios de discutir suas questões", além de outros.

Os terapeutas, por sua vez, faziam a outra face da moeda. Atendiam a esta demanda, sem uma real preocupação diagnóstica, sem uma real preocupação de compreender a demanda social que se fazia clara, ou seja, consumiam também um novo bem que lhe conferia mais status e poder econômico, do que material de pesquisa e aprofundamento teórico. O grupo de profissionais interessados em se aprofundar no movimento não foi suficiente para depurar essa demanda.

Júlio de Melo Filho chamou de "crescimento-idealização", a fase inicial da instalação da psicoterapia de grupo no Rio. Essa euforia era confirmava pelos efervescentes congressos nacionais ou latino-americanos, onde muitos trabalhos



eram discutidos. Júlio nos informa que calcula-se que cerca de 800 trabalhos sobre grupo foram publicados ou apresentados em congressos nas décadas de 50 e 60, na América do Sul. Complementa, porém, ter verificado uma repetição de temas, tais como: "reações de um grupo frente a entrada de um novo cliente, reações do grupo à dupla parental terapeuta-observador, ansiedades persecutórias em um grupo de iniciação", etc. Isso vem confirmar nossa impressão de que a produção teórica existente, ficava a desejar quanto à construção de teorias, métodos e técnicas adequados.

Essa euforia alimentava uma falta de critérios quanto à indicação do paciente para o tratamento. Sabemos o número de pacientes mal encaminhados para a grupoterapia que, não só se desorientaram e saíram, como desestruturaram o próprio grupo. Ouvimos de entrevistados, o quanto os terapeutas "empurravam" os pacientes para os grupos.

Como já vimos em capítulo anterior, foi sendo criado um conjunto de motivações para justificar a busca ao tratamento, motivações essas plenamente aceitas pelos psicanalistas, que possibilitou a enxurrada de grupos, cada um com uma média de 10 clientes cada.

Segundo Lúcia Osório, quando o consumo se impõe atrapalha a produção de uma subjetividade cidadã, que poderia vir a criar novos espaços de liberdade. Entendemos sua definição de subjetividade cidadã como o papel transformador de sujeitos, grupos, instituições e tantas outras vozes que buscam novos tempos, através de sua maneira de ser, agir, que se processam através de enunciação coletiva.

No Rio, a classe média universitária se concentrava na zona sul da cidade. Nesta classe se encontravam boa parte dos psicanalistas de grupo, já que haviam também os que eram de classe alta. Assim, ficava clara a evidência de

serem pessoas “privilegiadas”, além de serem participantes de um bem de consumo “politicamente correto”. Sim, porque acreditamos que, sob a marca da intelectualidade e de uma postura aparentemente socializante, a psicoterapia de grupo cresceu sob o impulso de uma subjetividade criada para se ver incluída no milagre brasileiro.

Numa análise sobre a difusão da psicanálise no Rio de Janeiro, Ana Cristina remete ao trabalho de Martins, Geração AI-5, que em muito nos auxiliou. Martins mostra a natureza de uma contracultura que se estabelece como forma de sobrevivência do autoritarismo da década de 60, além de mostrar que essa contracultura seria mais um reflexo de um processo de alienação, do que propriamente uma forma de confronto político com o regime. Para Martins, as três principais manifestações contraculturais foram o culto à droga, a desarticulação do discurso e o modismo psicanalítico.

As causas do modismo não seriam intrínsecas ao campo psicanalítico, nem do ponto de vista da difusão, nem do ponto de vista da demanda. Elas seriam alienadas das próprias condições sociais que as engendram, e Martins refere que a não produção teórica dos psicanalistas brasileiros, acirra esse processo de alienação.

Para Martins, no Rio de Janeiro, o fenômeno da expansão da psicanálise assumiu características de uma apropriação equivocada por duas razões:

- ◇ a expansão assumiu em período recente, proporções excepcionais;
- ◇ a sintomatologia que leva alguém ao analista pode não constituir objeto de tratamento analítico.

Voltando à psicoterapia de grupo com fundamentação psicanalítica, seu modismo foi influenciado não só pelas questões mesmas da psicanálise, mas por

fatores particulares aos grupos, que auxiliaram no aumento da difusão e da demanda terapêutica.

O que me parece, é que os “psis” fechados em sua leitura psicanalítica, não puderam avaliar as duas principais questões que estavam em jogo, influenciando, em muito, uma real demanda de tratamento de grupo:

- ◊ um novo perfil sintomatológico se lhes apresentava,
- ◊ sua implicação na avaliação da sintomatologia.

Todo o discurso da sintomatologia, era de que se desejava “tratamento”, mas essa demanda de tratamento era transvestida da modernidade de “vontade de se conhecer”, “lidar melhor com os conteúdos internos”, “se relacionar melhor no trabalho” ou “resolver problemas afetivos”. Essa “modernização sintomatológica” carregava tanto uma resistência em relação ao tratamento psicanalítico, quanto uma praticidade .

Havia um jeito de se tratar e de não “aprofundar tanto”...e de não desembolsar uma fábula de dinheiro a cada hora. Havia a possibilidade de dividir a hora com outros. Não era mais necessário, mesmo para aqueles que poderiam pagar, ficar em fila de espera para se tratar com os poucos psicanalistas que aqui trabalhavam, pois os grupamentos favoreciam que o tempo de espera fosse abreviado. Havia um jeito de pertencer ao “politicamente correto” da época que dizia respeito ao acesso ao conhecimento do seu interior. Era possível se engajar no movimento de celebração da publicação da vida privada, de subversão dos valores e da revolução dos costumes.

Quanto à implicação dos terapeutas na avaliação da sintomatologia, estava em jogo o grande desejo de se tornarem psicanalistas, o desejo de aumento de clientela, além do desejo de atender à onda que aumentava cada dia, da psicanálise tomar conta do novo mercado que se fazia demandante. Essa

implicação era tão forte, que, até hoje, quando entrevistados, alguns psicanalistas ainda não se dão conta de que algo da ordem do “produzido” aconteceu.

Ana Cristina explora mais o assunto da difusão e da demanda da psicanálise e nos cabe acrescentar que, no caso dos grupos, a facilitação econômica potencializou esse processo.

A facilidade de se conhecer a psicanálise, seja como cliente, seja como terapeuta, foi exponenciada pelo preço que passou a custar.

### **Os grupos como instrumento de difusão da psicanálise ...**

*“...A psicanálise foi certamente a prática e a teoria que reavaliou, da maneira mais fundamental, a prioridade um tanto sagrada conferida ao sujeito, que se estabelecera no pensamento ocidental desde Decartes...”<sup>7</sup>*

Não faltam fontes que digam da importância da psicanálise na civilização ocidental, e não faltam também estudos sobre o poder que a psicanálise exerce por conta dessa importância.

Ana Cristina Figueiredo, com a proposta de evidenciar e discutir a difusão interna ao campo profissional da psicanálise, observa que:

*“...o discurso psicanalítico tem demonstrado um alto grau de flexibilidade e abrangência que lhe confere certo direito de articular-se a outros discursos e práticas sociais, ora se apropriando deles, ora sendo apropriado.”<sup>8</sup>*

<sup>7</sup> M. Foucault. *A Verdade e as Formas Jurídicas*, série Letras e Artes, 06/74, PUC/ RJ, 1979, pg 7.

<sup>8</sup> Ana Cristina Costa de Figueiredo, *Dissertação, tese Estratégias de Difusão do Movimento Psicanalítico no Rio de Janeiro, 1979-1983*, PUC/RJ, 1984.

É no exercício dessa flexibilidade que o dispositivo grupo passa a ser instrumento de difusão da psicanálise. A precária profissionalização dos analistas de grupo, testemunha isto. Era da difusão da psicanálise que se tratava.

A autora se pergunta:

*“Em que medida a psicanálise vem atender às necessidades sociais previamente existentes? Ou, em que medida é a sua própria difusão que organiza essa demanda e arregimenta boa parte de sua clientela leiga?”*

Ao que, traduzindo para os grupos, nos perguntamos: Houve uma necessidade da sociedade de discutir sua grupalidade? Ou a difusão da psicanálise produziu uma demanda que arregimentou para si um grupo maior de pessoas interessadas em tomar contato com a novidade?

E o psicanalista, onde estava?

Chaim Samuel Katz, já em 72, escreveu:

*“...A atividade psicanalítica se destaca, cresce e ganha relevo e prestígio social; o psicanalista se coloca no cume desta hierarquia que se estrutura, em parte, nesse novo modo de vivenciar as coisas...”<sup>9</sup>*

Estar no cume desta hierarquia, como disse Chaim, no Rio, (apesar de não ser uma particularidade simplesmente nossa) era ser pertencente à uma elite médica que possuía condições econômicas e intelectuais privilegiadas, para poder ter feito uma formação que, na época era reservada a poucos.

Os psicanalistas que iniciaram o trabalho com grupos, eram ligados às sociedades que se diziam únicas representantes “oficiais” do saber psicanalítico. Não podemos considerar aqui, o que representa a nível individual interno, para cada um, ser um psicanalista, mas sabemos o quanto a eleição desse modelo de

---

<sup>9</sup> Chaim Samuel Katz. *Psicanálise em Crise*, Conscientia 1, Editora Vozes, Petrópolis, 1972, pg 51

trabalho deve ser exponenciada pela vinculação que esta escolha tem com tais sociedades.

Reunidos esses pilares da onipotência: a ciência transformadora, o status médico, o status econômico, a pertinência à sociedade proprietária de uma verdade sobre determinado saber, temos delineado o que significava ser psicanalista nessa época.

Isso conferia a alguns, a autorização de transpor a teoria a outro objeto de estudo, mesmo sem os questionamentos prévios necessários para isso. Na verdade não se trocou de objeto de estudo, se incluiu novo objeto de trabalho. Houveram esses estudos mais ou menos intensos nesse começo, mas nada conclusivos quanto à essência da adequação metodológica.

Em nossa pesquisa, salvo restrições ao limite da mesma, só encontramos uma referência relacionada à preocupações quanto ao fato de se ter utilizado a psicanálise para fundamentar os grupos: Dr. Bahia, num primeiro trabalho, escrito em 1954, dizia:

*“...Mas...não podemos deixar de sorrir, ao olhar para trás, ante o excesso de cautela de que então nos cercamos, na suposição temerosa, hoje verificada ingênua, de poder desvirtuar, na aventura, as linhas mestras de investigação e tratamento criada por Freud...”<sup>10</sup>*

A crença era de tal sorte, que poucos foram, os pioneiros que fizeram algum questionamento sobre se seria adequado, ou suficiente, a aplicação dos referenciais da psicanálise ao dispositivo grupo. Tememos assegurar que isso não tenha sido feito, mas nos resguardamos no fato de que nos referimos ao nosso horizonte de pesquisa.

---

<sup>10</sup> Alcyon Bahia. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria. Esquema para uma Psicoterapia de Grupo*, 1954.

Isto, que nos parece uma utilização do dispositivo com fins de difundir a psicanálise, fazendo-a tomar conta de uma demanda que estava reprimida, é visto pelos protagonistas do movimento, como uma tentativa de transgressão ou subversão, à ortodoxia freudiana estabelecida.

Se por um lado havia, por parte dos psicanalistas, um aprisionamento às restrições limitantes que a IPA impunha, como fiel guardiã das idéias de Freud, por outro lado, havia um sentimento de que era possível considerarem-se pessoas capacitadas a transpor a teoria e técnica a outro objeto de estudo e trabalho, apesar dessas restrições, como uma transgressão de cunho progressista.

Mas, por sua vez, a IPA, inicialmente, até onde temos notícia, não se interpõe para impedir esse procedimento, mas vai deixando claro que isso não é psicanálise. A IPA, como instituição normativa, registra inúmeras vezes a desvalorização do uso deste dispositivo, como não sendo psicanálise. Já que não tinha como proibir explicitamente este movimento, imprime uma conotação de não-importância, ou de forma-menor-de-terapia.

Sabemos a campanha contra que foi feita pelos próprios psicanalistas condenando a grupoterapia publicamente ou aqueles que a taxavam como terapia menor. Aquela-que-substitui-a-que-não-se-consegue-ter, o prêmio de consolação, a brincadeira da classe média ipanemense, a moda dos intelectuais, todos esses adjetivos não serviram para, num primeiro momento sustar uma demanda que foi criada.

Acreditamos que realmente se insurgir contra os critérios estabelecidos como oficiais da técnica individualizada de Freud, seja um movimento de transgressão ousado na época. Apesar dessa abertura sempre ter sido sugerida

por Freud, seus seguidores se prenderam ao fato de que a prática aceita, deveria ser a prática exercida por ele.

Porém, esse movimento perde o sentido transgressor, na medida em que carrega consigo sentimentos onipotentes semelhantes, que fazem, posteriormente com que os critérios para formação de psicanalistas sejam repetidos, nas sociedades de grupo. As condições para formação de terapeutas de grupo eram igualmente rígidas e elitizantes e, além disso carregaram o perfil teórico da formação individual, apresentando uma dificuldade de, realmente, estudar grupos. A tentativa de repetir a teorização kleiniana no modelo grupal, foi um fato evidente trazido pelos nossos dados.

A diferença residia na questão econômica. Era muito mais barato fazer formação nas sociedades de grupo do que nas individuais.

A psicoterapia de grupo com fundamentação psicanalítica vai, assim, se instituindo de maneira ambivalente. Por um lado, cresce aceleradamente em número: ouvimos, nas entrevistas, como os terapeutas “empurravam” as pessoas para os grupos, era necessário que mais pessoas tivessem acesso à psicanálise. Por outro lado era sempre acompanhada de críticas e descréditos de um grupo de analistas que consideravam-na uma heresia.

Esse crescimento ambíguo não levou os terapeutas a um trabalho de pesquisa mais aprofundado. Os psicanalistas não conseguiam, ou pouco conseguiam, também, fazer articulações com outras ciências ou disciplinas que pudessem dar conta daquilo que a psicanálise não dava. Inúmeros fenômenos não explicáveis ou aplicáveis à psicanálise eram considerados *acting out*.

A Psicanálise era soberana.



## **As sociedades de grupo na década de 70...**

As principais sociedades de grupo, eram, não por acaso, compostas por psicanalistas das sociedades individuais tradicionais. Estas já haviam se arvorado de uma oficialidade do saber sobre tratamento individual, e depois, seus membros tomam para si, também, os tratamentos de grupo. As poucas sociedades que não possuíam essa ligação eram extremamente rejeitadas pelos "oficiais" da psicanálise, chegando a ser consideradas subversivas .

Repetindo a frase que Lúcia Osório destacou de Lourau:

*"... institucionalizar-se é tornar-se equivalente às instituições já existentes, é ser reconhecido, legitimado como forma social normal, é portanto, entrar no instituído." <sup>11</sup>*

Os programas das Sociedades de Grupo ligadas às sociedades "oficiais" eram tomados, em sua maior parte, por estudos de psicanálise. As disciplinas que diziam respeito a grupo eram muito poucas e nada criativas. Tivemos acesso a alguns trabalhos sobre o tema, mas pouquíssimos que pensassem especificamente a questão da grupalidade e, muito menos, sobre questões da grupalidade brasileira, ou carioca...

Eram, na verdade, a legitimação como forma social normal, de uma reprodução das instituições já existentes. E, como um dos entrevistados avaliou, eram sociedades que tinham em seu contingente um número grande de profissionais invejosos da situação de poder dos analistas que acederam à SPRJ e à SBPRJ. Junto a eles o grupo dos "verdadeiros" psicanalistas tinham, então, o poder de ministrar as aulas e de fazer parte dos postos mais importantes da direção. As sociedades de grupo funcionavam como prêmio de consolação, para

---

<sup>11</sup> Lúcia M. Osório Moraes. Dissertação da tese O Institucionalismo Carioca: Uma Novela Familiar. IMS, 1994, R.J.

aqueles que não podiam freqüentar as sociedades idealizadas, produzindo um clima quase sempre hostil, provocando grande turbulência nos grupos que se dispunham a dirigi-las. Foi necessário muito tempo para que essas sociedades fossem se dando conta de algumas dessas situações, mas o estudo de grupos foi ficando sempre para trás.

Deste clima resultou que poucos psicanalistas que passaram por estas formações se intitularam psicanalistas de grupo, e poucos de fato trabalharam com grupos.

As clínicas das sociedades de grupo funcionaram muito como a possibilidade dos candidatos receberem clientes, além de cumprir com uma exigência estatutária. Os próprios terapeutas resistiam ao atendimento grupal, e tivemos a experiência junto a alguns que, contrariando as próprias decisões do grupo de terapeutas, desviavam clientes para atendimento individual, quando deveriam ser encaminhados para outras instituições assistenciais de atendimento individual.

Havia sempre um movimento de se atender individualmente para poder se dizer psicanalista. Era muito forte, na subjetivação do lugar de analista, o atendimento dual.

As vivências internas dessas sociedades raramente aconteciam com o uso do dispositivo grupo. E, quando aconteciam, as reações contra o trabalho eram grandes.

As sociedades de formação de grupoterapeutas, funcionavam, para muitos estudantes, como o "limbo" daqueles que não encontravam recursos para fazer uma formação nas sociedades "poderosas", sociedades que carregavam o poder da psicanálise.

Uma discussão crônica, interna nestas sociedades, dizia respeito ao nome da instituição: se a sociedade poderia ser nomeada analítica, ou não; se poderia ser psicoterapia analítica de grupo, ou psicanálise de grupo; ou ainda sociedade de psicanálise e grupo etc.

Todo o tempo, a discussão se passa a nível do sintoma, e não da causa, a fundamentação da terapêutica grupal.

O sintoma, os nomes, seja das sociedades, seja da técnica utilizada...psicoterapia de grupo... psicoterapia grupal de base analítica...psicanálise grupal...etc. Mas, as discussões sobre — se a psicanálise dava conta do dispositivo grupo, ou não, se ela por si só, bastava para fundamentar a terapia grupal, ou não, eram discussões que raramente aconteciam, ou quando aconteciam, não formalizavam conclusões suficientes.

Hoje, dessas duas sociedades, uma delas mudou seu nome para Sociedade Psicanalítica Gradiva, para configurar melhor o ensino básico de psicanálise, com uma proposta mais clara de formação para análise individual num processo de formação permanente. A outra sociedade, a SPAG E Rio, ao contrário reestruturou seu currículo preparando um conteúdo que se dedicasse mais à pesquisa e à clínica grupoterápica.

Curiosamente, esta teria sido a sociedade oriunda do primeiro grupo que se formou em torno de psicoterapia de grupo e é a única que sobrevive. Seu contingente é de 38 membros, sendo 15 efetivos e 23 associado em formação.

As sociedades que não eram ligadas às sociedades internacionais e se propunham a estudar psicanálise ou que, de alguma forma incluíram o estudo de grupos, tentaram todo tempo fugir à conhecida hierarquização, além de buscar sempre quebrar o monopólio da psicanálise exercido pelas sociedades ditas oficiais.

Na verdade só temos notícias da Terra, Clínica-Escola e do IBRAPSI, como instituições com alguma expressão. O IBRAPSI, por exemplo, passou pelas acusações de subversão que nos referíamos há pouco. Durante todo o tempo, os profissionais ligados à este grupo, eram esquecidos, deixados de lado ou até mesmo mal falados. Poucos cariocas participaram e reconheceram a importância da influência do grupo de argentinos que participou do IBRAPSI.

Eduardo Mascarenhas nos relatou que sua expulsão da Sociedade de Psicanálise do Rio de Janeiro, foi muito influenciada por suas estreitas relações com Gregório Barembliitt.

Estes dois grupos se organizaram, em torno do eixo assistencial, que privilegiava o atendimento clínico e, por referência a ele, organizava sua própria formação.

A terceira sociedade de formação em psicanálise individual existente na época do "boom", o IMP, também tentou, em torno dos anos 70, criar uma formação para terapeutas de grupo. Criou um programa bastante coerente no propósito do estudo de grupos, mas a tentativa de desenvolvê-lo dentro da mesma sociedade que dava formação para técnica individual, parece ter sido a principal causa de seu insucesso. Nos documentos que tivemos acesso, os psicanalistas da direção estruturaram o organograma da instituição, deixando a grupoterapia com critérios subordinados à psicanálise individual, o que revolta os psicanalistas da Divisão de Grupoterapia.

Um protesto, em 81, feito por Jaime Monteiro Pereira, denuncia a arrogância daqueles que transformaram a psicanálise em arma de poder...

*"...Planos e programas, tudo por água abaixo. Tudo muito diferente do que aparece agora no novo Regimento do Instituto, que nos chega prontinho para que se cumpra à risca. Tudo se mistura e confunde, como se grupoterapia fosse coisa subalterna,*

*simples pingente da psicanálise, pouco digna, portanto, da menor distinção por parte da instituição. Como se fosse apenas tolerada no IMP; se por aí estão fazendo grupoterapia, é bom dizer que o IMP também faz essa coisa...*

*...Insisto nisso: já que Grupoterapia não é psicanálise, como não é nenhuma forma de psicoterapia individual, há que separá-las e deixar que cada uma siga seu próprio destino. E que o psicanalista se convença de que, por mais competente que ele seja em psicanálise, por mais versado, por mais competente que ele seja nessa especialidade, nada disso pode, por si só, conferir-lhe título para pontificar em Grupoterapia, matéria que a esta altura, já exige anos de estudo especializado...não é preciso bola de cristal, para afirmar que seu desenvolvimento será precário e de baixa qualidade, digno de pena por mais uma oportunidade de desenvolvimento que se perde pelo fechamento a que foi submetida..."<sup>12</sup>*

Assim, as estrelas principais sempre foram as sociedade ligadas aos grupos tradicionais, que aprisionavam a psicanálise em seu poder, trazendo como consequência o impedimento de seu aprofundamento teórico.

E, como comentou Martins (tese de Ana Cristina), a não produção teórica dos psicanalistas brasileiros, acirra seu processo de alienação.

### **As escolas lacaniana e os grupos ...**

O lacanismo chegou no Rio na segunda metade da década de 70, como um dos movimentos que tentaria reagir ao enclausuramento da psicanálise junto aos médicos e às instituições "oficiais".

Esta escola, diferentemente dos outros movimentos, promoveu a difusão da psicanálise dentro de novos parâmetros, abrindo para psicólogos e leigos afeitos à psicanálise, se propôs a legitimar a formação desses novos grupos além de funcionar como revisor e atualizador do campo psicanalítico, através de uma proposta de retorno à ortodoxia freudiana.

---

<sup>12</sup> Carta de Jaime Monteiro Percira, chamada Tem Gato no Regimento Interno, do boletim interno do IMP

Como muito bem coloca Ana Cristina a difusão da psicanálise é uma questão política. A difusão do lacanismo favoreceu a saída de muitos psicólogos que estavam dirigidos para a prática da grupoterapia, levando-os para seus grupos de estudos e logo depois para suas sociedades.

O lacanismo, de uma certa maneira coloca, para alguns, o impedimento do trabalho com os grupos. Apesar de colocar a psicanálise como um campo de saber central em nossa época, o cotidiano de suas práticas se mostra fechado para os movimentos sociais. Cecília Coimbra mostra ter sido necessária uma oficialização dos chamados saraus lacanianos para que o movimento laciano se implicasse com os movimentos sociais. A psicanálise é considerada para os lacanianos o território mais importante; os movimentos sociais e o que se passa pelo mundo, simplesmente servem como complemento.

Para aqueles terapeutas que já se utilizavam do movimento dos grupos sem muita convicção, esta foi uma boa porta de saída. Além disso, o elitismo e a erudição, atraíram a muitos, da mesma maneira que a IPA seduziu a muitos "psis" no início do movimento psicanalítico.

O lacanismo, em certa medida, reforça a desvalorização das psicoterapias de grupo com fundamentação analítica. Além de justificativas teóricas contrárias às terapias de grupo, o lacanismo traz novos espaços de idealização que atraem aqueles que buscam no saber, instrumentos de poder.

Sua diferença para os outros movimentos da época reside no fato de que a teoria laciana oferece importante revisão da psicanálise que se encontrava sem "provocações" suficientes para se rever.

Neste sentido, o lacanismo não se reduz a mais um movimento contracultural com função de reagir à estratificação da IPA. Apesar de também cumprir essa função, não se reduz a um movimento reativo.

Como comentou Osvaldo Santos, a teoria lacaniana nos deu uma grande chance de repensar a psicanálise. Tivemos provocações suficientes para rever nossa fundamentação teórica, mas, lamentavelmente, alguns "viraram lacanianos" e outros rejeitaram o lacanismo, restando um número reduzido de profissionais que pode se enriquecer associando a teoria lacaniana ao conhecimento já existente.

O que pudemos perceber é que o lacanismo causou uma certa desarrumação nas terapias de grupo, mas a falta de um ideário teórico particular à psicoterapia de grupo com fundamentação analítica, nos impediu de usufruir da teoria lacaniana para justificar sua opção ou rejeição pelo lacanismo ou até mesmo, nos impediu de pensar os grupos sob a luz dos conceitos ou questionamentos de Lacan.

### **O atendimento às demandas começa a dispersar...**

Dentro da subjetividade da época a psicanálise atendia a uma demanda de modernidade que levava as pessoas a desejarem também buscar transformações em seus comportamentos. A revolução dos costumes que atravessávamos incluiu o desejo de um aprofundamento maior nas questões pessoais, até mesmo para dar conta das mudanças. Nossas famílias estavam impregnadas pelos novos modelos de juventude, pelas novas formas de expressão, pelos novos conceitos de saúde física e mental etc. As mulheres, por sua vez, promoviam transformações sociais que permitissem sua inserção no mercado de trabalho e no aumento de sua participação política, além das preocupações familiares.

Com o grande aumento dos profissionais da área "psi", esse caldo começou a ferver. A demanda por aprimoramento e especializações em saúde

mental, leva à criação de várias instituições que se dispunham a especializar os psicólogos que, não haviam sido incluídos ainda nas sociedades de psicanálise. As questões de controle de mercado fizeram com que essas sociedades só abrissem suas portas anos mais tarde, quando várias outras portas já haviam sido abertas para os psicólogos. Além disso foram abertas oportunidades muito mais baratas de acesso às novidades do mundo psi.

Apesar do aumento da demanda de atendimento psicoterápico, houve um aumento grande do número de profissionais, de possibilidades terapêuticas bem como de estabelecimentos visando formação profissional.

Essa demanda, que antes ficava à espera das Sociedades Psicanalíticas “oficiais”, e que depois foi atendida pelas psicoterapias de grupo, na década de 80, se dispersou, se dividindo por todas as alternativas que o “mercado” oferecia.

À medida que a classe média satisfaz sua demanda em relação à análise, algumas instituições se extinguiram e as psicoterapias de grupo se esvaziaram.



## A PROPÓSITO DE CONCLUIR...

Progressivamente, a partir da década de 50, o grupo transformou-se em objeto da prática clínica de uma parcela significativa de analistas do Rio de Janeiro, sem, no entanto, se produzir um saber que desse sustentação a esta prática.

Após um contínuo crescimento das grupoterapias de base analítica por mais de duas décadas, tendo como clientela psicólogos, estudantes e intelectuais da zona sul da cidade, constata-se o rápido declínio desta modalidade terapêutica entre os psicanalistas, ficando a grupoterapia hoje, reservada basicamente, aos indivíduos de baixa renda que freqüentam instituições da rede pública de atendimento de saúde mental e a poucos psicanalistas que ainda mantêm algum grupo em seus consultórios.

Nossa questão foi conhecer o que se passou para que isso acontecesse. Por que as grupoterapias analíticas tiveram tanta força nas décadas de 60 e 70 e por que o seu descenso logo a seguir? Por que este período não deixou de herança uma produção teórica consistente sobre os grupos?

Do que pudemos observar, inúmeros fatores favoreceram o desenvolvimento equivocado do movimento das grupoterapias de base analítica.

O mais importante deles, é que o "boom" dessas psicoterapias fez parte de um movimento maior de difusão da psicanálise que se encontrava aprisionada a uma estrutura rígida e elitizante, tentando manter uma ortodoxia freudiana, além de controlar um mercado de trabalho. Longe de se contrapor a uma psicanálise de indivíduo, como uma tentativa de enriquecer e democratizar a psicanálise, as grupoterapias fizeram parte do próprio movimento em que a rigidez e a ortodoxia das sociedades "ipeanas" restringiam o alcance da psicanálise, tanto como

terapêutica, quanto como profissão a uma pequena parcela privilegiada da classe média.

O poder conferido à psicanálise era de tal sorte, que nos autorizamos a transpor sua teoria a outro objeto de estudos, mesmo sem os questionamentos suficientes para isso. Na verdade o que foi feito, foi incluir o objeto de trabalho — grupo —, se utilizando dos estudos feitos a partir do indivíduo.

O movimento da psicanálise de grupo, vai promovendo algumas aberturas, mas, como inúmeros outros movimentos surgidos na década de 70, sempre tendo como referência maior as sociedades de psicanálise que se diziam oficiais. Diversos grupos que se instituíram com os objetivos de formação de psicanalistas, formações para psicólogos, especializações, seja em grupo, crianças, ou famílias, etc, tinham como referência o poder das sociedades oficiais.

Nesse aparente confronto, o que se via como consequência era a própria difusão da psicanálise e, no caso das grupoterapias, o desperdício de um dispositivo importante como alternativa terapêutica.

A pressão feita para que se aproveitassem os conceitos psicanalíticos nos grupos, fez com que desperdiçássemos rico material de pesquisa necessário na construção de teoria específica. O kleinianismo, forte corrente teórica na época, considerava o grupo como um indivíduo, o que, provocando algumas distorções, se mostrou insatisfatório.

As grupoterapias, por outro lado, não conseguiram se utilizar de maneira satisfatória do ferramental oferecido por nossos colegas argentinos, por questões que são apontadas como “fraqueza teórica” argentina inicialmente e, posteriormente, pelo atravessamento de comportamento arrogante portenho que se colocava como dono do saber.

Talvez por uma falta de aprofundamento teórico e pelo poder de controle com que as sociedades de formação individualizada exerciam, a prática psicanalítica de grupo tenha sido considerada uma terapia "menor". Apesar dessa desvalorização, a grupoterapia crescia, obturando as acusações de elitismo da psicanálise.

Associado a essa produção de subjetividade, a classe média demandava por "técnicas" que a fizessem digerir o processo de modernização dos costumes, numa época efervescente, com o advento da pílula, dos movimentos de contracultura, antipsiquiatria, movimento feminista, movimento hippie, revolução sexual etc...

Na verdade, muitas dessas questões foram canalizadas para as grupoterapias, mas, uma vez acomodada, a demanda da classe média por análise, o grupo retorna ao seu lugar de prática "menor" e menos nobre. As grupoterapias vão diminuindo muito em número, como se não fosse mais uma técnica considerada adequada para inserir o sujeito nos jogos de verdade em que se constitui o sujeito burguês.

O lacanismo veio acentuar a desvalorização da psicanálise de grupo, colocando todas essas práticas como "desvio" da verdadeira psicanálise.

As grupoterapias analíticas duraram enquanto ampliaram o mercado "psi" e transgrediram a rigidez das sociedades psicanalíticas da época. Realizadas essas demandas, acabaram-se os grupos, porque, na realidade, o alvo foi sempre a psicanálise individual, aquela que supostamente trabalha o "desejo", e não o "eu", aquela que marca distintivamente o corpo burguês, diferenciando-o do corpo proletário.

Por outro lado, existe uma formação de subjetividade determinando nos indivíduos uma constituição monádica. Além do capitalismo assegurar a premissa

de "farinha pouca, meu pirão primeiro", estimulando o fato de que o outro é um competidor a princípio, o avanço das comunicações eletrônicas alimenta um distanciamento que não nos favorece enquanto grupos.

A forma "grupo" parece não servir para produzir subjetividades individualistas, competitivas, pois que não se trata, em psicanálise, de "filantropia", "política" ou "socialidade", mas de "desejo", tomado fora do social.

Percebemos ter ainda muito a percorrer no que diz respeito a avaliar a demanda de nossa sociedade, sem confundirmos com nossas demandas pessoais.

Se hoje temos queixas de que desperdiçamos a possibilidade de valorizar e fundamentar um dispositivo de trabalho, isso se deve a um equívoco cometido em outras décadas, em que tivemos dificuldade em adequar nossas formações às necessidades de nossa sociedade, dificuldades em adequar as respostas que precisávamos dar aos problemas que a nós se apresentaram.

Nós, profissionais da área "psi", sofremos uma grave crise ideológica e temos uma interrogação frente a uma falta de perspectivas diante do futuro que se anuncia.

Contemprar passivamente a dimensão individual dos conflitos vividos por nossos pacientes, nos deixa em uma política de avestruz...mas como dizer do futuro que a humanidade encena? A consideração da realidade se impõe e não podemos viver apenas de trabalhar fantasias.

Entre todos os vínculos que se encontram modificados por conta das aceleradas modificações sociais, éticas etc. encontra-se o vínculo de auxílio na alteridade, no lugar do clínico ou do orientador, do terapêutico, ou do preventivo. Esse vínculo não pode representar um lugar passivo, nem desesperançado.

As inúmeras mudanças psicossociais sofridas por nossos clientes, invadem nossos gabinetes de trabalho com uma quantidade de conteúdos resultantes dos conflitos que se vêem envolvidos na realidade concreta de suas vidas.

Temos dúvidas sobre qual o espaço do psicoterapeuta de grupo nessa virada do século, marcada pelos avanços tecnológicos e pela integração mundial nos meios econômicos e de comunicação, marcada por um desemprego grande e...

*"...uma violenta exclusão de quatro quintos da humanidade do ciclo de produção e consumo criado pelo que se convencionou chamar de terceira revolução industrial, com o aumento insuportável da miséria, com a disseminação da AIDS, com o aparecimento de novas formas de violência, com a conglomeração do crime, com o crescimento exponencial do fanatismo beligerante dos fundamentalismos religiosos, com o reaparecimento do fascismo e recrudescimento do racismo".<sup>1</sup>*

O lugar do profissional "psi" é diferente do lugar daqueles que alimentam todo o tempo, a hegemonia dos pensantes e dos saberes; nosso lugar é, ao mesmo tempo o do intelectual, especializado e o do sujeito do pensar e do fazer, buscando sempre novas formas de fazer e novas formas de pensar.

Em mesa, cuja discussão temática era *O Homem e a Miséria: Limites ou Perspectivas para a Terapia de Grupo*, Marco Aurélio Velloso nos diz:

*"...entre os lutos que precisamos elaborar, está o luto do conforto para sempre perdido — ao menos para nossa geração — do gabinete analítico protegido do assédio constante e maciço da realidade de um mundo em profunda mudança..."<sup>2</sup>*

---

<sup>1</sup> Marco Aurélio Fernandes Velloso. A Anomia na Perspectiva do Século XXI, trabalho apresentado no 8º Congresso Brasileiro de Psicoterapia Analítica de Grupo, outubro 1994

<sup>2</sup> Idem.

## RELAÇÃO DOS ENTREVISTADOS

- (\*1) Antonio Dutra Jr.
- (\*2) Angela Baraf Podkameni
- (\*3) Carlos Castellar ( # )
- (\*4) Carmem Lent
- (\*5) Cecília Maria Bouças Coimbra
- (\*6) Chaim Samuel Katz
- (\*7) Edson Lannes
- (\*8) Eduardo Mascarenhas
- (\*9) Heliana Conde
- (\*10) Ernesto La Porta
- (\*11) Eustáquio Portella Nunes
- (\*12) João Batista Pereira
- (\*13) José Barbosa Vasco
- (\*14) José de Matos
- (\*15) Leão Cabernite
- (\*16) Luiz Alberto Pinheiro de Freitas
- (\*17) Luiz Alberto Py de Mello e Silva
- (\*18) Mariska Ribeiro
- (\*19) Osvaldo Santos
- (\*20) Paulo Cesar Muniz
- (\*21) Paulo Dias Corrêa
- (\*22) Silvana Vaz
- (\*23) Waldemar Zusman
- (\*24) Walderedo Ismael de Oliveira
- (\*25) Wilson de Lira Chebabi
- (\*26) Vera Silvia Magalhães

( # ) gravação da mesa "Os Pioneiros" no 8º Congresso de Psicoterapia Analítica de Grupo

## BIBLIOGRAFIA

1. BAHIA, Alcyon Baer. **Esquema para uma psicoterapia de grupo**, Jornal Brasileiro de Psiquiatria, vol VII, N° 4, ano 1958, IPUB.
2. BAREMBLITT, Gregório. **Ato Psicanalítico e Ato Político**, 1ª edição, SEGRAC, 1987, Belo Horizonte, M.G.
3. \_\_\_\_\_ (org.) **Grupos Teoria e Técnica**, 1º *Simpósio Internacional de Psicanálise, Grupos e Instituições*, no Rio de Janeiro, Biblioteca de Psicanálise e Sociedade - Graal, IBRAPSI, R. J., 2ª edição.
4. BARROS, R.B.B. **"Grupo: a afirmação de um simulacro"** - tese de doutorado PUC, S. P. 1994.
5. BIRMAN, Joel. **O Objeto na Teoria e Prática Psicanalítica**. Ed. Campus Ltda, R.J., 1984
6. CALLIGARIS, C. **A sedução totalitária**. *Clínica do Social*, São Paulo, Escuta, pg.105-118, 1991.
7. \_\_\_\_\_ **Entrevista**. *Anuário Brasileiro de Psicanálise*, Rio de Janeiro, Relume Dumará, pg.11-22, 1992/93.
8. \_\_\_\_\_ **"A pesca milagrosa"** *Anuário Brasileiro de Psicanálise*, Relume Dumará, 1991.
9. CASTELLAR, C. e FREITAS, L.A. **Crise da Adolescência**, Visão Psicanalítica, Ed. Rocco, R. J., 1989.
10. CHAUI, Marilena. **Convite à Filosofia**, Ed. Ática, 6ª edição, 1995, S. P.
11. CHEBABI, Wilson de Lira. **Sobre o emprego da psicoterapia de grupo em Psiquiatria**, Jornal brasileiro de Psiquiatria, vol IX, 1959, N° 1, IPUB
12. CHEBABI Wilson de Lira; Francisco de Chagas Pacheco. **Situação do Observador no Grupo terapêutico**. Jornal Brasileiro de Psiquiatria, vol IX- ano 1959, N° 1, IPUB
13. CHEBABI Wilson de Lira; Silvio Menezes; Ernesto La Porta; José Cândido Basto. **Impressões sobre um grupo de esquizofrênicos**. Jornal Brasileiro de Psiquiatria, vol IX, ano 1959, N° 1, IPUB.

14. COIMBRA, C.M.R. **Gerentes da ordem, Algumas práticas "psi" nos anos 70 no Brasil.** Tese de mestrado, S.P. 1992.
15. COSTA, J. F. (1991) **Psiquiatria burocrática: duas ou três coisas que sei dela,** *Clínica do Social*, Rio de Janeiro, Scuta, 39-74.
16. \_\_\_\_\_ (1988) **Narcisismo em tempos sombrios.** *Percursos na História da psicanálise*, 151-174
17. FIGUEIREDO, Ana Cristina Costa. **Estratégias de difusão do movimento psicanalítico no Rio de Janeiro. 1970/1983.** Dissertação de Mestrado.
18. FLORENCE, Maurice. **Verbetes Michel Foucault,** Dictionaire des Philosophies - Paris, PUF, 1984, vol. 1, pp 941-944.
19. FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder.** Rio de Janeiro, Ed. Graal Ltda, 1993.
20. \_\_\_\_\_. **A Verdade e as Formas Jurídicas,** Cadernos da PUC, Série Letras e Arte, N° 16, R.J. 1991.
21. \_\_\_\_\_. **"Omnes et Singulatim":** por uma Crítica da Razão Política- Revista Cebrap, tradução de Heloisa Jahn.
22. \_\_\_\_\_. **Dois Ensaio sobre o Sujeito e o Poder** "in Hubert Dreyfus e Paul Rabinow, *Un Parcours Philosophique*, Ed. Gallimard, Paris, 1984.
23. FREUD, S. **"A História do Movimento Psicanalítico"** (1914), Obras Completas; Edição *Standard Brasileira*, Rio de Janeiro, Imago, 1969, Vol. XIV.
24. \_\_\_\_\_. **"Linhas de Progresso na Terapia Psicanalítica"** (1918), Obras Completas; Edição *Standard Brasileira*, Rio de Janeiro, Imago, 1969, Vol. XVII.
25. \_\_\_\_\_. **"Prefácio ao Relatório sobre a Policlínica Psicanalítica de Berlim"** de Max Eitingon; Obras Completas, Edição *Standard Brasileira*, Rio de Janeiro, Imago, 1969, Vol. XIX.
26. \_\_\_\_\_. **"A Questão da Análise Leiga"** (1926); Obras Completas; Edição *Standard Brasileira*, Rio de Janeiro, Imago, 1969, Vol. XX.
27. \_\_\_\_\_. **"Prefácio a Ten Years of the Berlin Psycho-Analytic Institute"** (1930); Obras Completas, Edição *Standard Brasileira*, Rio de Janeiro, imago, 1969, Vol. XXI.
28. GUIMARÃES, N. A. **"A prática da Psicologia Clínica em Questão: Considerações sobre a inserção do psicólogo clínico"**, dissertação de mestrado, PUC- RJ, 1982.



29. IBRAHIM, César Mussi. **As clínicas sociais psicanalíticas do Rio de Janeiro: um estudo sobre a possibilidade de expansão social da psicanálise**, abril de 1992, Dissertação de mestrado, PUC, Rio.
30. LA PORTA, Ernesto. **Generalidades e histórico da psicoterapia de grupo no Brasil**, *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, vol VII, 1958, IPUB.
31. \_\_\_\_\_ . **Marcos teóricos de referência da Psicoterapia de Grupo**, *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, vol. IX, ano 1959, N° 1, IPUB.
32. LIMA F. Heitor de Andrade. **Contribuição ao Estudo dos Papéis desempenhados em Psicoterapia de Grupo**, *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*- vol IX, ano 1959, No 1, IPUB.
33. KATZ, C.S. (1984) **Ética e Psicanálise**, Rio de Janeiro, Graal.
34. KATZ, C. S.e outros ( 1974) Hélio Pelegrino (coordenador). **Psicanálise em Crise**, *Conscientia 1*, Editora Vozes, Petrópolis, pg.51
35. Luiz Cerqueira. **Notas sobre o observador no grupo terapêutico**. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, vol IX, N° 3, ano 1960.
36. MORAES, Lucia Maria O. "**Institucionalismo Carioca: Uma Novela Familiar** ", Dissertação de mestrado, IMS- RJ 1994.
37. OLIVEIRA ,Walderedo Ismael. **Sobre a Psicoterapia de Grupo**, *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, vol VII, ano 1958, IPUB.
38. OLIVEIRA Walderedo Ismael; Mara Sivini de Souza; Luiz Cerqueira. **Criação Artística, Destruição e Impulsos Reparadores do Grupo**, *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, vol. IX- ano 1959- No 1, IPUB.
39. OLIVEIRA Walderedo Ismael; Heitor de Andrade de Lima Filho. **Conflito edipiano e inveja no grupo terapêutico**, *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, vol IX- ano 1959- No 1, IPUB
40. PICHON RIVIÈRE, Enrique. **Contribuições à didática da Psicologia Social**; colab. Ana P. de Quiroga; trad. de Marco A. F. Velloso, *in O Processo Grupal*. São Paulo , Martins Fontes, 173-181.
41. RODRIGUES, H. B. C. "**As subjetividades em revolta**" **Institucionalismo francês e outras análises**, Dissertação de mestrado, IMS, RJ-1993
42. RUSSO, J. E SILVA F°, J.F.(orgs.) **Duzentos Anos de Psiquiatria**, Ed.UFRJ, Relume Dumará, 1992
43. SAIDON, O. e co-autores. **Práticas Grupais**, Ed. Campus, R.J.,1983
44. SODRÉ, Muniz. "**Grupo, Indivíduo, Psicanálise**", *Anuário Brasileiro de Psicanálise*, Relume Dumará- 1991

45. SOUZA, O. (1991) **Reflexão sobre a extensão dos conceitos e da Prática, Clínica do Social**, São Paulo, Scuta. 75-92
46. VELLOSO, Marco Aurélio Fernandes. **A Anomia na Perspectiva do século XXI**, trabalho apresentado no 8º Congresso de Psicoterapia Analítica de Grupo, 1994, R.J.
47. VEYNE, P. **Como se escreve a história — Foucault revoluciona a história**. Cadernos da UNB, Brasília, 1982.

## OUTROS DOCUMENTOS

- ⇒ Programa do curso da SPAG RJ, 1995 *Formação Permanente, continuando...um caminho*
- ⇒ Anais do III Encontro Luso brasileiro de Grupanálise e Psicoterapia Analítica de Grupo 1994
- ⇒ Plano Geral de Administração da ABPAG no biênio 93/94
- ⇒ Projeto da Clínica Social de Psicanálise Anna Katrin Kemper- *Reflexão Histórica sobre sua função político/social- 1987*.
- ⇒ Texto no 5 - Boletim nº 10 da Sociedade de Psicanálise do Rio de Janeiro setembro de 1985.
- ⇒ Estatutos Sociais da SPAG- RJ.
- ⇒ Estatutu da Sociedade Psicanalítica Gradiva.
- ⇒ Estatutos Sociais da SPAG E Rio.
- ⇒ Programa de Curso da Sociedade Psicanalítica Gradiva.
- ⇒ Programa de Curso da Sociedade de Psicoterapia Analítica de Grupo E. Rio.
- ⇒ Transcrição de gravações do 8o Congresso de Psicoterapia Analítica de Grupo - 1994.
- ⇒ Currículo Básico do Curso de Formação de Terapeutas de Grupo da SPAG E Rio.
- ⇒ Relatório do 1o Congresso Brasileiro de Psicoterapia de Grupo.
- ⇒ Discurso de inauguração da 1a Sociedade de Grupo do Rio de Janeiro.
- ⇒ Boletins do Instituto de Medicina Psicológica.

- ⇒ Programa do 1º Simpósio Internacional de Psicanálise Grupos e Instituições, 1978.
- ⇒ Programa da Jornada de Psicanálise e Pediatria - do IBRAPSI 1979.
- ⇒ Relatórios do 5º Congresso de Psicoterapia Analítica de Grupo.

## ANEXO 1

### UMA REFERÊNCIA CRONOLÓGICA (\*)

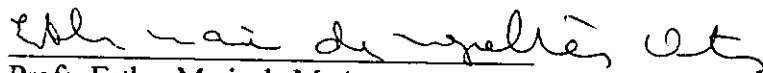
- 1951** 1º grupo terapêutico — no Serviço Nacional de Doenças Mentais, Dr. Alcyon Baer Bahia, sob o influxo dos ensinamentos de Pichon-Rivière
- 1953** fundado o Instituto de Medicina Psicológica — por Iracy Doyle — só para médicos
- 1955** fundada a SPRJ — Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro — pelo grupo de Werner Kemper — só para médicos
- 1956** começam os estudos psicanalíticos de grupo com Werner Kemper dentro da SPRJ — só para os médicos que fazem formação na sociedade
- 1957** fundada a SBPRJ — Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro — pelo grupo ligado a Mark Burke, psicanalistas formados na Argentina e Londres — só para médicos
- \_\_\_\_\_ Congresso Latino Americano de Grupo na Argentina — início do "boom" na Argentina — lançado o livro Psicoterapia de Grupo — um enfoque psicanalítico, de Grinberg, Marie Langer e Rodrigué
- \_\_\_\_\_ início dos grupos no IPUB (Instituto de Psiquiatria da Universidade do Brasil) sob coordenação de Dr. Walderedo Ismael de Oliveira chegado da Argentina em 1951
- 1958** fundada a Sociedade Brasileira de Psicoterapia de Grupo — originário do IPUB (em 1969 — SPAG Gb; hoje SPAG E Rio), só para médicos
- 1961** fundada a Sociedade de Grupoterapia Analítica do Rio de Janeiro — por Werner Kemper — só para médicos
- 1963** fundação da ABPAG — Associação Brasileira de Psicoterapia de Grupo
- 1968** fundação da 1ª Comunidade Terapêutica — na seção Olavo Rocha do Hospital Odilon Galloti — Dr. Osvaldo Santos e Wilson Simplicio (ambos da SPRJ.)

- 1969** fundação da Comunidade Terapêutica Hospital Pinel — Dr. Eustáquio Portella e Roberto Quilelli (ligados à SPRJ)
- \_\_\_\_\_ fundação do Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro — por Kattrin Kemper (ex-analista didata da SPRJ) — aberta a médicos e psicólogos
- 1970** criação do IOP — Curso promovido por Fábio Leite Lobo — convida argentinos para dar seminários sobre infância e adolescência — aberto a profissionais de outras áreas
- 1971** fundação da SPCRJ — Sociedade de Psicologia Clínica — 1ª sociedade exclusivamente para psicólogos
- 1972** fundação da APPIA-RJ — Associação de Psiquiatria e Psicologia da Infância e Adolescência do Rio de Janeiro) — aberta a psicólogos
- \_\_\_\_\_ fundação da Clínica Social de Psicanálise — por Kattrin Kemper e Hélio Pellegrino
- \_\_\_\_\_ fundação do CESAC — Centro de Estudos de Antropologia Clínica
- 1973** dissolvida a SGA RJ (Sociedade de Grupoterapia Analítica do Rio de Janeiro)
- 1974** fundação da SPAG RJ, fundada por psicanalistas da SPRJ com 212 membros
- \_\_\_\_\_ fundação da SPID — Sociedade Psicanalítica Iracy Doyle, aceitando psicólogos
- 1976** fundação do Colégio Freudiano do Rio de Janeiro — Magno Machado Dias e Betty Milan — lacaniano
- 1978** fundação do IBRAPSI — Instituto Brasileiro de Psicanálise, Grupos e Instituições — por Gregório Barembliitt, Luis Fernando de Mello Campos e Chaim Katz
- \_\_\_\_\_ fundação da SEPLA — Sociedade de Estudos Psicanalíticos Latino Americanos — Luiz Paiva de Castro — aberta a todos os profissionais
- 1979** fundação da Clínica Terra — fundada por três psicólogos — trabalhando com grupos operativos
- \_\_\_\_\_ fundação do IFP — Instituto Freudiano de Psicanálise — fundado por psicólogos — lacaniana
- 1980** SPAG E Rio — abre formação para psicólogos
- \_\_\_\_\_ SPAG R.J. — abre formação para psicólogos
- \_\_\_\_\_ SPRJ — abre formação para psicólogos
- \_\_\_\_\_ SBPRJ — abre formação para psicólogos

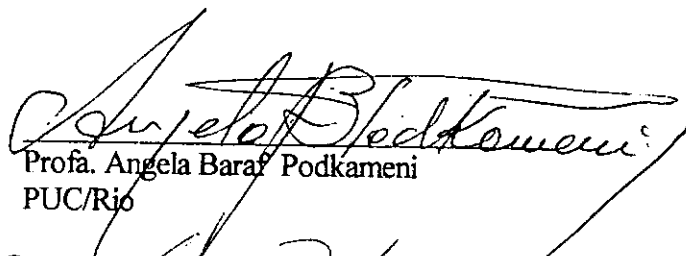
- 1981** fundação da Letra Freudiana — Dr. Eduardo Vidal — lacaniana — com os membros da SEPLA — aberta a todos os profissionais
- 1982** fim da APPIA
- 1983** proposta de criação de um Conselho Nacional de Associações das Sociedades de Psicoterapia Analítica de Grupo, para substituir a ABPAG
- 1985** fundação da Livre Associação Psicanalítica — Grupos Operativos como modelo de trabalho — aberta a todos os profissionais
- 1989** fundação da CENA — Psicanálise e Cultura do Rio de Janeiro — Freud e Lacan — aberta a todos os profissionais
- 1990** fundação do Corte Freudiano Associação Psicanalítica — Antonio Quinet — lacaniana — aberta a todos os profissionais
- 1991** fundação da Causa Analítica — EDCA — lacaniana
- \_\_\_\_\_ encerramento da Clínica Social de Psicanálise
- 1994** SPAG R.J. passa a ser Sociedade de Psicanálise Gradiva.

(\* Incluir esta referência — que não preende ser assertiva — por julgar ser, por vezes útil, alguma orientação cronológica.

Dissertação apresentada ao Departamento de Psicologia da PUC-Rio pela aluna Vilma Rangel, intitulada "A psicoterapia de grupo com fundamentação psicanalítica - um rosto carioca", e aprovada pela Banca Examinadora constituída pelas seguintes Professoras:



Profª. Esther Maria de M. Arantes  
Orientadora - PUC/Rio



Profª. Angela Baraf Podkameni  
PUC/Rio



Profª. Junia de Vilhena  
PUC/Rio



Profª. Heliana de Barros Conde  
UERJ

Visto e permitida a impressão  
Rio de Janeiro, 29 de abril de 1996.



Prof. Jurgen Heye  
Coordenador dos Programas de Pós-Graduação do Centro de  
Teologia e Ciências Humanas